

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

CAMPUS DE TRÊS LAGOAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM GEOGRAFIA

**A EXPANSÃO DO CAPITAL E AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO NA
CIDADE DE TRÊS LAGOAS-MS**

ENTRE OS ANOS DE 2000 A 2020

JOÃO LUIZ DA SILVA

TRÊS LAGOAS – MS

2021

JOÃO LUIZ DA SILVA

**A EXPANSÃO DO CAPITAL E AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO NA
CIDADE DE TRÊS LAGOAS-MS
ENTRE OS ANOS DE 2000 A 2020**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Geografia/CPTL/UFMS – Área de concentração, Análise Geoambiental e Produção do Território, linha de pesquisa Dinâmica Territorial na Cidade e no Campo, como exigência final para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob a Orientação da Prof. Dr. Evandro Cesar Clemente.

TRÊS LAGOAS – MS

2021

JOÃO LUIZ DA SILVA

**A EXPANSÃO DO CAPITAL E AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO NA
CIDADE DE TRÊS LAGOAS-MS**

ENTRE OS ANOS DE 2000 A 2020

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Geografia/CPTL/UFMS – Área de concentração, Análise Geoambiental e Produção do Território, linha de pesquisa Dinâmica Territorial na Cidade e no Campo, como exigência final para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob a Orientação da Prof. Dr. Evandro Cesar Clemente.

Resultado: aprovado

Três Lagoas, MS, 02 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Evandro Cesar Clemente. UFMS/CPTL

Prof. Dr. Vitor Miyazaki. FACIP/UFU

Profa. Dra. Patrícia Helena Milani. UFMS/CPTL – Membro Titular.

TRÊS LAGOAS-MS

2021

JOÃO LUIZ DA SILVA

**A EXPANSÃO DO CAPITAL E AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO NA
CIDADE DE TRÊS LAGOAS-MS
ENTRE OS ANOS DE 2000 A 2020**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Geografia/CPTL/UFMS. Como exigência final para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob a Orientação da Prof. Dr. Evandro Cesar Clemente.

Orientador; Prof. Dr. Evandro Cesar Clemente.

Área de Concentração

Análise Geoambiental e Produção do Território

Linha de Pesquisa

Dinâmica Territorial na Cidade e no Campo

.

AGRADECIMENTOS

Momento de gratidão é sempre especial, pois nos lembra que não podemos conquistar nada sozinhos nesse mundo, por isso quero primeiramente agradecer a Deus por seus socorro sempre presente e o fortalecimento que tem me dado sem o qual eu nada poderia fazer, agradeço muito a minha família, a querida esposa senhor Sirley Siqueira de Brito da Silva, por seu apoio, ajuda, carinho e incentivo, às minhas filhas pela inspiração para que eu dê sempre o melhor de mim, agradeço aos meus pais, senhor João Miranda da Silva e dona Ivone Tarifa da Silva (*in memoriam*), pescadores, ribeirinhos dos Rio Paraná que trabalharam noite e dia para que eu pudesse estudar e chegar onde cheguei, eles sempre foram motivo de orgulho e um exemplo a ser seguido.

Agradeço a todos os professores e coordenadores e equipe técnica do curso de Pós-Graduação em Geografia por sua dedicação, prestatividade e orientação. Também quero registrar minha gratidão a todos aqueles que vieram ante de mim, aos ex-alunos, hoje mestre e doutores sem os quais esse trabalho não poderia ser realizado pois foram eles que abriram o caminho e deram riquíssimas contribuições para nós e para as futuras gerações.

Esse é o grande mistério das cidades: elas crescem e se modificam, guardando porém sua alma profunda apesar das transformações do seu conteúdo demográfico, econômico e da diversificação de suas pedras.

(Milton Santos)

RESUMO

A partir do ano 2000, o município de Três Lagoas MS passou a experimentar um rápido crescimento de seu parque industrial. Isso ocorreu devido a tentativas do Estado brasileiro de descentralizar o complexo industrial, originalmente concentrado principalmente no Sudeste, em especial São Paulo. O objetivo desta dissertação foi entender essa expansão do capital e as transformações ocasionadas no espaço urbano na cidade de Três Lagoas-MS, tendo com recorte temporal o período entre os anos de 2000 a 2020. A análise qualitativa e quantitativa dos dados empíricos tanto quanto a pesquisa bibliográfica buscou identificar os fatores que contribuíram para que esse processo de industrialização tivesse início. Por meio dos dados de fontes secundárias levantados junto aos órgãos públicos e observações feitas pelo autor em trabalho de campo identificamos como o principal efeito dessa expansão do capital, o crescimento demográfico provocado pela vinda de um grande número de trabalhadores para a cidade, o que, por sua vez, aliado a outros elementos como a ação de incorporadores urbanos, gerou um aumento significativo na especulação imobiliária. O resultado disso, foi a expansão da malha urbana da cidade de Três Lagoas bem como o surgimento de novos espaços segregados. Percebemos também que esse processo de industrialização de Três Lagoas foi propiciado através da construção, por parte do Estado, de uma infraestrutura voltada para atender às necessidades de expansão do grande capital com a construção de estradas de rodagem ligando o litoral ao interior do país, a criação de uma rede de telecomunicações que permitissem o gerenciamento de novas filiais a partir da cidade de São Paulo, avanços tecnológicos nas áreas da agricultura de *commodities*, expandindo a fronteira agrícola para a região Centro Oeste e, também, na criação de incentivos fiscais, subsídios e demais medidas para estimular o deslocamento da indústria para regiões mais distantes. Todo esse conjunto de ações do Estado somados aos recursos naturais disponíveis na região de Três Lagoas como: terras de pastagens já desmatadas e topografia plana que facilita o monocultivo de eucalipto, transformaram o município em área atrativa para a expansão do grande capital. Dessa forma, a partir do ano 2000, o município passou a experimentar um grande crescimento de seu parque industrial. Esse processo de industrialização ganhou impulso com chegada de duas grandes plantas industriais de celulose e papel a partir de 2006, a International Paper, hoje Suzano, e da Eldorado Brasil Papel e Celulose, consideradas as maiores papeleiras do país. Juntamente com elas, outras empresas também se instalaram no local, o que tem provocado uma série de impactos sociais e físicos que influenciaram na transformação de seu espaço urbano.

Palavras chaves: Três Lagoas-MS. Expansão do Capital. Infraestrutura. Urbanização. Cidade. Produção do espaço urbano.

ABSTRACT

From the 2000s, the municipality of Três Lagoas MS began to experience a rapid growth of its industrial park. This was due to attempts by the Brazilian State to decentralize the industrial complex, originally concentrated mainly in the Southeast, in particular São Paulo. The objective of this dissertation is to try to understand the territorial effects of this capital expansion and the transformation of the urban space in the city of Três Lagoas-MS, with a period between the years 2000 to 2020. The qualitative analysis of the empirical data as much as the bibliographic research sought to identify the factors that contributed to the beginning of this industrialization process, and through the empirical data collected from public agencies and observations made by the author in fieldwork, we identified that the demographic growth caused by the coming of a large number of workers for the city generated a significant increase in real estate speculation, which in turn caused the expansion of the urban fabric of the city of Três Lagoas as well as the emergence of segregated spaces as the main ones. We also noticed that this industrialization process in Três Lagoas was propitiated through the construction, by the State, of an infrastructure geared to meet the needs of expansion of the big capital with the construction of highways connecting the coast to the interior of the country, the creation of a telecommunications network that would allow the management of new branches from the city of São Paulo, technological advances in the areas of commodity agriculture, expanding the agricultural frontier to the Midwest region, and also in the creation of tax incentives for stimulate the movement of industry to more distant regions. This whole set of State actions added to the natural resources available in the Três Lagoas region, such as: lands of pastures already deforested and flat topography that facilitates eucalyptus monoculture, transformed the municipality into an attractive area for the expansion of big capital. Thus, from the year 2000, the city began to experience a great growth in its industrial park. This industrialization process gained momentum with the arrival of two large industrial pulp and paper plants in 2006, International Paper, now Suzano, and Eldorado Brasil Papel e Celulose, considered the largest papermakers in the country. Together with them, other companies have also installed themselves in the place, which have caused a series of social and physical impacts and influenced the transformation of their urban space. Within the objective of this work to study these effects of the capital expansion in Três Lagoas-MS, we are aware of the impossibility of presenting in this text all or even a large number of these effects, so we focus primarily on the agents that most influenced the transformation of the urban space of the city.

Keywords: Três Lagoas-MS. Capital Expansion. Infrastructure. Urbanization. City. Production of urban space.

LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 – Crescimento populacional do Brasil entre os anos 1940 a 2020.....	24
Gráfico 2 - Urbanização brasileira entre os anos de 1940 a 2020.	25
Gráfico 4 - Município de Três Lagoas: saldo ajustado do emprego no período de 2002 -2019	72
Gráfico 5 - Três Lagoas: PIB no período de 1999 a 2019.....	74
Gráfico 6 - Arrecadação de impostos do município de Três Lagoas-MS.....	75
Gráfico 7 - Local de origem dos trabalhadores da indústria do município de Três Lagoas entre os anos de 2000 a 2007.....	92
Gráfico 8 - Crescimento populacional de Três Lagoas-MS, entre os anos de 2000 a 2020.....	94

LISTA DAS FOTOS

Foto 1 - Outdoor de celebração dos 104 anos de Três Lagoas.....	76
Foto 2 - Propaganda paga colocada na revista Veja.....	77
Foto 3 - Imagem de satélite de alojamentos de grande porte em Três Lagoas.....	83
Foto 4 - alojamento da UFN3.....	85
Foto 5 – Residenciais Novo Oeste e Orestinho.....	104
Foto 6 – adaptações feitas pelos moradores do conjunto Novo Oeste.....	105
Fotos 8 - Proximidade da malha urbana de Três Lagoas-MS e Rio Paraná.....	125
Foto 9 - Loteamento Ipê 4.....	126
Foto 10 – Bairros carentes da área Oeste da cidade. Três Lagoas –MS.....	128
Foto 11 - Paisagem limite da malha urbana a Norte da cidade de Três Lagoas-MS.....	130

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1 - Limites Geográficos de Mato Grosso do Sul e principais vias de transporte.	51
Figura 2 - Expansão dos pontos de industrialização de SP/MS (1975 a 2002)	56
Figura 3 - Situação produtiva potencial dos polos de Mato Grosso do Sul.....	58
Figura 4 – Localização da Região de Planejamento do Estado de Mato Grosso do Sul - Bolsão	60
Figura 5 - Localização geográfica do município de Três Lagoas-MS.....	61
Figura 6 – Corredor Rodoviário Biocênico.....	64
Figura 7 - localização dos alojamentos de grande porte para operários.....	81
Figura 8 - Localização das cidades circunvizinhas a Três Lagoas em MS e SP.....	91
Figura 09 - Conjuntos de moradias verticais no município de Três Lagoas – MS....	101
Figura 10 - Localização dos espaços residenciais fechado (2020)	107
Figura 11 - limites fluviais de Três Lagoas – MS a Leste e ao Norte.....	110
Figura 12 - Diferenciação do Território Urbano em Macrozonas de Expansão.....	113
Figura 13 – Vetores de Expansão das Áreas Urbanas.....	115
Figura 14 - Três Lagoas: expansão da malha urbana entre os anos de 2009 e 2020.....	117
Figura 15 – Três Lagoas: pequenas centralidades comerciais nos bairros da cidade.....	120
Figura 16 - Três Lagoas: loteamentos abertos.....	123
Figura 17 - Três Lagoas: área de Expansão Leste.....	124
Figura 18 - Três Lagoas Área de Expansão Sul.....	126
Figura 19 - Três Lagoas: área de expansão na região Oeste da cidade.....	127
Figura 20 - Três Lagoas: segunda área de expansão na porção Oeste de Três Lagoas- MS.....	129
Figura 21 - Três Lagoas: zona de expansão ao Norte da cidade de Três Lagoas- MS.....	130

LISTA DAS TABELAS E QUADROS

Tabela 1 - Indústrias Instaladas no município de Três Lagoas-MS no período de 2001 a 2019.....	70 e 71
Tabela 2 - Crescimento econômico da cidade de Três Lagoas – MS entre os anos 2000 a 2020.....	73
Tabela 3 - Crescimento populacional do município de Três Lagoas-MS 2000 a 2020.....	93
Quadro 1 – relação de loteamentos entre os anos 2000 a 2020.....	122

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1. INTRODUÇÃO.....	16
2. EXPANSÃO DA INFRAESTRUTURA PARA O INTERIOR DO BRASIL	23
2.1. A GUERRA FISCAL.....	43
2.2. AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NAS CIDADES BRASILEIRAS EM VIRTUDE DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE.....	47
2.3. A POSIÇÃO GEOGRÁFICA PRIVILEGIADA DE TRÊS LAGOAS E DE MATO GROSSO DO SUL.....	49
2.4. TRÊS LAGOAS, O POLO REGIONAL DO LESTE DE MATO GROSSO DO SUL.....	59
3. A EXPANSÃO DO CAPITAL E AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO NA CIDADE DE TRÊS LAGOAS ENTRE OS ANOS DE 2000 A 2020.....	72
3.1. A EXPANSÃO DO CAPITAL E A GERAÇÃO DE EMPREGOS, CRESCIMENTO DO PIB E DA ARRECADAÇÃO DO MUNICÍPIO.....	72
3.2. A EXPANSÃO DO CAPITAL E O CRESCIMENTO POPULACIONAL.....	75
3.3. A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE TRÊS LAGOAS.....	95
3.4. AS NOVAS FORMAS DE MORAR EM TRÊS LAGOAS, A VERTICALIZAÇÃO DAS MORADIAS.....	98
3.5. A EXPANSÃO DA MALHA URBANA DE TRÊS LAGOAS ENTRE OS ANOS 2000 A 2020.....	109
3.5.1. PRINCIPAIS ÁREAS DE EXPANSÃO DA MALHA URBANA DA CIDADE...	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135

APRESENTAÇÃO

O texto aqui apresentado ao leitor é fruto do conjunto de resultados do esforços no âmbito da pesquisa acadêmica para investigar os fenômenos ocorridos na cidade de Três Lagoas-MS, somados às experiências vividas por nós, uma vez que também estamos inseridos no contexto da vida cotidiana desta cidade.

Durante os últimos 18 anos temos atuado como pastor evangélico na cidade e, também em virtude de nossa formação acadêmica em Licenciatura Plena em História pela UFMS/CPTL a partir de 1998. Essa formação e o contato constante com as comunidades mais carentes da cidade nos permitiu uma visão acurada e investigativa da realidade e dos processos de transformação que ocorrem incessantemente à nossa volta.

Em virtude disso podemos compartilhar também nossas experiências com o leitor, a fim de trazer uma visão mais próxima da realidade do que ocorreu no espaço Urbano de Três Lagoas-MS, não apenas através de referenciais teóricos mas também na vida cotidiana de nossos cidadãos.

A somatória dos esforços das observações e vivências pessoais, juntamente com o embasamento teórico apreendido por meio da pesquisa acadêmica e da experiências vividas no curso de mestrado no PPGEIO/UFMS/CPTL, estão aqui sintetizadas em uma tentativa de contribuir para a construção do conhecimento sobre os processos ocorridos no município de Três Lagoas-MS nas duas primeiras décadas do século XXI.

Para alcançarmos o objetivo proposto por essa pesquisa, adotamos uma metodologia qualitativa e quantitativa para análise dos dados, tendo como ponto de partida uma ampla pesquisa bibliográfica em autores como Santos (1988,1993), Sposito (1988), Silva (2009), Correa (2009), Oliveira (2016) e Marx (2011).

Realizamos também uma pesquisa bibliográfica em trabalhos já realizados por autores e autoras locais como, Aranha-Silva (2007, 2008, 2010, 2013, 2015, 2020), Milani (2009, 2011, 2012), Perpetua (2016), Ferreira (2016).

Quanto aos trabalhos de campo, foram necessárias novas estratégias para vencer as dificuldades impostas pela pandemia da COVID-19, devido às exigências

de isolamento social tomadas pelo conselho de biossegurança do município e da UFMS.

Os obstáculos enfrentados no decorrer da pesquisas foram vários, como a já citada pandemia da COVID-19, que em seu período mais crítico obrigou o fechamento dos laboratórios e biblioteca da UFMS/CPT, dificultando muito o trabalho de pesquisa e a interação com os demais acadêmicos. Além disso, teve, a falta de dados por parte das secretarias da Prefeitura Municipal de Três Lagoas, onde também percebemos uma má vontade por parte dos servidores em fornecerem as informações solicitadas, muitas vezes por não compreenderem a importância da pesquisa científica.

A coleta de dados junto às empresas também enfrentou vários percalços, pois muitas fecharam seus escritórios em virtude da quarentena e não dispunham das informações online, ou também se negavam a fornecê-las por telefone ou e-mails. Quase sempre percebemos um certo receio por parte dos funcionários em nos atender, uma desconfiança, de que fossemos, ou não, realmente pesquisadores.

Optamos também por coleta de dados nos sites da Prefeitura Municipal de Três Lagoas e nas páginas virtuais das empresas privadas instaladas na cidade. Quando possível, foram realizadas observações, com os agentes que atuaram junto aos operários que migraram para Três Lagoas no período de construção das fábricas de celulose, e, também, aqueles que trabalham no mercado imobiliário local, corretores de imóveis e proprietários de imobiliárias. Também compartilhamos nesse texto nossa própria experiência como morador local e nossa atuação como líder religioso e comunitário.

Dessa forma, foram agendadas reuniões e conversas casuais, com trabalhadores que atuaram na hospedagem dos operários, as chamadas repúblicas de trabalhadores, com o intuito de compreendermos como eram as condições de vida desses migrantes durante o tempo em que estavam na cidade.

Optamos pela estratégia de conversas casuais, sem a utilização de gravador ou um questionário físico no local, as questões de interesse como: número de pessoas hospedadas, tempo de duração do trabalho, regras de convivência nas casas e problemas mais comuns existentes nesse tipo de trabalho, eram memoriadas previamente pelo autor para facilitar o diálogo. Caso surgissem dúvidas durante os encontros, tínhamos também questões anotadas no celular em que podíamos

consultar discretamente sem criar um ambiente de entrevista ou interrogatório. Esse método nos permitiu uma maior flexibilidade durante os diálogos e a introdução de novas questões não previstas anteriormente.

Para encontros e observações junto aos proprietários de imobiliárias, foram utilizadas as metodologias citadas anteriormente. A única diferença é que os proprietários nos atenderam em seus escritórios, também no estilo de conversas casuais. Nesse caso, as questões foram preparadas com o objetivo de entender as flutuações existentes entre oferta e procura do mercado imobiliário e as problemáticas inerentes à especulação imobiliária.

Nesse período foi possível o agendamento presencial com cinco imobiliárias. Felizmente esse setor do mercado dispõe de um vasto sistema de divulgações de imóveis via sites na internet, tanto para locação ou venda. Além disso, os corretores, prestam um excelente serviço de atendimento e informações via telefone ou aplicativos de conversas como whatsapp, isso facilitou muito o trabalho e pesquisa. Esses diálogos via telefone foram mais diretos para coletas de dados quantitativos em relação ao valor de imóveis, tanto para locação quanto venda.

Nessas conversas casuais indagamos a respeito dos valores dos imóveis destinados à locação e venda, o tamanho dessas moradias, tendências do mercado nos últimos anos, novas opções para as classes mais carentes, o crescimento dos conjuntos de apartamentos e qual é o público que mais tem procurado esse tipo de habitação. Também foram trabalhadas outras questões espontâneas que surgiram no decorrer dessas conversas. Em todos os casos, as principais observações foram anotadas em um fichário, ou no próprio aparelho celular, e, posteriormente, analisadas no texto.

Para compreendermos melhor as transformações no espaço geográfico da cidade, foram realizados mapeamentos utilizando veículo próprio, observações gravadas e fotografadas em aparelho de celular e GPS. Para identificação correta das localizações desejadas. Os dados eram registrados em croqui da planta baixa da cidade e posteriormente transferidas para imagens de satélites capturadas usando Google Maps e Google Earth Pro, que utilizam imagens dos satélites Landsat e Copernicus, para a montagem das figuras aqui apresentadas.

Todo esse conjunto metodológico foi empreendido com o objetivo de entendermos as transformações no espaço urbano na cidade de Três Lagoas-MS, em decorrência da expansão do capital nas duas primeiras décadas do século XXI, bem como os efeitos diretos gerados a partir disso no espaço urbano, como o crescimento demográfico, a especulação imobiliária, a expansão da malha urbana e o surgimento de espaços segregados.

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul, tem passado por um período de grande expansão do capital a partir de grandes investimentos, principalmente entre os anos 2000 a 2020. Tais investimentos aceleraram o seu processo de industrialização, principalmente a partir do ano de 2006 quando iniciaram-se as instalações das plantas baixas de duas grandes papelarias, a Suzano Papel e Celulose e a Eldorado Brasil (PERPETUA, 2016).

Esse processo tem gerado consideráveis transformações no município e também em seu espaço urbano, o que por consequências provocou profundas mudanças em suas estruturas econômicas, social e geográfica.

Para estudarmos esse período de crescimento econômico da cidade, primeiramente procuramos entender os principais fatores que desencadearam este processo de industrialização, que só foi possível graças a ação do Estado atuando por meio de uma série de ações e medidas que fomentaram a expansão do parque industrial brasileiro, houve a construção de uma grande malha de infraestruturas nas áreas de transporte e comunicações, com a finalidade de interligar essa região do interior do país às áreas industrializadas, principalmente do estado de São Paulo.

Também foram criadas flexibilizações e isenções na área fiscal com a finalidade de tornar as regiões interioranas mais atrativas para as indústrias, inicialmente concentradas principalmente no Sudeste do país, em especial na metrópole São Paulo e na região do ABCD Paulista.

Dessa forma, o Estado foi o principal agente a serviço do grande capital, atrelando o discurso desenvolvimentista aos projetos de descentralização da indústria do país. Isso provocou uma série de transformações na geografia das cidades interioranas do Brasil, mudando o modo de vida de seus habitantes. Desse modo Três Lagoas está dentro desse contexto de transformações, principalmente em seu espaço urbano.

O objetivo desse trabalho foi estudar as transformações ocorridas no espaço urbano da cidade de Três Lagoas-MS entre os anos 2000 a 2020, em decorrência da forte expansão do capital no município. Identificar a influência desse processo econômico no crescimento demográfico e nas transformações ocorrida na expansão da malha urbana.

O Brasil teve um processo de industrialização tardio, que ocorreu a partir dos anos de 1950, e ficou inicialmente restrito às regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo. Somente a partir dos anos 1990 o Estado iniciou uma série de medidas visando descentralização desse parque industrial para as regiões interioranas do país.

Esse processo foi lento e começou a se desenrolar principalmente a partir de 1990, quando a malha rodoviária e a evolução dos meios de comunicação permitiram uma maior fluidez do interior do país. A descentralização da indústria, principalmente da cidade de São Paulo e ABCD paulista, teve grande influência sobre o processo de industrialização de Três Lagoas-MS, pois, a cidade tem uma localização estratégica na ligação entre Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Alguns locais das regiões interioranas do Brasil passaram a despertar o interesse do grande capital, devido a um conjunto de fatores como: a nova infraestrutura, os novos meios de comunicação, os incentivos fiscais, a mão-de-obra mais barata e a possibilidade de doações de áreas e a cessão de empréstimos via BNDS para custear a construção das plantas das fábricas, principalmente através do FCO, Fundo Constitucional de financiamento do Centro-Oeste.

Dessa forma, os complexos industriais passaram a migrar para o interior do país. Dentro desse contexto Três Lagoas se apresenta como local atrativo para o grande capital, pois além das políticas de incentivos fiscais promovidas pelo município e pelo governo do estado de Mato Grosso do Sul, o município também desfruta de uma posição geográfica privilegiada estando ligada às principais rodovias de circulação do país, e situado na fronteira com o estado de São Paulo, portanto, relativamente próximo aos grandes mercados consumidores do Sudeste do país. Além disso possuía extensas terras vastas e já desmatadas, prontas para a introdução de novos cultivos agrícolas. Dispunha também de uma mão-de-obra mais barata e mais desorganizada que os grandes centros paulistas.

O principal momento desse processo de industrialização ocorreu com a chegada das unidades industriais para o processamento de celulose, com a instalação das duas maiores empresas desse setor no país, a *International Paper*, hoje Suzano Papel e Celulose, e também a Eldorado Brasil. Com isso Três Lagoas passou então a ser a maior produtora mundial dessa *commodity*, ganhando o título de Capital Mundial da Celulose.

Além do complexo de celulose, várias outras empresas se transferiram para o município, como indústrias do setor têxtil, alimentício e prestadores de serviços. Todo esse investimento de capital provocou uma série de reações em cadeia que transformaram tanto a sociedade quanto a geografia da cidade.

Essas reações em cadeia também são chamadas de “externalidades econômicas”, que podem ser tanto positivas quanto negativas.

O conceito da “economia de externalidades”, foi apresentado pela primeira vez por Pigou (1920). Isso ocorre quando a produção ou o consumo de um determinado bem ou serviço afeta direta ou indiretamente a sociedade à sua volta.

Outro caso é quando esse consumo ou produção de bens impacta uma terceira pessoa que não está diretamente associada a eles, isso também é uma externalidade (PIGOU, 1920).

Essa “externalidade” pode ser positiva ou negativa. Percebemos um exemplo claro desse fenômeno quando analisamos esse princípio no contexto da cidade de Três Lagoas-MS. Podemos relacionar como sendo positivo o fato de um novo condomínio ou loteamento para a população mais abastada implantado em um determinado bairro acaba por providenciar melhorias nas vias públicas como, asfalto, iluminação e sinalização de trânsito.

Por outro lado, pode ser negativa quando aumenta o tráfego de veículos, trazendo risco para as crianças que antes brincavam à vontade nas ruas mais calmas, o volume dos ruídos se torna mais frequente, bem como problemas na rede de esgoto e coleta de lixo, que muitas vezes não acompanham o crescimento do número de residências.

Através da interpretação desse conceito de externalidades podemos compreender como as relações sociais e econômicas estão interligadas dentro do contexto da cidade moderna. Em Três Lagoas esse processo de relações pode ser observado através dos estudos ligados à expansão do capital.

Dentre os principais efeitos dessa expansão pretendemos destacar nesse trabalho aqueles que estão relacionados ao crescimento populacional, ligado a um grande número de trabalhadores que migraram para a cidade, provocando um crescimento demográfico superior à média nacional e fazendo de Três Lagoas o

terceiro município mais populoso do estado de Mato Grosso do Sul com 123.281 habitantes em 2020, segundo estimativas do IBGE.

Os reflexos desse crescimento demográfico de 78.900 habitantes para 123.281, entre os anos de 2000 a 2020, foram sentidos no mercado imobiliário, gerando *déficit* de moradias e especulação nesse setor da economia local, que por consequência, desencadeou transformações em seu espaço urbano, fazendo surgir novas formas de morar, como a verticalização de moradias, novos loteamentos fechados e abertos que fizeram expandir a malha urbana da cidade.

Assim, o modo de produção capitalista abrangeu, cada vez mais áreas do mercado, principalmente o espaço físico da cidade, a terra. Compreendemos aqui, aquilo que nos mostra Carvalho (2000, p. 71) quando sua análise sobre a cidade global, que [...] as alterações promovidas no mercado de trabalho e o aumento consequente da desigualdade social, com rebatimento na apropriação do espaço urbano”, tornam a cidade um lugar de desigualdades e marginalização social.

Souza (2009) nos mostra que o capital é o principal agente da produção do espaço urbano, e em Três Lagoas isso não tem sido diferente, pois denota-se que ele tem exercido um poder extraordinário sobre a formação da cidade, sendo capaz de criar novas paisagens e formas, que transformaram o espaço da urbes, determinando mudanças no comportamento de seus moradores.

Aranha-Silva (2011), nos mostra que a cidade de Três Lagoas-MS seguiu a lógica do capital e se tornou, também, um lugar de exclusão, criaram-se cenários diferentes para diferentes classes sociais antagônicas. Surgiram aqueles que se auto segregaram, e que podem desfrutar dos privilégios que o mercado imobiliário fornece para os que podem pagar, e isolar-se dos problemas daqueles menos afortunados. Dessa forma, o capital sobrepõe os desejos de poucos contra as necessidades e sonhos de muitos.

Através das relações entre proprietários de terras, empresas imobiliárias, construtoras, Estado e consumidores, o capital estabeleceu seu domínio sobre a cidade, transformando-a em uma grande fonte de renda para os que detêm seu bem mais precioso, a terra, sendo que as melhores partes dela serão vendidas para aqueles que podem pagar mais. Dessa forma, a terra passa a ser o lugar de luta (MILANI ET AL, 2019).

Esse conjunto de fatores decorrentes do crescimento populacional em virtude da expansão do capital, tem desencadeado o crescimento do *déficit* de moradias na grande maioria das cidades de nosso tempo, que tem se agravado ainda mais com a especulação imobiliária, transformando-as em lugar de marginalização social, manifestada por meio da segregação socioespacial (CORREA, 1989) e (ARANHA-SILVA, 2011). Em Três lagoas esse fenômeno não foi diferente e a cidade também apresentou essas características.

Entendemos que precisamos compreender a cidade como uma expressão da natureza humana e de suas relações (PARK, 1915), principalmente as relações de exploração e de codependência entre suas classes sociais (MCKENZIE, 1924), só assim poderemos traçar uma linha de raciocínio que nos permita estudá-las como elas realmente são.

Diante do exposto acima, queremos agora apresentar ao leitor o embasamento teórico que sustenta nossas afirmações descrevendo o processo de urbanização brasileiro, que está ligado à sua industrialização, traçando uma linha de pensamento que acompanhara as tentativas de descentralização da indústria nacional principalmente da região metropolitana de São Paulo, que, por fim, exerceu influência direta no processo de industrialização da cidade de Três Lagoas-MS.

2. EXPANSÃO DA INFRAESTRUTURA PARA O INTERIOR DO BRASIL.

Para explicarmos melhor os efeitos que vêm ocorrendo em Três Lagoas-MS nos últimos anos, pretendemos analisar as questões que envolvem a produção do espaço e a estruturação do interior do Brasil, a partir da segunda metade do século XX. Para isso, recorreremos aos trabalhos elaborados por Santos (1988 e 1993), Santos e Silveira (2006), Sposito (1988), Silva (2009), Oliveira (2016), que explicam com muita clareza esse processo de construção da estrutura necessária para a industrialização do interior do país.

Também pretendemos buscar embasamento nos autores que trataram da questão, especificamente em Três Lagoas, devido à grande relevância de seus trabalhos no estudo da industrialização e urbanização do município.

Para começar, queremos refletir juntamente com o leitor o pensamento de Harvey (2005), que ao comentar a teoria de Marx do crescimento sob o capitalismo, coloca a acumulação de capital como centro de todas as coisas. Dessa forma, a acumulação de mais capital é o objetivo e o motor do mundo capitalista. Para produzir mais, é preciso crescer mais, ocupar novas áreas descobrir novas fronteiras para exploração. Dessa forma, o capital sempre teve seus olhos fixos em localidades que ainda não estavam em seu domínio, sendo assim as regiões interioranas do Brasil, como Três Lagoas-MS, apresentavam-se como um campo fértil para novos investimentos e expansão do mercado mundial.

O Brasil sempre despertou o interesse do capital internacional, devido às suas vastas possibilidades agrícolas, principalmente para a produção de *commodities*, que tem sido o ponto principal de nossa economia desde o período colonial, sendo que a partir da segunda metade do Século XX, essa característica ganhou ainda mais destaque com a possibilidade de abertura das novas fronteiras agrícolas e da aliança da burguesia nacional com o mercado mundial (OLIVEIRA, 2016).

Segundo Santos (1990) e, Santos e Silveira (2006), a sociedade brasileira entrou em um processo mais acelerado de industrialização a partir da segunda metade do século XX. Com esse tardio desenvolvimento industrial, o país se deparou com o enorme problema da falta de infraestrutura necessária para dar suporte à indústria, e, também, para atrair o grande capital. Isso acabou por determinar que a maior parte

do parque industrial do país concentrado nos grandes centros metropolitanos próximos ao litoral.

A inexistência de uma rede de rodoviária pavimentada, que permitisse a ligação entre o litoral e a vastidão do interior do Brasil com agilidade, tanto para o transporte de mercadorias, quanto para informações, contribuiu para dificultar a industrialização das áreas mais afastadas.

A industrialização nacional ganhou um reforço em 1946 com a instalação da usina siderúrgica de Volta Redonda, também conhecida como Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) ou Usina Presidente Vargas, no médio Paraíba, região sul do estado do Rio de Janeiro.

Outro parque industrial surgiu no entorno da metrópole São Paulo e no ABC paulista, essa região foi também beneficiada pela proximidade com a estrada de ferro Santos-Jundiaí. A partir da década de 1950, essa região sofreu uma mudança nas características de suas indústrias, com investimentos do capital privado e estatal, que viram nas facilidades dos meios de transporte ali localizados, e nos incentivos fiscais dos municípios, uma grande oportunidade para crescimento, principalmente nos setores automobilístico, metalúrgico, mecânico, químico, petroquímico, de material elétrico e de autopeças, indústrias que necessitavam de mão de obra mais especializada (AFONSO e URIOS, 2008).

A industrialização teve um impacto extraordinário sobre o processo de urbanização, em uma relação de reciprocidade, a cidade e a indústria coabitam o espaço em que vivem, praticamente não há crescimento de uma estrutura sem a outra.

A industrialização dá o "tom" da urbanização contemporânea. Embora historicamente tenha resultado dos avanços técnicos necessários ao desenvolvimento do capitalismo, a industrialização marca predominantemente as relações entre a sociedade e a natureza e é a forma dominante de produção até mesmo nos países socialistas. A cidade é o território-suporte para a atividade industrial, por se constituir num espaço de concentração e por reunir as condições necessárias a esta forma de produção. Contudo, o desenvolvimento da urbanização não é apenas condição para o desenvolvimento industrial, mas também este mudou o caráter da cidade, ao lhe dar, de forma definitiva, um traço produtivo e transformá-la no "centro" de gestão e controle da economia capitalista,

subordinando até mesmo a produção agrícola que se dá no campo (SPOSITO, 1988, p. 4).

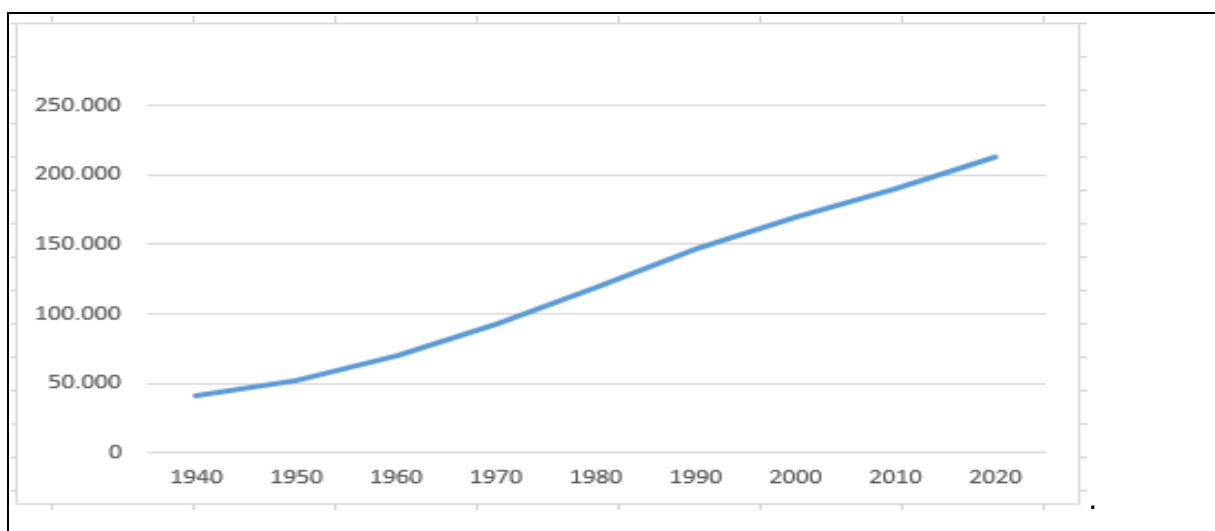
Dando ênfase às palavras de Sposito (1988), “[...] a industrialização dá o tom da urbanização contemporânea”, pois ela é a principal responsável pelas mudanças ocorridas em nossa sociedade e na natureza a nossa volta. Dessa forma, a indústria instalada em uma região vai influenciar o modo de vida de toda a população em suas redondezas, inclusive atraindo novos habitantes para o lugar. É através dela que cidades como Três Lagoas-MS, transformam-se em lugar de produção, marcando assim, o início de uma nova etapa em sua história.

Para entendermos a urbanização em nossos dias, é preciso conhecer os processos de implantação de nosso complexo industrial, pois isso provocou o crescimento da população das cidades em várias regiões do país. Para uma definição do conceito queremos esclarecer que nesse contexto, o termo urbanização consiste no crescimento da população das cidades em detrimento da população rural (SPOSITO, 1988).

A industrialização do interior do Brasil enfrentou diversos obstáculos para sua implantação, até 1950 o interior do país era composto de vastas áreas inexploradas, o que é ao mesmo tempo uma desvantagem pela falta de infraestrutura local, e uma oportunidade, devido a existência, tanto da possibilidade de novos mercados quanto de recursos naturais à disposição.

Essa situação começou a mudar a partir de 1970, quando o país passou por um processo de urbanização mais generalizado, experimentando também um crescimento populacional de 3.000.000 de habitantes por ano em média durante os anos de 1960 a 1980 (SANTOS e SILVEIRA, 2006). A população cresceu ainda mais nas últimas décadas do século XX, como podemos observar no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Crescimento populacional do Brasil entre os anos 1940 a 2020.

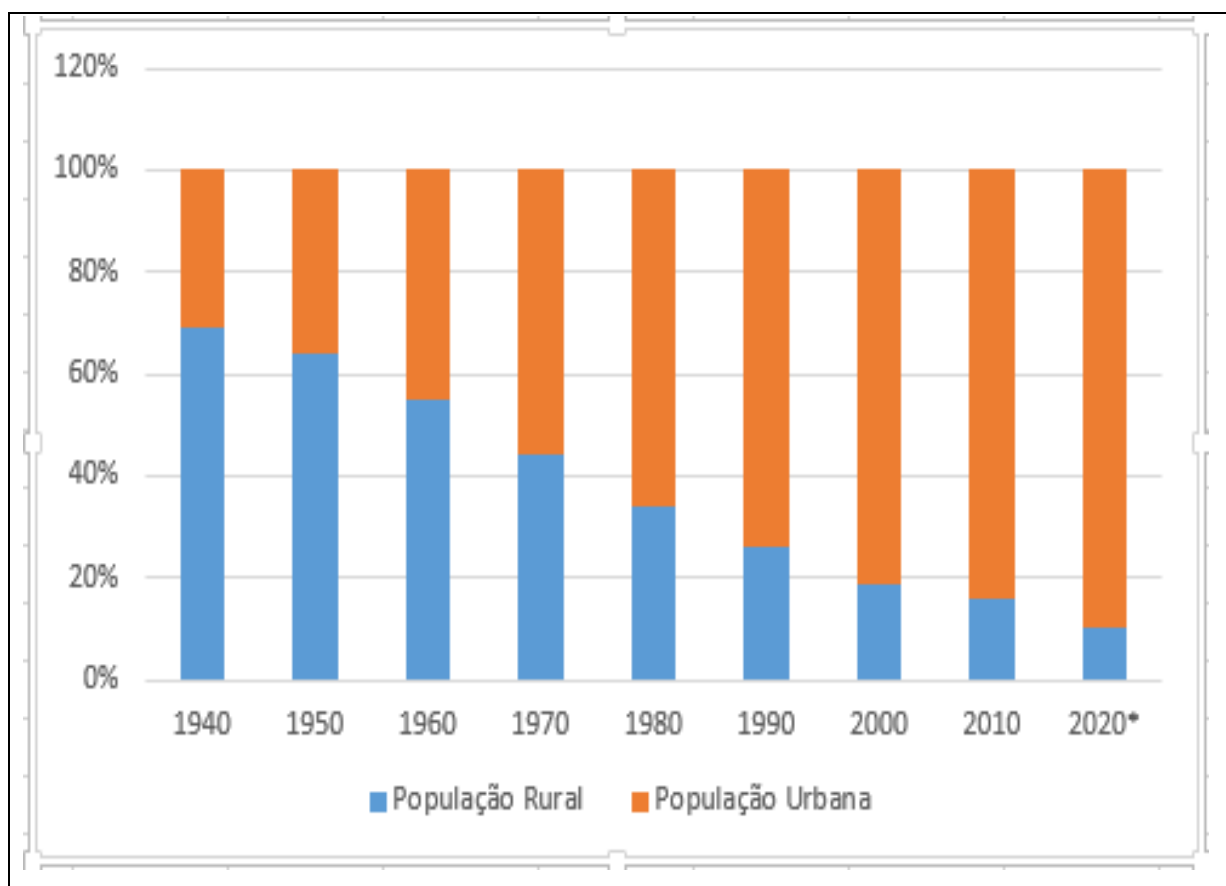


Fonte: IBGE. Gráfico organizado pelo autor.

No Gráfico 1, podemos observar uma leve curva ascendente a partir de 1960, quando a população cresceu de 51.941 milhões para 70.070 milhões em 1970, um aumento de 18.129 milhões, sendo que a partir desse período as taxas de crescimento vão sempre ser maiores que 20 milhões por ano. Esse aumento da população causou enormes crises demográficas, principalmente nas metrópoles Rio de Janeiro, São Paulo e regiões vizinhas (SANTOS, 1993).

Dessa forma, o Brasil se tornou cada vez mais urbano, e cada vez mais a população rural passou a migrar do campo em busca de uma vida melhor nas pequenas e médias cidades em crescimento no país. Assim, passamos a ter um Brasil agrícola incluindo áreas urbanas e um Brasil urbano incluindo áreas agrícolas (SANTOS, 1993). Para melhor ilustrar esse processo de urbanização brasileira, preparamos o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Urbanização brasileira entre os anos de 1940 a 2020.



Fonte: Santos (1988) IBGE, ONU-Habitat e ABES-SP. Gráfico organizado pelo autor.

*Estimativa

Como vimos no Gráfico 2, nos últimos 80 anos, o país teve um imenso salto populacional, passando de 41.326 milhões de habitantes em 1940, para 119.099 milhões em 1980, um acréscimo de 77.773 milhões em quarenta anos, isto equivale a um crescimento de 188,19%. Já a população urbana no mesmo período passou de 10.891 milhões para 81.013 milhões, e 38,086 milhões vivendo em área rural (SANTOS, 1988).

Se compararmos os números entre os anos de 1980 a 2015, conforme a estimativa do IBGE, a população continuou a crescer consideravelmente chegando a 204,5 milhões, sendo que desse número, cerca de 84,72% é constituído por população urbana, isto é, 173,252 milhões, contra 31.3 milhões de habitantes na área rural. Nesse último período de 35 anos a população urbana cresceu aproximadamente 115%, enquanto a rural teve um decréscimo de 17,5% (IBGE).

Existem vários fatores que contribuem para esse crescimento da população e sua consequente urbanização. Primeiramente temos os avanços científicos que resultaram no combate a doenças e da morte, novas técnicas para cuidados sanitários, vacinas, e novos medicamentos diminuíram a mortalidade e aumentaram a expectativa de vida ao longo dos anos (SANTOS, 1988).

Outro fator de destaque é o crescimento do consumo que por sua vez impulsionou o comércio, surgiram então as cidades locais intermediárias, cidades como Três Lagoas-MS, pequenas e/ou de porte médio, passaram a ganhar importância no contexto regional e posteriormente nacional (SANTOS, 1988).

O crescimento do consumo se deve principalmente às novas tecnologias de comunicação, que vão quebrando aos poucos o isolamento das regiões interioranas do Brasil, primeiramente através do rádio, e posteriormente a televisão e agora no início do século XXI a internet alcançou grande parte do território brasileiro. Isso leva notícias e com elas as propagandas, que vão estimular o consumo, o desejo de ter aquilo que está nas grandes cidades (SANTOS, 1993).

Para atender esses novos desejos da população das regiões do interior, faz-se necessário a expansão dos meios de transporte e a integração do território nacional, ligando assim, o mercado produtor, principalmente no Sudeste, ao mercado consumidor no interior do Brasil, circulando matérias primas e bens de consumo, que por sua vez vão impulsionar o fenômeno da urbanização com o crescimento das cidades intermediárias e crescendo também as populações das cidades menores, surgindo, assim, as cidades de porte médio no interior do país.

Eram estas cidades procuradas pelas classes mais abastadas de cada região, que podem adquirir mas não encontram parte dos produtos e serviços de que querem dispor em suas cidades locais. O fator de a rede viária haver melhorado, reduzindo o tempo de viagem de um lugar a outro, aumentando, assim, a acessibilidade, provoca uma maior procura das cidades médias. Mas, a propensão aumentada ao consumo, impede que desapareçam as cidades locais, que se fortalecem e aumentam de número, paralelamente a expansão quantitativa e qualitativa das cidades médias (SANTOS, 1988, p. 90)

A melhoria dessas redes de transportes e o crescimentos dessas novas cidades, novos centros regionais, ocorre no mesmo período em que o Brasil

experimentou uma expansão do capitalismo dentro de seu território, isso por sua vez induziu mais ainda o consumo entre a população de cada região, a possibilidade de consumir acarretou diretamente na necessidade de produzir cada vez mais, para atender aos novos desejos da população crescente, aumentando a necessidade de mais intercâmbio de mercadorias dentro do país. Com isso, cresceu o número de pessoas envolvidas no processo de produção e do trabalho assalariado, fomentando ainda mais o crescimento da população das cidades.

Após 1960 e sobretudo 1970, a urbanização conhece um novo tempo. A partir deste momento, novos fatores surgem, tornando mais complexo o fenômeno da urbanização. Temos uma modernização e ampliação dos transportes e das comunicações; uma expansão capitalista no campo e nas demais atividades; um movimento de migrações muito forte; uma nova divisão do trabalho social e territorial, que se superpõe a divisão do trabalho social e territorial anterior, etc. Tudo isto tem como resultado, uma aceleração do processo de urbanização. A partir de 1960, tem-se uma tendência a construção de estradas de rodagem e rodovias de primeira ordem. O Brasil passa a ser cruzado por um grande número de rodovias de boa qualidade, entre as quais um percentual de autopistas. Por outro lado, temos a tendência a criação de uma rede vicinal, ou seja, sobretudo nas áreas mais desenvolvidas, cria-se uma rede de estradas mesmo terciárias. Dessa forma, além da integração do território que se esboçava no período anterior, agora temos também uma fluidez do território (SANTOS, 1988, p. 90)

Esse fenômeno da urbanização do país é irreversível, e culminou com a criação de novas frentes de industrialização, principalmente as ligadas à agroindústria, permitindo que a produção, a mão-de-obra, os produtos e o dinheiro passassem a circular com muito mais facilidade, impulsionando o consumo que reciprocamente ampliou a necessidade de mais comunicação entre os lugares fazendo do território nacional um domínio definitivo do capital globalizado.

Nas novas cidades e no campo, por todos os lados o capitalismo se expande. As novas tecnologias aplicadas à produção agrícola reduzem gradativamente a necessidade de trabalho humano no campo, o que por consequência tem provocado uma onda crescente de migração para as cidades principalmente as de porte médio (SANTOS, 1988).

Essas cidades acabaram por se tornarem criadoras de desigualdades e pobreza. A cidade que era lugar de esperança para aqueles que tinham uma vida sofrida no campo, se tornou um campo de conflitos sociais.

A cidade, onde tantas necessidades emergentes não podem ter respostas, está desse modo fadada a ser tanto o teatro de conflitos crescentes como o lugar geográfico e político da possibilidade de soluções. Estas, para se tornarem efetivas, supõem atenção a uma problemática mais ampla, pois o fato urbano seu testemunho eloquente, é apenas um aspecto daí a necessidade de circunscrever o fenômeno, identificar sua especificidade, mensurar sua problemática, mas sobretudo buscar uma interpretação abrangente (SANTOS, 1993, P. 11).

Embora seja o lugar onde os conflitos podem ser resolvidos, as cidades brasileiras ainda não conseguiram solucionar a maioria de seus problemas, e na segunda década do século XXI ainda são locais de agravamento das desigualdades sociais.

Como já citamos anteriormente, a aceleração da urbanização no Brasil e o surgimento e crescimento de novas cidades no interior do país ocorreram juntamente com o avanço do meio técnico-científico informacional. Os novos meios de transmitir a informação são o motor desse processo, e o território nacional passou a ser modificado para melhorar sua circulação. “Ocorrem o desenvolvimento de infraestruturas, da cibernética, a informatização e outras tecnologias para dar suporte à urbanização do interior do país” (SANTOS, 1993, p. 37), a informatização é um fenômeno predominante em todo esse processo.

O mundo de hoje é o cenário do chamado “tempo real”, porque a informação se pode transmitir instantaneamente. Desse modo, as ações se concretizam não apenas no lugar escolhido, mas também na hora adequada, conferindo maior eficácia, maior produtividade e maior rentabilidade aos propósitos daqueles que as controlam (SANTOS e SILVEIRA, 2006, p. 98).

Esse avanço técnico e científico permitiu que a sociedade contemporânea do final do século XX expandisse sua capacidade de comunicação e de produção, e por consequência, propiciou sua expansão geográfica. As novas tecnologias abrangem uma vasta área de ação, na agricultura temos novas sementes, novos meios de combater as pragas, novos insumos agrícolas, novas máquinas tanto para plantio e

colheita quanto para o preparo da terra, e as tecnologias de satélites permitem maior precisão nas previsões climáticas (SANTOS, 1993).

A indústria também foi transformada pelas inovações advindas da era da informática, novos modelos de produção como o toyotismo possibilitaram um maior domínio da natureza e sua reinvenção (SANTOS, 1993). Dessa forma, nas três décadas finais do século XX, o interior do Brasil passou por grandes mudanças em sua configuração territorial, isto é, “[...] o crescimento e sobreposição de estruturas com o objetivo de levar o desenvolvimento a todo o país [...]” (SANTOS, 1993, p 38).

Creio que cabe aqui uma definição do conceito de desenvolvimento usado por Milton Santos, para isso, vamos recorrer à observação apresentada por Sposito (1988), quando afirma que dentro do modelo capitalista, desencadeado principalmente desde a revolução industrial do século XVIII, a expressão “desenvolvimento” sempre esteve associada à industrialização. Dessa forma, uma determinada região ou país é considerada desenvolvida quando dispõe de um complexo industrial amplo e moderno, os países ou lugares que não dispõe desse mesma capacidade são considerados subdesenvolvidos ou em desenvolvimento (SPOSITO, 1988).

Outro conceito também é apresentado por Sachs (2008 *apud* ARANHA-SILVA, 2010).

A concepção sobre desenvolvimento não deve ser aquela que externaliza livremente os custos sociais e ambientais e que alarga a desigualdade social e econômica. Ignacy Sachs (2008) propõe cinco dimensões de sustentabilidade para o desenvolvimento: a) Sustentabilidade social – construir civilização de renda e de bens, para reduzir o abismo entre os padrões de vida entre ricos e pobres; b) Sustentabilidade econômica – eficiência econômica deve ser avaliada em termos macrossociais; c) Sustentabilidade ecológica – intensificar o potencial dos recursos dos ecossistemas, com mínimo de danos, reduzir resíduos e poluição e definir normas para proteção ambiental; d) Sustentabilidade espacial – manter configuração rural-urbana mais equilibrada e melhor distribuição territorial dos assentamentos humanos e das atividades econômicas; e) Sustentabilidade cultural – manter as raízes endógenas de processo de modernização e de sistemas agrícolas integrados, que busquem mudanças dentro da continuidade cultural e que traduzam o ecodesenvolvimento em um conjunto de soluções para o local, o ecossistema e a cultura (SACHS, 2008 *apud* ARANHA-SILVA, 2010, p. 3).

Quando analisamos a questão de desenvolvimento a partir da citação anterior, percebemos que esse conceito está longe de ser alcançado dentro da realidade das cidades brasileiras.

Já Clemente (2011), nos traz a seguinte afirmação a esse respeito:

O conceito de desenvolvimento por si só encerra uma multiplicidade de significados, questões e polêmicas. Esta terminologia está fortemente carregada de conotações, que vão desde o senso comum até o campo científico. No senso comum, o desenvolvimento tem sido associado à sua origem, no século XVIII, às noções de evolução e crescimento, oriundas da biologia. Já no campo científico atual, as questões são múltiplas e complexas e envolvem desde problemáticas vinculadas à ideologia, ao caráter normativo, científico, e até mesmo, ao âmbito discursivo (CLEMENTE, 2011, p. 29).

Esse tema está cercado por uma série de complexidades e polêmicas que acabaram por provocar um esvaziamento nos significados desse conceito.

O desenvolvimento adquiriu uma gama de significados variados, de modo que existem desde aqueles que o encaram como sinônimo de crescimento, passando por aqueles que o tomam como um mito, até uma terceira e contundente crítica daqueles que não veem nenhuma validade teórica ou prática na ideia de desenvolvimento, tido como um instrumento ideológico utilizado para dominar e ter o controle social, constituindo os denominados pós-desenvolvimentistas (FAVARETO, 2007 apud CLEMENTE, 2011, p. 31).

De acordo com Favareto (2007) apud CLEMENTE (2011), a origem do conceito de desenvolvimento está atrelado às questões econômicas e sociais ligadas às ideias evolucionistas de século XIX. Embora Charles Darwin nunca tenha feito tal associação. Toda essa adaptação desse tema tem sido fruto de uma interpretação distorcida pelo capital, que associa o desenvolvimento à capacidade de uma determinada região ou país de gerar mais e mais capital para a acumulação infinita.

Sendo assim desenvolvimento seria a capacidade de acúmulo de capital-dinheiro, “[...] ignorando, assim, as demais dimensões, como a cultural, a ambiental, a social e outras” (CLEMENTE, 2011, p. 32).

O desenvolvimento foi como uma “luz” colocada pelos Estados Unidos que deveria ser buscada, a todo custo, pelos países subdesenvolvidos (chamados de Terceiro Mundo, na época), acreditando que o nível de “desenvolvimento” dos países ricos era possível de ser alcançado (CLEMENTE 2011, p. 33).

O desenvolvimento se manifesta de forma desigual dentro do espaço geográfico, seja ele de cidade para cidade ou de país para país, isso também está presente entre as classes sociais.

O conceito de desenvolvimento tem sido usado de forma ideológica, como um instrumento para dominação e opressão por parte dos países desenvolvidos para com as culturas de tradições de povos de diferentes regiões. Essa ideologia ganhou força no período pós Segunda Guerra Mundial até os anos 1970, em virtude do grande crescimento econômico devido às novas descobertas científicas e à evolução tecnológica do processo de produção. “Como consequência, o crescimento econômico erigiu-se como uma “receita” válida para todos os países e povos para se atingir o “desenvolvimento.” (CLEMENTE, 2011, p. 36).

Dessa forma, os países subdesenvolvidos como o Brasil têm buscado o crescimento econômico a todo custo, na expectativa de que através dele possam superar as condições de subdesenvolvimento, principalmente a partir de 1950 quando foram preparados uma série de projetos visando alcançar o crescimento econômico para atingir também o tão sonhado desenvolvimento, “Disseminou-se uma ideologia, uma crença generalizada de que, havendo o crescimento econômico, este, como consequência possibilitaria o “real desenvolvimento” do povo, da região ou de um país como um todo” (CLEMENTE, 2011, p. 37).

Desenvolveu-se, dessa forma, um pensamento de que a industrialização era o meio pelo qual esse crescimento econômico poderia ser mais rapidamente alcançado. Entretanto, a partir dos anos 1970 constatou-se “[...] a impossibilidade de se estender o crescimento econômico e o padrão de consumo ocidental para todos os povos do planeta, [...]” (CLEMENTE, 2011 p. 38).

A literatura sobre desenvolvimento econômico do último quarto de século nos dá um exemplo meridiano desse papel diretor dos mitos nas ciências sociais: pelo menos noventa por cento do que aí encontramos se funda na ideia, que se dá por evidente, segundo a qual o desenvolvimento econômico, tal qual vem sendo praticado pelos países que lideraram a revolução industrial pode ser universalizado. Mais precisamente: pretendesse que os standards de

consumo da minoria da humanidade, que atualmente vive nos países altamente industrializados, é acessível às grandes massas de população em rápida expansão que formam o chamado terceiro mundo. Essa ideia constitui, seguramente, uma prolongação do mito de progresso, elemento essencial na ideologia diretora da revolução burguesa, dentro da qual se criou a atual sociedade industrial (FURTADO, 1974, p.16 apud CLEMENTE 2011, p. 38).

O governo brasileiro também acreditou no mito do desenvolvimento econômico ligado principalmente à industrialização. Dessa forma, no período das três últimas décadas do século XX, tivemos várias tentativas de expansão da capacidade industrial e agrícolas do país por parte do Estado (SANTOS, 1993).

As estruturas do país foram transformadas em vários aspectos da produção, distribuição, circulação de produtos e no consumo. Com todas essas transformações, as regiões se tornaram cada vez mais fluidas, permitindo que a produção e o capital se esparramassem por todos os lugares.

Dessa forma vemos que “O meio técnico científico é o terreno de eleição para a manifestação do capitalismo maduro, e este também dispõe de forças para criá-lo.” (SANTOS, 1993, p. 40). O capitalismo é o principal financiador e motivador das descobertas tecnológicas, desde antes da Primeira e Segunda Revolução Industrial do século XVIII, e final do século XIX, respectivamente (HUBERMAN, 1981).

Territorializando-se em um determinado lugar e ampliando gradativamente sua atuação, a técnica é capaz de transformar a realidade de uma região, mudando as formas de produção, e como consequência o modo de vida da população.

Graças aos progressos da ciência e da técnica e à circulação acelerada de informações, geram-se as condições materiais e imateriais para o aumento da especialização do trabalho nos lugares. Cada ponto do território modernizado é chamado a oferecer aptidões específicas à produção. É uma nova divisão territorial, fundada na ocupação de áreas até então periféricas e na remodelação de regiões já ocupadas (SANTOS e SILVEIRA, 2006, p. 105.)

Conforme a citação apresentada anteriormente, temos o destaque para a agroindústria na região Centro Oeste do país, de modo que o município de Três Lagoas também se encaixa nesse perfil pois passa pela substituição das pastagens

destinadas à produção do gado bovino para as vastas áreas de eucalipto para a produção de celulose.

Cria-se, então, uma nova geografia regional, baseada em uma nova divisão territorial do trabalho. Tudo isso faz com que novas necessidades de fluidez surjam em várias regiões do país, nascendo assim, um círculo ininterrupto de novos meios de circulação de produtos e informações, aprofundando a divisão territorial do trabalho, que por sua vez, exigem uma ampliação dos meios de circulação e uma maior movimentação em função das novas necessidades existentes (SANTOS, 1993).

Ampliando cada vez mais seus efeitos sobre o território, o meio técnico-científico informacional influenciou as novas formas orgânicas do espaço devido ao investimento de mais capital, e sua atuação cada vez mais crescente na instrumentalização deste. Esse avanço da técnica fez com que o Brasil ampliasse ainda mais sua fluidez e o consumo, devido ao aumento da circulação, aquilo que antes era apenas um produto local passa agora a ser distribuído em todos os lugares.

Essa evolução da técnica, juntamente com as ações políticas destinadas à ampliação da indústria nacional e da ocupação das regiões mais distantes do país, principalmente o Centro Oeste, foram decisivas para o processo de transformação do território nacional, e para que cidades como Três Lagoas, passassem a ser atrativas para o grande capital.

Não podemos, entretanto, descartar a ação do próprio mercado que também desempenhou papel fundamental, propiciando novas infraestruturas de transportes e comunicações, e superestruturas dos mecanismos regulares (SANTOS, 1993).

A ampliação da informatização no território brasileiro, criou as condições necessárias para que as demais facetas do capital se implantassem no país, como a creditização do território, o desenvolvimento de novas técnicas para aumentar a produtividade no campo e na indústria, e a expansão do próprio capitalismo. Hoje temos uma nova realidade que permite o uso praticamente de todos os espaços brasileiros através da difusão dos conhecimentos, e das ações executadas em todas as regiões do país por mais longe que estejam dos grandes centros metropolitanos (SANTOS, 1993).

Esses avanços tecnológicos consolidaram as transformações sociais, provocando mudanças comportamentais para a adequação dessa nova era do

domínio do capital, todos são levados a se adaptarem às novas tecnologias e novos valores da sociedade, uma nova atmosfera domina o mundo em que o Brasil está inserido.

Esse novo mundo, repleto de inovações e de descobertas científicas, é o criador e o meio de operação de novos comportamentos individuais, que, por sua vez, ampliam a necessidade e o desejo de se obter cada vez mais tecnologia, tornando-a a nova base de operação dos automatismos sociais (SANTOS, 1993).

Surge então uma diferenciação entre os lugares em busca de equipamentos que os coloquem em condições de atrair o capital, espaços com menos recursos tecnológicos são considerados menos fluidos, isso dá origem a uma nova divisão regional do trabalho no país, criando-se novas hierarquias entre os lugares, regiões metropolitanas, como São Paulo-SP, que possuem grande quantidade de saber, tanto nos equipamentos, nas empresas e instituições, quanto nas pessoas, ampliaram cada vez mais suas vantagens em relações às regiões menos equipadas com esses recursos. O país se divide-se entre “[...] regiões do mandar e regiões do fazer” (SANTOS, 1993, p. 47).

As cidades brasileiras também passaram a sofrer a influência da indústria agrícola não urbana, empresas detentoras de grande capital e de capacidade e força para transformar estruturas, provocando assim, mudanças rápidas e agressivas nos ambientes em que se implantam, passando a determinar um novo modo de vida das populações em suas proximidades (SANTOS 1993).

As pequenas localidades tiveram seu mundo transformado, seus hábitos e sua cultura passaram a sofrer grandes mudanças. O que antes era um lugar simples, passa a ser um polo econômico interligado ao mundo do capital globalizado. A região em torno dessas cidades se torna fluidas e adaptadas ao agronegócio, novos meios de circulação de produtos e de informações são criados para atender às novas demandas da produção e consumo, que passa a ser controlada por empresas cujas sedes estão a quilômetros de distâncias (SANTOS, 1993).

A cidade que passa por esse processo de modernização experimenta um rápido crescimento em sua estrutura, bem como em sua influência regional, passando a atrair cada vez mais habitantes de classe média, profissionais mais bem qualificados tecnicamente e intelectualmente, imprescindíveis para que a produção material e

expansão do capital monopolista. Vemos assim uma nova fase de transformação das cidades brasileiras como nos mostra Santos (1993).

Por isso assistimos, no Brasil, a um fenômeno paralelo de metropolização e de desmetropolização, pois ao mesmo tempo crescem cidades grandes e cidades médias, ostentando ambas as categorias incremento demográfico parecido, por causa em grande parte do jogo dialético entre a criação de riqueza e de pobreza sobre o mesmo território (SANTOS, 1993, p. 55).

Essa desmetropolização é mais uma necessidade do capital do que apenas um desejo do governo brasileiro, pois o país passa a ver os problemas crescentes e insolúveis das grandes metrópoles, o crescimento da pobreza, violência, falta de moradias, sistemas de saúde incapazes de atender à população cada vez maior, forçam os governos a criarem meios para que as novas cidades, pequenas e médias, das regiões interioranas possam se tornar atrativas para o grande capital.

Isso tem por finalidade desafogar os grandes centros urbanos do sudeste, principalmente no estado de São Paulo. Dessa forma crescem as populações desses novos centros regionais de produção buscando estimular a desconcentração populacional das grandes metrópoles através da expansão do parque industrial nacional (CANO, 1997).

Essa indústria que começa a se deslocar para o interior está ligada principalmente a agroindústria e à produção em grande escala destinada ao mercado externo (SANTOS, 1993). O país se torna um dos maiores produtores mundiais de *commodities*, mantendo sua tendência histórica desde o período colonial. A agricultura brasileira que teve inícios com os latifúndios de cana de açúcar a partir de 1530, passando pelas grandes lavouras de café do século XIX E XX que perduraram até o fim da Era Vargas, em 1945.

Agora o Brasil se transforma num dos maiores produtores de soja, milho, laranja. De uma forma direta ou indireta, ainda é o grande capital globalizado que continua ditando as regras do mercado agrícola nacional. Quanto mais moderna se torna a agricultura de uma determinada região, mais ligada às exportações esta está (SANTOS, 1993)

Essas exportações estão divididas tanto entre a área rural quanto a urbana, mas sobretudo a urbana. No último terço do século XX, nossas exportações estão divididas entre as regiões agrícolas e as regiões urbanas inter-relacionando-se entre as atividades de produção e fabricação, setores primários, secundários e terciários, dentro do mesmo território. Nas áreas agrícolas, as cidades abrigam atividades diretamente ligadas às práticas circundantes e dependentes do agronegócio, segundo graus diversos, dessas atividades (SANTOS,1993).

A região urbana tem sua unidade devida sobretudo à inter-relação das atividades de fabricação ou terciárias encontradas em seu respectivo território, às quais a atividade agrícola existente preferentemente se relaciona. *A região agrícola* tem sua unidade devida à inter-relação entre mundo rural e mundo urbano, representado este por cidades que agregam atividades diretamente ligadas às atividades agrícolas circundante e que dependem, segundo graus diversos, dessas atividades. Isso, naturalmente, não exclui uma hierarquia de respostas no sistema urbano regional. Aliás, todas as cidades (e regiões urbanas) do sistema urbano nacional são, de uma forma ou de outra, interessadas pela atividade rural, às quais se ligam segundo diversos níveis de inter-relações e de controle (SANTOS, 1993, p. 67 e 68).

Fica claro, segundo a citação anterior, que há uma codependência entre o campo e a cidade, entre o rural e o urbano e, por consequência, em muitas áreas do país entre o agronegócio e a agroindústria, tudo isso se relaciona com a vida de muitas das pequenas e médias cidades do Brasil.

Essa reciprocidade entre campo e cidade dentro da sociedade brasileira prevalece principalmente nas regiões do interior do país, pois,

“Os espaços não são apenas urbanos; existe a cidade e o campo. O modo de produção não produz cidades de um lado e campo do outro, mas ao contrário, esta produção compreende uma totalidade, com uma articulação intensa entre estes dois espaços.” (SPOSITO, 1988, p. 77).

Embora tenha havido uma expansão do parque industrial brasileiro, é fato que uma grande parte de nossa indústria ainda está concentrada no Sudeste e Sul do país. São três os motivos que levam a essa centralização da indústria nas grades regiões metropolitanas:

Três forças governam a dinâmica de aglomeração do modelo CP [Centro Periferia]. A primeira é o efeito de acesso ao mercado, na qual as firmas monopolísticas tendem a localizar suas produções próximas aos mercados maiores e a exportar para os mercados pequenos. O segundo é o efeito custo de vida, em que se tem bens mais baratos em regiões com maior presença de firmas industriais. Portanto, essas são as forças indutoras da aglomeração. A terceira força é o efeito competição local, que descreve a tendência das firmas, em mercado de competição imperfeita, estarem localizadas em regiões com existência de poucos competidores, favorecendo, assim, a dispersão das atividades (SILVA, 2009, p. 301)

As duas primeiras forças econômicas que pressionam para a concentração da indústria nos grandes centros, ainda têm influência na economia nacional, pois, é muito mais vantajoso para as grandes empresas procurar as metrópoles que lhes permitem economizar com os custos de transporte, devido à proximidade do mercado consumidor e ao menor custo de vida para seus funcionários, pois há uma tendência de que os preços dos bens de consumo sejam mais baratos em localidades próximas de sua produção.

Para as novas localidades que estão em busca de desenvolver seu parque industrial, resta a opção de tentar atrair empresas que não estão conseguindo competir tanto por matérias primas, quanto por mão-de-obra qualificada dentro dos grandes centros, e assim acabam por procurar locais com concorrência menor para estabelecer suas bases (SANTOS, 1993).

Os programas governamentais de desconcentração da indústria se intensificaram, principalmente a partir dos anos de 1970, quando buscou-se proporcionar condições atrativas para novas empresas no interior do país através do desenvolvimento e a expansão dos novos meios de comunicação, que foram ao logo das décadas seguintes alcançando o território nacional. Não podemos, entretanto, esquecer que com o aumento da fluidez pelo território cresce também o poder de influência das metrópoles, principalmente a cidade de São Paulo, pois dela partem comandos para todo país (SANTOS, 1993).

As novas formas de um trabalho intelectual mais sofisticado, de que dependem a concepção e o controle da produção, são, também, concentrados, ainda que outras formas de trabalho intelectual cada vez mais

numerosas, ligadas ao processo direto da produção mas também à sua circulação, sejam objeto de dispersão geográfica, atribuindo novas funções às cidades de todos os tamanhos (SANTOS, 1993, p. 90).

Embora tenha início o processo de descentralização da produção industrial, é fato que as regiões metropolitanas ainda detêm os principais centros de formação do trabalho intelectual, os grandes centros universitários, públicos ou privados, destinados à capacitação daqueles que vão gerir essa nova fase da história das cidades brasileiras. Tudo isso somado ao desenvolvimento de novas tecnologias faz da cidade de São Paulo o principal centro de comando da economia do país, “São Paulo está presente em todo o território brasileiro graças a esses novos nexos, geradores de fluxos de informação indispensáveis ao trabalho produtivo.” (SANTOS, 1993, p. 90)

O Brasil passou as últimas décadas do século XX tentando superar a crise econômica dos anos 1980 e 1990, enquanto buscava a consolidação de seu parque industrial e sua unificação e fortalecimento dentro do território nacional,

A unificação, agora fortalecida, do território e do mercado responde pelo processo de concentração da economia, com a constituição de empresas oligopolistas que ampliam, cada vez mais, seu raio de ação e seu poder de mercado, integrando ainda mais esse mercado e o próprio território.” (SANTOS, 1993, p. 102).

O Estado continuou sendo o principal agente para a construção da estrutura que beneficia a implantação do grande capital no interior do país, ampliando o mercado e, cada vez mais, sua influência dentro do território. Com o passar dos anos o capital competitivo foi se transformando no capital monopolista, e esse, por sua vez, exige uma imensa quantidade dos recursos naturais existentes no interior, e investimentos caros em infraestruturas por parte do Estado.

Dessa forma, o espaço passa a ser transformado dentro e fora das cidades, com a finalidade de manter e ampliar cada vez mais a fluidez necessária para a circulação de seus produtos através de estradas de rodagem, ferrovias e meios de comunicação interligando os novos centros produtores ao restante do país e, também, ao mercado externo. Assim o capital se apropria dos recursos do Estado para seus próprios fins (SANTOS, 1993, p. 102).

Para o Estado, a prioridade eram os investimentos destinados à manutenção do sistema econômico, a prática era investir em atividades que atraíssem mais empresas visando o aumento da arrecadação de tributos, e o aumento da arrecadação municipal, de modo que a ideia é que passados os períodos de isenções proporcionados pelos benefícios fiscais, a arrecadação desses municípios cresceria. Dessa forma, toda a estrutura dos estados e municípios voltou-se para atender às necessidades do capital, concedendo isenções, melhorando a infraestrutura, os meios de comunicação e de transporte, para assim, melhorar a circulação e atrair mais capital. Para entendermos melhor essa dependência do capital para com a circulação, vejamos a análise de Marx em *Grundrisse*,

No ponto em que chegamos até aqui, o capital ainda não aparece condicionando a própria circulação (a troca), mas simplesmente como momento dela, deixando de ser capital precisamente no momento em que nela ingressa. Como mercadoria enquanto tal, o capital compartilha agora o destino da mercadoria; passa a ser acidental se ela é trocada por dinheiro ou não; se o seu preço é realizado ou não é realizado. No próprio processo de produção – no qual o capital permaneceu continuamente pressuposto como valor –, a sua valorização aparece dependente inteira e exclusivamente de sua relação como trabalho objetivado com o trabalho vivo; *i.e.*, da relação do capital com o trabalho assalariado. Agora, todavia, como produto, como mercadoria, aparece dependente da circulação, que se situa fora desse processo. (De fato, como vimos[1], volta a ele como seu fundamento, assim como dele resulta novamente.) Como mercadoria (...) (MARX, 2011, p. 533 e 534).

Entendemos a partir desse texto de *Grundrisse*, que em suas primeiras fases, isto é, na implantação das estruturas físicas e na produção das mercadorias, o capital não está, ainda, tão dependente da circulação, sendo apenas uma parte em todo o seu processo.

A partir do momento em que a mercadoria ingressa no mercado o capital, passa agora a depender de seu destino, todo o trabalho de construção das fábricas, captação de matérias primas, trabalho humano, administração, entre outras atividades a ele relacionadas, estão agora condicionados ao que acontecerá com a mercadoria, pois, dentro do capital existe sempre a condição de que ela deve ser vendida, trocada por dinheiro, que por sua vez, irá transformar-se em mais capital. Assim como também há sempre a possibilidade de que essa venda não ocorra e, assim, por consequência, o ciclo é quebrado e o capital desvalorizado, então, o produto final precisa ser trocado, e para que a troca ocorra, ele precisa circular, isto quer dizer que nesse momento,

enquanto mercadoria, o capital é completamente dependente da circulação, é imprescindível que haja fluidez.

No caso brasileiro, o Estado é o grande responsável pela construção das estruturas que garantem que esse ciclo seja mantido, isso faz com que o país passe por uma série de transformações em todo o seu território.

Pode se dizer que nos dois últimos decênios, o espaço nacional conheceu transformações extensas e profundas. A modernização é o principal elemento motor dessas mudanças, acarretando distorções e reorganizações, variáveis segundo os lugares, mas interessando a todo território. (SANTOS, 1993, P. 104)

Essas transformações atingem todo o mercado nacional, principalmente o agrícola, que passa por uma unificação que pretende criar uma produção hegemônica, voltada principalmente para a produção de *commodities*, o que gera um enfraquecimento das produções agrícolas que não estão nesse ramo de mercado, pois a grande parte dos investimentos e das tecnologias são destinados às áreas de exportação.

Todo esse processo de implantação da estrutura para atender o grande capital não foi apenas uma questão de mercado, mas uma vontade política, a modernização do país e do seu território, não foi apenas uma preocupação nacional, mas mundial, devido aos interesses do capital monopolista pelos recursos naturais e mercado interno do país (SANTOS, 1993).

Entretanto, precisamos ressaltar com base nos trabalhos de Silva e Neto (2009), Cano (1997), Abdal (2017) e Moraes (2019), dedicados ao estudo, tanto da concentração, quanto da desconcentração da indústria nacional nos períodos posteriores à década de 1970, que boa parte dos esforços empreendidos pelo Estado, tanto na criação de projetos econômicos quanto na construção de infraestrutura, mostraram-se infrutíferos no que diz respeito à desconcentração da indústria nacional das regiões metropolitanas, pois a mesma sofreu um processo de desaceleração entre os anos de 1990, devidos às crises econômicas daquele período, só permitindo a retomada do crescimento a partir do ano 2000.

Isso ocorreu por vários fatores: o primeiro deles é que as empresas produtoras de bens de consumo e de alta tecnologia, CT&I (ciência, tecnologia e inovação), continuam a preferir os grandes centros metropolitanos, principalmente São Paulo, devido à proximidade do mercado consumidor, mão-de-obra mais qualificada, proximidade dos canais de exportação e potencial tecnológico (SILVA e NETO, 2009), ficando as regiões mais interioranas com maior atração para a indústria de transformação ligadas principalmente à agroindústria, principalmente no Centro-Oeste.

O segundo fator destacado pelos referidos autores é que o conjunto dos avanços tecnológicos, mais uma infraestrutura moderna, continuam fazendo de São Paulo o centro de comando da economia do país, pois esse estado é capaz de oferecer muitas das condições necessárias para o crescimento e comando do capital.

O terceiro fator foi a crise econômica mundial, que abalou a economia nos anos 1980 e se seguiu até o ano 2000, prejudicando o crescimento da indústria, só retomada a partir de 2004.

O quarto fator é político e se deve há um conjunto de medidas econômicas desastrosas tomadas pelos governos Sarney, de 1985 a 1990, e de Fernando Collor, 1990 a 1992, nos governos de Itamar Franco, 1992 a 1994 e Fernando Henrique Cardoso (FHC), 1994 a 2002. Particularmente no governo FHC, devido aos juros elevados e as constantes flutuações do câmbio, que acabavam por beneficiar o chamado “hot Money” (dinheiro quente) através da especulação monetária em detrimento do desenvolvimento da indústria (CANO 1997).

Já Abdal (2017), acrescenta um quinto fator, a fragmentação do Estado Brasileiro,

Nesse novo contexto, caracterizado por uma alteração significativa no padrão de intervenção estatal, agora voltado para a integração internacional da economia brasileira, para a liberação das forças de mercado e para a minimização do intervencionismo de tipo desenvolvimentista, o desenvolvimento de cada região foi abandonado à própria sorte. Não havia mais um ator para comandar, regular ou coordenar o desenvolvimento. Se, do ponto de vista das empresas um forte processo de reestruturação produtiva com vistas à manutenção da competitividade e caráter defensivo se impôs; do ponto de vista regional uma competição por recursos e investimentos começou a tomar forma (ABDAL 2017, p. 110).

É o Estado o responsável por cunhar a moeda, é ele quem tem condições de controlar a economia e também de proporcionar a construção da infraestrutura necessária para que haja fluidez dentro do território. Com o agravamento da crise econômica dos anos 1980 e 1990, a indústria brasileira não teve um grande crescimento que permitisse sua expansão dentro da vastidão do território nacional e por fim, essas crises acabaram por contribuir para uma “reconcentração” nas regiões metropolitanas.

Quanto menor a participação do Estado no sentido de criar condições para estimular a desconcentração da indústria, maior será o poder de atração das grandes regiões metropolitanas, em especial o Sudeste (ABDAL, 2017).

Essa nova definição da atuação do Estado brasileiro apresentada por Abdal (2017) surgiu principalmente através da “Guerra Fiscal”, conforme o autor demonstra:

Já o movimento de disputa inter-regional por recursos e investimentos resultou de um processo de desresponsabilização do Estado nacional pelo desenvolvimento regional, com a consequente responsabilização dos estados e municípios pelos seus respectivos destinos econômico-produtivos (ABDAL, 2017, p. 111).

A transferência da responsabilidade do Estado Nacional para as entidades da federação acabou por incentivar o deslocamento das sedes de comando das políticas de estímulos ao crescimento econômico para os estados federativos, fazendo surgir a Guerra Fiscal, promovendo a competição entre as regiões, criando novos desequilíbrios devido a uma luta desigual em busca de recursos para a geração de emprego e renda nas pequenas cidades do país.

2.1. A GUERRA FISCAL

Para entendermos o processo de industrialização do município de Três Lagoas-MS, precisamos compreender também as questões relacionadas à Guerra Fiscal, pois os benefícios fiscais juntamente com a infraestrutura construída pelo Estado exerceram grande influência na atração das grandes indústrias para o município. Além disso, ocorreram outros tipos de estímulos, como a doação de terrenos por parte do Poder Público para a instalação das plantas industriais, inclusive em alguns casos havendo a doação da infraestrutura ou de parte dela.

A guerra fiscal ajudou no processo de desconcentração da indústria das regiões metropolitanas, já saturadas por alguns de seus setores, que aproveitaram os incentivos governamentais e se deslocaram para o interior do país. Mas em que consistiu a Guerra Fiscal?

Esse termo está relacionado à concessão de incentivos, que podem ser desde a isenção de tributos locais, bem como a carência para o início dos pagamentos desses mesmos tributos, principalmente no âmbito do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), por parte dos estados, e do ISS (Imposto Sobre Serviços), por parte dos municípios.

Essa prática ficou conhecida como “guerra fiscal”. A princípio, os objetivos eram incentivar a migração das indústrias para o interior do país com o discurso de geração de emprego e renda para a população, mas ela acabou por trazer uma série de complicações que vamos discorrer a seguir.

O fenômeno conhecido como “guerra fiscal” teve início a partir dos anos 1990, entretanto Szajnbok (2017), afirma que uma das primeiras etapas desse processo teve seus primórdios no início do Governo Militar em 1965, com a criação do ICM, Imposto sobre Circulação de Mercadorias, através da Emenda Constitucional nº 18/65. Esse novo tributo tinha como objetivo arrecadar fundos para viabilizar políticas sociais e econômicas. Já em 1966, a promulgação do Novo Código Tributário Brasileiro, dava aos estados da federação a autonomia para firmar convênios com empresas através da flexibilização de alíquotas regionais. Esse novo código deu início ao que mais tarde se converteu na “guerra fiscal” como vemos hoje (SZAJNBOK, 2017).

A Constituição Federal de 1988 transformou o ICM em ICMS, Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços e oficializou definitivamente esse novo método de atração do capital pelas regiões interioranas. As últimas alterações legais ocorreram em 1996 com a Lei Complementar nº 87, “Lei Kandir”, que realizou vários ajustes na sistemática do ICMS, mas não confrontou a “guerra fiscal” entre os Estados (SZAJNBOK, 2017).

Com o passar dos anos, os estados se aprimoraram nas negociações em busca de investimentos por parte da iniciativa privada e, foram criando assim novos tipos de “benefícios” para atrair cada vez mais empresas para seu território. Segundo Alves (2001) e Perius (2002 *apud* NASCIMENTO (2008)), são três tipos de “benefícios” cedidos às empresas:

- Tipo 1 – Concessões prévias para o início da atividade produtiva: doação de terrenos, obras, facilidades de infraestrutura e outras formas de dispêndio financeiro que geram benefícios parciais ou totais para a empresa.
- Tipo 2 – Benefícios creditícios associados ao investimento inicial e à operação produtiva: formas diversas de crédito para capital fixo ou de giro. O crédito pode ser oferecido pelo governo estadual, antes do início das operações da empresa, de uma só vez, ou em várias parcelas, ao longo do processo de implantação e/ou operação. Os financiamentos são ofertados pelas instituições bancárias de investimento, com recursos de fundos estaduais ou de programas de desenvolvimento regional.
- Tipo 3 – Benefícios tributários relacionados à operação produtiva: a renúncia fiscal pode se dar por meio da redução ou postergação de recolhimento ou, ainda, pela isenção de impostos (Perius 2002 *apud* NASCIMENTO 2008, p. 679).

Melo (2003) *apud* Szajnbok (2017) apresenta várias vantagens nesse modelo de tributação para os estados da federação, a saber:

- “a) fiscais: isenção de imposto para novas empresas, sem produção similar no Estado, válida para determinado período de tempo; isenção ou redução do imposto para as micro e pequenas empresas, redução da alíquota do imposto para situação e produções especiais; postergação dos prazos de pagamento, adiamento do pagamento do imposto por longo prazo; isenção ou redução do imposto sobre produtos específicos destinados ao exterior;
- b) financeiros: aquisição de ativos fixos; formação ou recomposição de capital de trabalho; financiamento do pagamento do imposto; participação acionária;

financiamento para o desenvolvimento tecnológico; financiamento para empresas de turismo;
 c) estímulo para infraestrutura: venda de lotes e galpões por preços reduzidos; permuta de terrenos para a localização de empresas; doação de áreas e lotes industriais; implantação de áreas e distritos industriais;
 d) outros estímulos: simplificação do processo de registro de empresas; simplificação do processo de licitação para pequenas empresas; assistência técnica na elaboração do projeto; apoio à formação de capacitação de pessoal.” (SZAJNBOK, 2017, p. 174).

Os efeitos positivos dessa ação dos estados foram: a aceleração da desconcentração do parque industrial das grandes metrópoles, o incentivo à indústria produtiva regional, geração de novos empregos e renda, atração de investimentos e melhorias em sua infraestrutura.

Já as desvantagens também estão presentes nesse modelo, uma das maiores é que ao conceder os incentivos fiscais, os estados e municípios abrem mão de recursos valiosos que reduzem seus respectivos orçamentos e vão prejudicar os investimentos nas áreas sociais, como saúde e educação, por exemplo.

A expectativa é que as economias obtidas pelas empresas sejam repassadas nos preços dos produtos ao consumidor, mas o que se tem visto é que esses benefícios são convertidos em maiores taxas de lucros, intensificando a acumulação de capital.

Outro ponto a ser destacado é que os estados menos desenvolvidos acabam sendo mais prejudicados, pois para se tornarem competitivos com os grandes centros do país, já dotados de infraestruturas atrativas ao capital, eles tendem a fazer maiores concessões, e por fim, têm suas contas públicas prejudicadas (SZAJNBOK, 2017).

2.2. AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NAS CIDADES BRASILEIRAS EM VIRTUDE DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE.

Com o advento da industrialização as cidades brasileiras passaram por uma série de transformações, tornando-se o lugar da produção do capital. Toda a vida da cidade passou a ser determinada por essa produção, como nos mostra Aranha-Silva (2015).

Em sendo a cidade o lócus principal da produção, é ali que se concentram os principais serviços, produtos e agentes (trabalhadores, consultores, empresas, bancos) necessários à produção. Essa nova dinâmica econômica, não mais pautada na agropecuária, mas sim na agroindústria e no setor minero e energético, tem promovido de modo intenso a expropriação de pequenos e médios proprietários, que veem como único desfecho vender ou arrendar suas poucas terras para a formação dos complexos de soja, eucalipto e cana, principalmente, por conseguinte promove a migração campo cidade (ARANHA-SILVA, 2015, p. 2).

Embora não esteja ligado exclusivamente à cidade, o capitalismo tem nela seu ponto de apoio, pois é nela que se encontram as condições para seu crescimento, ela concentra e viabiliza com grande agilidade os ciclos do capital, do fornecimento de mão-de-obra para a produção, ao mercado consumidor final, encurtando o tempo entre o produto e o consumo, o que acaba por se transformar em mais capital. “A cidade reúne qualitativa e quantitativamente as condições necessárias ao desenvolvimento do capitalismo, e por isso ocupa o papel de comando na divisão social do trabalho.” (SPOSITO, 1988, p. 78).

Embora o capitalismo tenha nas cidades duas de suas principais fontes de recursos, a força de trabalho e mercado consumidor, não podemos identificá-lo apenas com as cidades, pois ele está também muito presente no campo e seu crescimento está ligado diretamente com a inter-relação entre essas duas áreas de nossa sociedade. A cidade se sobressai como o lugar de comando, a gestão do capital está concentrada nela, isso se dá tanto para a área rural quanto para com as outras cidades à sua volta, dessa forma vão surgindo as chamadas redes urbanas no interior do país, grupos de cidade interligadas por relações de codependência (SPOSITO, 1988, p. 78).

Esse conjunto de ações destinadas à implementação da indústria transformou a realidade das cidades brasileiras, principalmente daquelas de pequeno e médio porte, onde foram implantadas essas novas estruturas com objetivos econômicos. Elas tiveram seu modo de vida completamente alterado por essa nova tecnoesfera, o que deu origem também a uma nova psicoesfera dominante a partir das duas últimas décadas do século XX. Cabe aqui uma definição desses dois conceitos apresentados por Santos (1993).

A tecnoesfera envolve as estruturas físicas e tecnológicas construídas, o termo quer dizer simplesmente a estrutura tecnológica dentro da biosfera, são todos os objetos fixos e móveis construídas pela humanidade dentro de nossa biosfera, mas não somente a tecnologia informacional, a informática, os satélites, os novos meios de comunicação e recursos de hardware e software desenvolvidos a partir da segunda metade do século passado, também está relacionado a tudo que as novas tecnologias foram capazes de desenvolver nas diversas áreas da sociedade atual na construção civil, nos meios de transportes, na agricultura, envolve toda a revolução tecnológica de nossos dias (SANTOS, 1993).

A psicoesfera está ligada mais diretamente aos relacionamentos humanos, às pessoas inseridas dentro dessa nova tecnoesfera, ela nos faz entender que a cidade é mais do que prédios elegantes, ruas pavimentadas, carros bonitos, empresas e repartições públicas. A psicoesfera está relacionada à “*psique*”, isto é a mente, o entendimento, o intelecto, o que contém os sentimentos mais profundos de alguém, está ligada à alma, ao princípio espiritual do homem que se relaciona com o físico à sua volta, ao espírito, a parte imaterial, incorpórea e inteligente do homem (PEREIRA, 2012).

A psicoesfera nos mostra que a cidade também é relacionamento, é a busca por suprir os desejos e necessidades que o ser humano tem por estar próximo um do outro, seu lazer, sua cultura, seus amores, sua fé, suas escolhas e ideologias (PEREIRA, 2012).

Esses dois conceitos nos mostram que as transformações ocorridas em nossas cidades não aconteceram apenas devido às forças do modelo socioeconômico, mas em virtude dos desejos do próprio ser humano, suas ideologias, e a forma como isso atuou sobre os avanços tecnológicos ocorridos em nosso tempo, fazendo surgir novas

formas de viver dentro da cidade moderna, e os novos arranjos espaciais que foram determinados.

Em primeiro lugar, o arranjo espacial das cidades muda, tanto pelo seu tamanho consideravelmente aumentado, como pela sua localização mais dispersa. Mudam sobretudo, suas funções. As cidades são, de um lado, os elos de uma cooperação e de uma regulação que se devem dar em escala nacional, a serviço das atividades com dimensão nacional, isto é, as grandes empresas e o Estado. Por isso, devem ser localmente equipadas para o exercício dessa vocação “nacional, indispensável à realização do modelo nacional adotado. As respectivas tarefas são consideradas prioritárias e as aglomerações urbanas são preparadas para realizá-las a contento. As demais tarefas consideradas menos relevantes, agregam-se, por necessidade funcional, mas de forma subordinada, às tarefas hegemônicas (SANTOS, 1993, p. 108).

Isso faz surgir dentro das cidades brasileiras uma pluralidade de grupos que se enfrentam para conquistar seus espaços, mas,

[...]de um ponto de vista político, as atividades centrais, isto é, programadas como condição de êxito para o projeto nacional, são as que interessam ao próprio Estado e às corporações... É nesse sentido que podemos falar em *urbanização corporativa* (SANTOS, 1993, p. 108).

Dessa forma, a cidade é composta por esses grupos, mais ou menos organizados que lutam entre si, com a finalidade de implementar seus rearranjos e recriações, mesmo que de maneira difusa ou apoiados por lobbies com interesses, mais ou menos agressivos, através de suas manifestações políticas, da propaganda, das estratégias e ações, que buscam prevalecer sobre aqueles que não estão devidamente representados, ou em condições de competir nesse jogo de poderes, lutando cada um na tentativa de construir a sua cidade, aquela que atende às suas aspirações.

Entretanto, na cidade corporativa, a prioridade na construção de equipamentos se dá a serviço das grandes empresas hegemônicas, ficando para as demais instituições e a maioria da população aquilo que sobra na elaboração dos orçamentos municipais. Essa prática da política pública brasileira se torna a criadora de privilégios e de escassez, incentiva a especulação imobiliária criando problemas para a conquista de moradias ao mesmo tempo que cria espaços vazios dentro das cidades.

Esse esforço político em busca de atender os interesses dos agentes econômicos, acaba por agravar o problema da pobreza, ampliando mais ainda as barreiras para conquistas básicas como a casa própria, criando as áreas periféricas segregadas onde vivem os menos favorecidos e, ao mesmo tempo as áreas de auto-segregação, os condomínios fechados, destinados àqueles que podem pagar pelos seus benefícios.

Esse sistema empobrece ainda mais os mais pobres, que pagam caro por bens de consumo e serviços essenciais que o Estado não lhes fornece. A privatização da terra da cidade e a especulação imobiliária fazem com que os mais pobres sejam obrigados a buscar um lugar mais barato onde morar e, isso acaba por levá-los a ocupar áreas cada vez mais distantes e desprovidas de infraestrutura e equipamentos públicos que lhes garanta uma melhor qualidade de vida.

É dentro desse modelo de cidade capitalista que Três Lagoas-MS está inserida, e assim como nos demais municípios do país, a industrialização não foi um sinônimo de desenvolvimento, muito menos de melhorias de condições para muitos de seus moradores. Três Lagoas é uma cidade capitalista e, como tal, é também um lugar de crescimento econômico para alguns, mas também o local de desigualdades e de marginalização social para grande parte da população.

2.3. A POSIÇÃO GEOGRÁFICA PRIVILEGIADA DE TRÊS LAGOAS E DE MATO GROSSO DO SUL

Três Lagoas-MS foi inserida nesse novo tempo de expansão do parque industrial brasileiro para o interior do país, principalmente a partir do início do século XXI. Um dos fatores que mais a beneficiaram essa migração do capital foi sua posição geográfica privilegiada, pois durante muitos anos a cidade foi o principal portão de entrada que ligava Mato Grosso do Sul ao estado de São Paulo. Com os empreendimentos do Estado brasileiro, principalmente a partir de 1970, com o objetivo de criar fluidez no interior do país (SPOSITO, 2010), a cidade passou a ter melhor interação entre suas redes urbanas locais, com os grandes centros paulistas e com o mercado mundial do capital.

Essa região do estado de Mato Grosso do Sul foi ao longo da década de 1990 se tornando um novo polo de fluidez, eliminando as barreiras e gargalos que impediam que grandes empresas se instalassem na cidade.

Outro ponto importante a destacar é que, para o capital globalizado do final do século XX, é praticamente inaceitável que existam áreas como Três Lagoas que estejam sendo completamente inexploradas. Como afirma Harvey (2005), quando trata do capitalismo de uma forma global, nos apresenta que o capital precisa se expandir e quer se expandir, pois é assim que ele aumenta sua capacidade de acumulação e atende ao seu grande objetivo final, a produção de mais capital (HARVEY, 2005). Assim sendo, há uma série de interesses que pressionam o Estado a criar estruturas que permitam a ampliação da área de alcance desse capital sobre essa região do país.

Esse processo tem início avançando sobre áreas consideradas vantajosas para o grande capital no interior do estado de São Paulo com a construção de uma complexa malha rodoviária e a ampliação dos meios de comunicação.

Aos poucos as infraestruturas que urbanizavam o interior do estado paulista se aproximaram cada vez mais de Mato Grosso do Sul e no início dos anos de 1990 esse estado já estava conectado aos grandes centros de produção, de comércio e de comando da metrópole São Paulo.

Figura 1 - Limites Geográficos de Mato Grosso do Sul e principais vias de transporte.



Fonte: Google Earth Pro, elaborado pelo autor.

Como podemos ver na Figura 1, Mato Grosso do Sul tem uma posição geográfica favorável fazendo divisa com vários estados do Brasil e do Mercosul. Limita-se a Leste com os Estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, tem um enorme potencial no que se refere ao transporte hidroviário com esse três estados, pois é nessas divisas que se localiza os principais rios que integram a Bacia do Paraná.

Ao norte, limita-se com os Estados de Mato Grosso e Goiás e, por meio das rodovias BR-163 e BR-158 tem saídas para Cuiabá, Goiânia, Brasília, Porto Velho, Rio Branco e Manaus. O estado também é privilegiado em suas fronteiras internacionais, pois é a ligação do Brasil com o Paraguai e a Bolívia. O Rio Paraguai, que serve de fronteira com a Bolívia, permite o intercâmbio comercial por via navegável com os países do Mercado Comum do Cone Sul - Mercosul e o resto do mundo (SEMADE, 2015).

Esse estado é riquíssimo em recursos naturais, e por isso há um grande interesse do capital em estender-se para essa região do país. Abriga os dois principais rios das bacias dos rios Paraguai e Paraná, tendo cerca de 9.200 km, dos quais 38% navegáveis por embarcações comerciais, com profundidade mínima de 2,10 metros, em 90% do percurso. Os rios afluentes apresentam pequeno potencial hidrelétrico, mas em contrapartida tem um enorme potencial pesqueiro e turístico, especialmente no Pantanal. Quanto a extração mineral, é o segundo maior produtor nacional de minério ferro e se destaca também pela exploração de manganês, calcário e na produção de cimento (SEMADE, 2015).

Segundo o Censo Demográfico realizado pelo IBGE, apresentado no relatório da SEMADE (2015), o Estado de Mato Grosso do Sul em 2010, contava com 2.449.024 habitantes, dos quais, 2.097.238 residiam nas cidades e 351.786 na área rural, apresentando uma taxa de 85,64% de urbanização, o que também contribuiu para o processo de industrialização.

Até 1970, o estado desempenhava pouca participação da economia brasileira, atuava modestamente como fornecedor de matérias primas para o Sudeste (PEREIRA, 2004). Entretanto, com implementação de novas tecnologias voltadas para a produção agrícola como, novos insumos, sementes e maquinários, juntamente

com a necessidade de criar novas opções para agricultores descontentes com a esgotamentos dos solos da região Sul, o Governo Federal iniciou uma série de projetos para a expansão da fronteira agrícola em Mato Grosso do Sul (JURADO, 2008).

A partir de 1970 o estado passou a ganhar destaque na economia nacional com a potencialização de sua agroindústria, isto é, a produção agrícola interligada à produção industrial. A partir desse período começaram a surgir as grandes lavouras de soja, e vastas áreas de pastagens para gado de corte ganharam ainda mais importância. Foi nesse momento que surgiu o discurso político de que Mato Grosso do Sul é uma “área vocacionada” para agroindústria, principalmente por dispor de grandes extensões de cerrados, planos e “desocupados”. Essas atividades econômicas atraíram as primeiras indústrias de prensagem da soja para a fabricação de óleo, e os primeiros frigoríficos oriundos do estado de São Paulo, dando início ao seu processo de industrialização (ABREU, 2002).

Também foram criados programas governamentais com o objetivo de expandir o agronegócio, foram eles: a) Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO), decreto Nº 75.320, de 29 de Janeiro de 1975. b) Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER) criado em 1979 (LELIS, 2020,).

Esses dois programas tinham como objetivo a inclusão das regiões do Cerrado nos novos modelos de produção empresarial do capital monopolista, usando grandes somas de investimentos e novas tecnologias, buscando principalmente a produção de culturas direcionadas à exportação e às agroindústrias, assim entramos na era das commodities (MATOS e PESSÔA, 2011).

Outros desafios que Mato Grosso do Sul e a cidade de Três Lagoas tiveram que superar foram as periódicas crises do sistema capitalista, que segundo Hobsbawm (1962) são inevitáveis e cíclicas. No final do século XX tivemos a crise dos anos de 1980 que, segundo Harvey (2011), arrastou-se até início dos anos 2000, em seguida a crise imobiliária, o país viu seus projetos de desconcentração da indústria atrasarem enquanto a economia se reorganizava para vencer a nova crise iniciada nos Estados Unidos.

Essas crises provocaram a redução significativa dos investimentos fiscais por parte do Estado e prejudicaram a expansão da agroindústria na região, conhecida como “década perdida”, esse período foi profundamente marcado pela instabilidade econômica (NEVES e SANTOS, 2018).

A década de 1980, também foi marcada pelo estabelecimento de esquemas de corrupção no Brasil e por programas governamentais desastrosos principalmente na área econômica, criando assim uma grave crise que se prolongou por toda a década até a criação do Plano Real, um novo programa econômico do governo Itamar Franco com o objetivo de estabilização da moeda e conter a hiperinflação.

Iniciado em 27 de fevereiro de 1994 com a publicação da medida provisória número 434, o Plano Real levaria ainda praticamente uma década para vencer as dificuldades existentes na economia do país, principalmente devido à crise energética dos anos 1990, as flutuações do câmbio e os juros altos.

Vencidas as crises da “década perdida”, Mato Grosso do Sul voltou a ser atrativo para o grande capital, principalmente a suas muitas possibilidades, como oferta energética em abundância, novas políticas de incentivos fiscais por meio da isenção de impostos, entre outros (NEVES e SANTOS, 2018).

Durante o governo Zeca de 1999 a 2007 foi criada a Lei MS Empreendedor, nº 93/2001, que instituiu o Programa Estadual de Fomento à Industrialização, sendo mantida por seu sucessor, André Puccinelli de 2007 a 2015, (FERREIRA, 2017). Desde então, o complexo industrial sul-mato-grossense tem se expandido principalmente na região Leste do estado onde se encontra o município de Três Lagoas.

Esse processo se acentuou após os anos de 1990 e advém em parte, da desaglomeração industrial do estado de São Paulo, constituindo eixos industriais ao longo das principais vias desse estado e elegendo territórios aptos para receberem as unidades fabris, com isso ocorreu a interiorização industrial (ARANHA-SILVA, 2013, p. 1).

Na Figura 2 podemos ver claramente a marcha do processo de industrialização de Mato Grosso do sul, principalmente seguindo a rota da rodovia Marechal Rondon que será estudada com mais detalhes posteriormente. A Figura 2 também nos mostra

a posição privilegiada de Três Lagoas, devido à sua proximidade com o estado de São Paulo, na Região Leste do estado

Figura 2 - Expansão Dos Pontos de industrialização de SP/MS (1975 a 2002).



Fonte: Silva (2011), elaborado pelo autor

Com o Programa “MS Empreendedor” o estado foi dividido em cinco polos econômicos classificados da seguinte forma:

“POLO MINERO-SIDERÚRGICO Setor Sudoeste – Agroindústria frigorífica e láctea; indústria de: calcário dolomítico, turismo e pesca; extração de rochas ornamentais; indústria de cerâmica; indústria de artefatos de cimento. Na área que compreende a região de Corumbá ocorrem agroindústria frigorífica e laticínios; indústria minerosiderúrgica, cimento e calcário; de turismo ecológico e de pesca e indústria de refrigerantes.

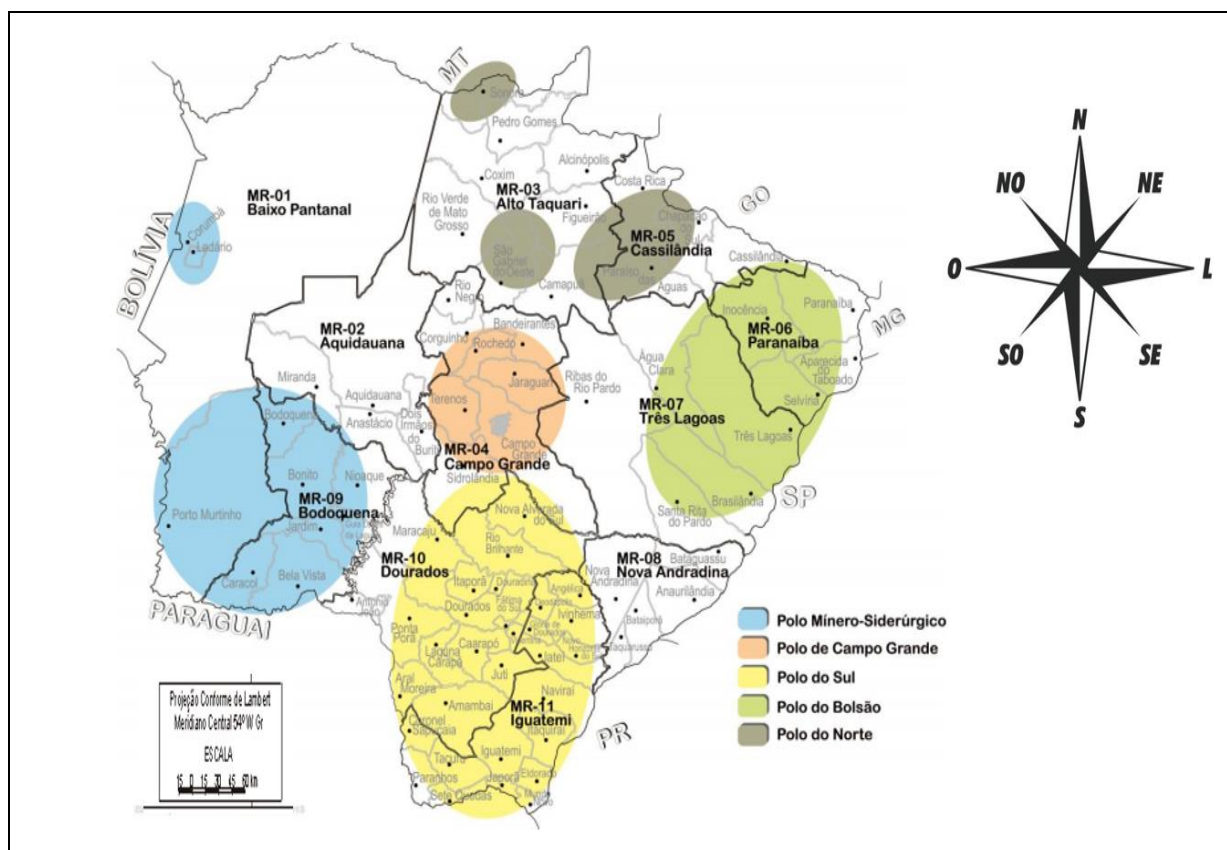
POLO DE CAMPO GRANDE - Agroindústria frigorífica e laticínios; indústria de alimentos, têxtil e confecções; metalúrgica; de material plástico; curtumes; moagem de soja (farelo e óleo) refinada; beneficiadora de arroz; gráfica; bens de capital e bebidas e refrigerantes; compensados e chapas de madeiras; turismo de eventos; ração animal; sementes de pastagens e cereais; embalagens e indústria de café.

POLO DO SUL - Agroindústria frigorífica e laticínios; indústria de alimentos, têxtil e confecções; curtumes; moagem de soja (farelo e óleo bruto); bebidas; ração animal; sementes de pastagens e cereais; embalagem; erva-mate; fiação de algodão; açúcar e álcool; beneficiamento de trigo; gráfica e indústria de pescado; indústria de biodiesel.

POLO DO BOLSÃO - Agroindústria frigorífica e laticínios; indústria de alimentos, têxtil e confecções; curtumes; moagem de soja (farelo e óleo bruto); embalagem; indústria de açúcar e álcool; beneficiamento de algodão; gráfica; indústria de pescado; derivados de plásticos; metalúrgica e siderurgia (ferro-gusa, alumínio e aço); indústria de madeira; turismo; indústria de calçados e indústria de café; indústria de papel e celulose.

POLO DO NORTE - Agroindústria frigorífica e laticínios; indústria de cerâmica; indústria de alimentos; beneficiadora de algodão; rações; metalúrgica; indústria de açúcar e álcool.” (SEMADE, 2015, p. 80)

Figura 3 - Situação produtiva potencial dos polos de Mato Grosso do Sul.



Fonte: SEMAC/SUPLAN/2011, reorganizado pelo autor.

Na Figura 3, podemos perceber o grande potencial do estado nas áreas de extração de minerais e na agroindústria. Aqui percebemos também as características da Região do Bolsão, onde está localizado o município de Três Lagoas.

Até os anos de 1990 Três Lagoas já era o principal centro agropecuário da Região do Bolsão. Suas vastas áreas de pastagens em solo plano facilitaram o processo de transição para as florestas plantadas de eucaliptos, pois estas áreas já estavam completamente desmatadas o que beneficiou o plantio das árvores e a implantação do maior parque de produção de celulose branqueado do mundo (KUDLAVICZ, 2011). Cumpre lembrar, que a existência de vastas áreas de pastagens em solo plano constituíram uma condição para a expansão da agricultura capitalista, visto que essa expansão ocorreu em decorrência da conjugação de interesses dos grupos hegemônicos.

Para Ezequiel Resende, coordenador da Unidade de Economia, Estudos e Pesquisas da FIEMS, Três Lagoas tem sido o mais importante polo industrial do estado:

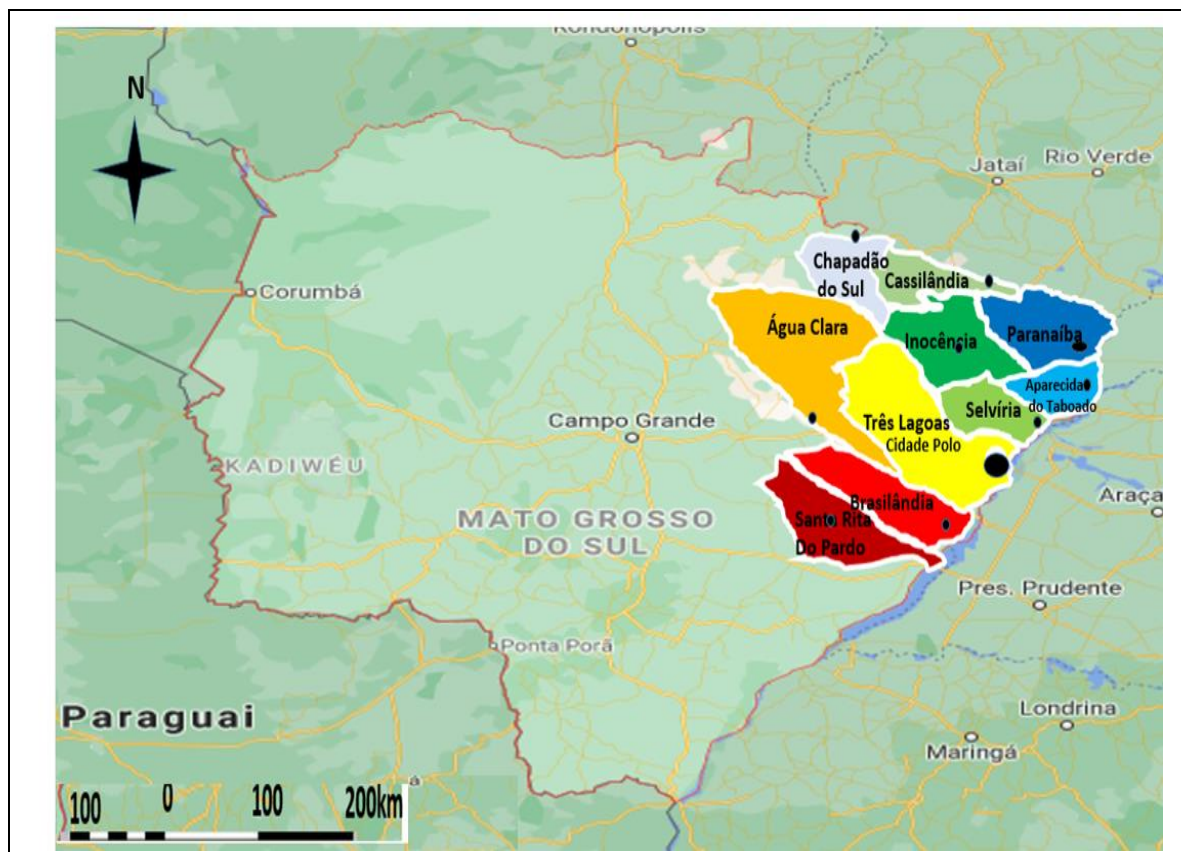
“Os investimentos da Fíbria e Eldorado na ampliação das atividades em Três Lagoas equivalem a 106% do PIB Industrial de Mato Grosso do Sul atual ou 21% do PIB do estado total, estimados para 2015. Quando entrarem em operação, o Valor de Transformação Industrial (VTI) das duas novas unidades, que é uma proxy para contribuição direta ao PIB, deverá ser de aproximadamente R\$ 3 bilhões. Já em relação ao PIB Industrial estimado para 2018 (R\$ 18,7 bilhões), o incremento proporcionado pelas novas linhas das duas plantas deverá ser próximo de 16%, enquanto que o impacto sobre o PIB do segmento de celulose e papel, também estimado para 2018 (R\$ 4,9 bilhões) deverá ser de 61%” (FIEMS, 2016, p. 01, apud, FERREIRA et al, 2016, p. 1126).

Dessa forma o município de Três Lagoas passou a ganhar ainda mais destaque na economia regional e para todo o estado de Mato Grosso do Sul. Consolidando sua posição de destaque na região do Bólsão sul-mato-grossense.

2.4. TRÊS LAGOAS, O POLO REGIONAL DO LESTE DE MATO GROSSO DO SUL

Três Lagoas-MS é a maior cidade da Região do Bólsão, e como podemos ver na Figura 4, tornou-se o Polo Regional, exercendo influencia principalmente sobre as cidades mais próximas como Água Clara, Selvíria e Brasilândia. Constituindo assim num centro de oferta de serviços e comércio para os habitantes destas cidades próximas.

Figura 4 – Localização da Região de Planejamento do Estado de Mato Grosso do Sul - Bolsão

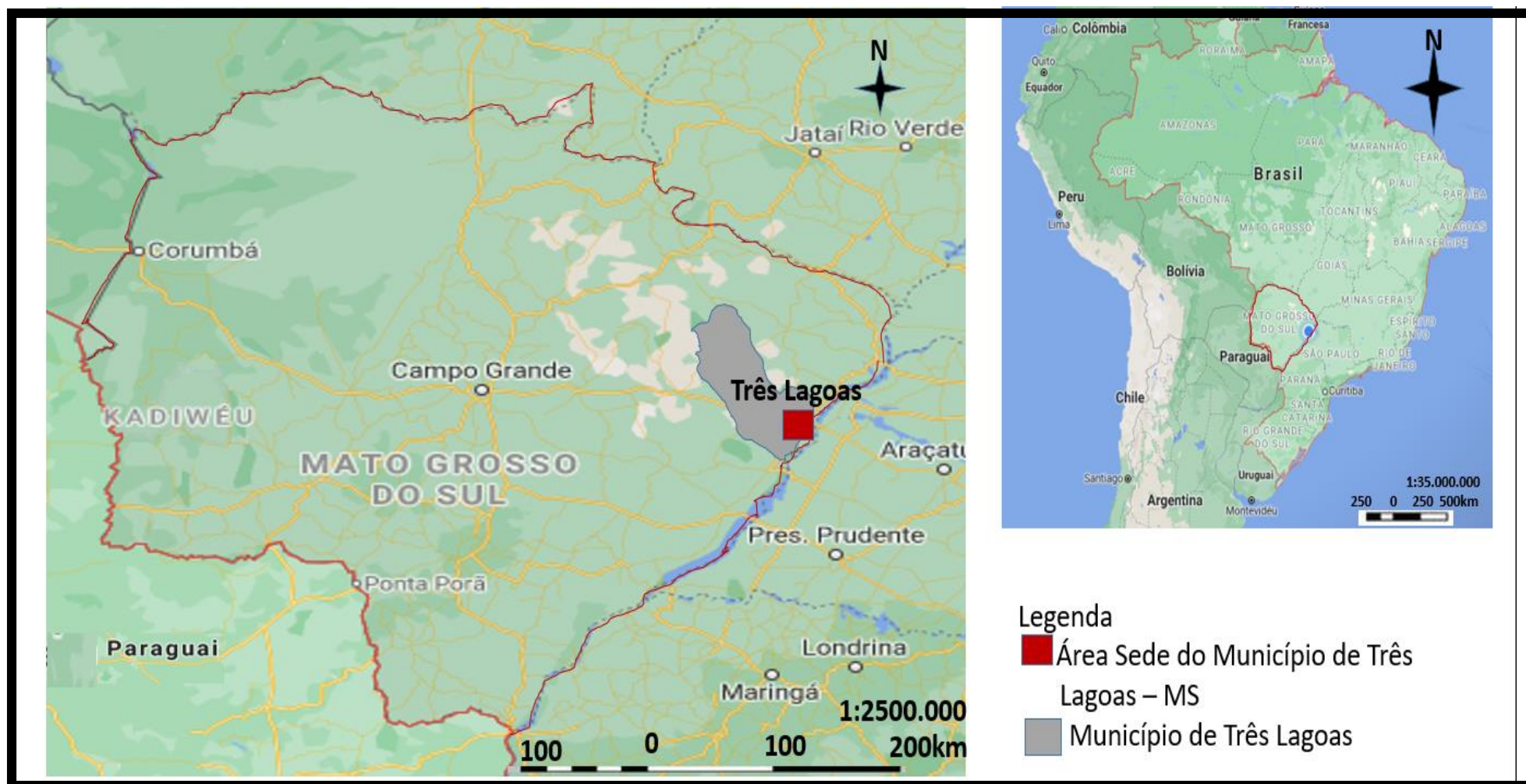


Fonte: SEMAC/SUPLAN/2011, reorganizado pelo autor.

Além da proximidade com o estado de São Paulo, Três Lagoas também está no ponto de encontro entre a BR 158, a BR 262 e a SP 300. É também por onde passam a hidrovía Tietê-Paraná e a estrada de ferro Noroeste do Brasil, agora cedida à Ferrovia Novo Oeste. Na Figura 4, podemos ver que o município é considerado a sede do Polo da região conhecida como Bolsão de Mato Grosso do Sul, do qual também fazem parte os municípios de Chapadão do Sul, Água Clara, Cassilândia, Inocência, Paranaíba, Aparecida do Taboado, Selvíria, Brasilândia e Santa Rita do Pardo (SEMAC, 2011)

Na Figura 5, a seguir, temos a localização geográfica de Três Lagoas com destaque para sua posição favorável na divisa com o estado de São Paulo.

Figura 5 - Localização geográfica do município de Três Lagoas Mato Grosso do Sul.



Fonte: Google Earth Pro. Organizado pelo autor.

Conforme nos mostram os trabalhos de Oliveira e Aranha-Silva (2011), o primeiro grande investimento estatal que contribuiu para o crescimento de Três Lagoas foi a construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil em 1909 (ARANHA-SILVA, 2011). O próximo investimento a gerar benefícios para o município foi a construção da Usina Hidrelétrica Engenheiro Souza Dias, ou “Usina de Jupia”, iniciada em 1965 e concluída em 1974 (PERPETUA, 2016).

Quando se observa a estrutura econômica atual da região e as relações econômicas ocorridas em Três Lagoas nos últimos anos, percebemos que a construção da Rodovia Marechal Rondon - SP 300 acabou por se transformar também em uma grande infraestrutura criada pelo Estado que gerou possibilidades para a transformação do município em um polo atrativo para a indústria e o comércio. Embora esteja no território do estado de São Paulo, essa rodovia interligou definitivamente o município com os grandes centros de produção e consumo e de exportação do país.

Todo esse processo de transformação do território de Três Lagoas em polo atrativo para a indústria ocorreu em função do desenrolar de vários projetos do Governo Federal para a dinamização econômica do interior do país, entre eles estão o Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND) lançado em 1979, que influenciou diretamente os governos estaduais, com a criação do Programa de Complementação Urbana (P.C.U) lançado em 1980. Este último foi elaborado e dirigido a partir do II PND, tinha como objetivo dotar as cidades de pequeno e médio porte localizadas em áreas de produção agrícola e pecuária, de “[...] infraestrutura e equipamentos que as fortalecessem como cidades – polos de desenvolvimento” (FRANCISCO, 2013, p. 90).

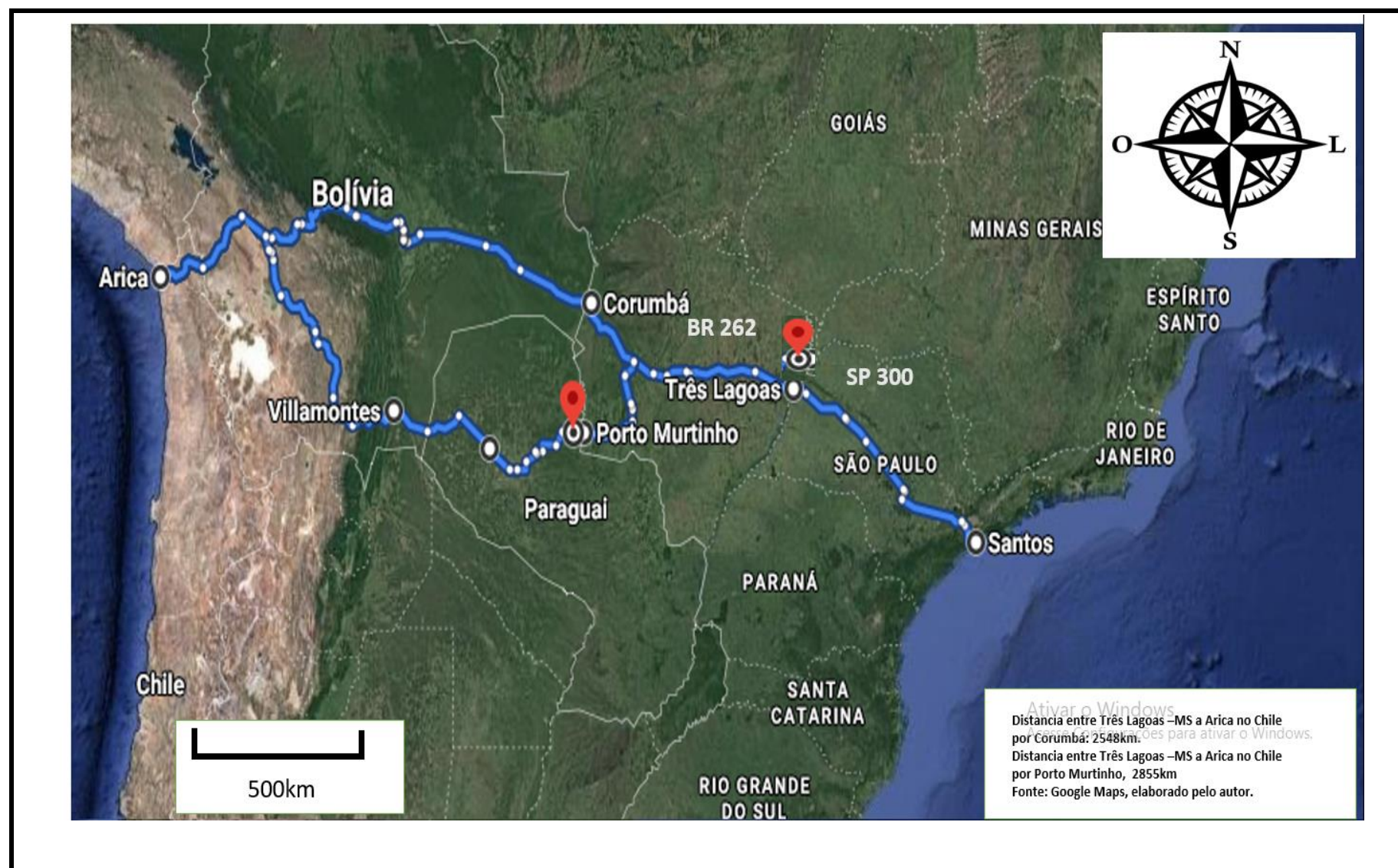
Desta forma, projetava-se que as melhorias estruturais dos municípios trariam bons resultados para os planos de desenvolvimento da indústria na região e transformaria não só Três Lagoas, mas toda a porção Leste de Mato Grosso do Sul em um polo de atração, que por fim possibilitaria a modernização do espaço urbano e dinamizaria a atividade econômica na cidade e região (NEVES e SANTOS, 2018 e FRANCISCO, 2013)

A ligação da Rodovia Marechal Rondon com a BR 262, criou um dos maiores corredores rodoviários do país, com 1.495 KM de estradas pavimentadas, ligando o

Porto de Santos-SP à Corumbá – MS, no extremo Oeste do Brasil, na fronteira com a Bolívia.

Esse corredor abriu a possibilidade de interligação com outras rodovias dentro do estado de Mato Grosso do Sul como, a BR 267 que liga a capital Campo Grande a Porto Murtinho e, deu início ao projeto de criação de uma outra rota bioceânica ligando o porto de Santos ao portos de Arica e Iquique no Chile (FERREIRA 2017). No centro desse corredor se encontra Três Lagoas, como nos mostra Figura 6.

Figura 6 – Corredor Rodoviário Biocênico.



Independente da Rota bioceânica, a construção da Rodovia Marechal Rondon se tornou um importante canal de escoamento da produção, tanto dos grandes centros para o interior, quanto do interior para as grandes cidades do país, e também para o mercado externo, contribuindo para acelerar o processo de estruturação das vias de transporte do Oeste Paulista e também do Leste de Mato Grosso do Sul.

Possibilitou, também, a instalação de grandes empresas no interior do estado de São Paulo o que influenciou diretamente no crescimento econômico de Três Lagoas, além de possibilitar que o mesmo tornasse um atrativo para novos investimentos.

Desde a conclusão da Rodovia Marechal Rondon, as características do município e da cidade começaram a mudar. Logo após seu término, teve início a construção do primeiro anel viário da cidade, a duplicação da avenida Clodoaldo Garcia, tido como o “portão de entrada” do estado de São Paulo para Mato Grosso do Sul e o desvio do tráfego, principalmente de caminhões que anteriormente era feito por dentro da cidade, como diziam os moradores locais, “a cidade começava a tomar cara nova”.

Uma viagem até a capital do estado de São Paulo, que nos anos de 1970 e 1980 levava até 24 horas, agora pode ser feita em menos de 10 horas de carro e 12 horas de ônibus. Isso estimulou o comércio de forma geral, desde donos de lojas locais que fazem o papel dos chamados “sacoleiros” buscando produtos industrializados, principalmente na indústria têxtil, que em 2013 tiveram um lucro de 300% apesar dos riscos da viagem (REZENDE, 2013).

Despertou também o interesse de grandes empresas de se instalarem no município, como um dos primeiros efeitos da fluidez do território que veio permitir que os fatores de produção, a força produtiva, as mercadorias e o dinheiro passassem a ter uma grande circulação no município e região.

Por meio dos investimentos do Estado, principalmente via BNDES, ocorreu a reforma da malha rodoviária da BR 262, a conclusão da BR 158, a restauração da antiga rede ferroviária federal já existente na região, o prolongamento da ferrovia Ferronorte até de Aparecida do Taboado, onde está o terminal de exportação da Eldorado Brasil e, a construção da hidrovía Tietê-Paraná (PRUDÊNCIO, 2015).

Somam-se a isso os novos avanços dos meios de comunicação com a privatização das telefônicas e a expansão da internet, juntamente com a mão-de-obra mais barata e mais desorganizada que nos grandes centros do país, sem contar a vastidão geográfica do território.

Dessa forma, Três Lagoas se tornou um polo de atração para o capital externo e interno (PRUDÊNCIO, 2015). Com essa estrutura, a região oferece todas as condições para aumentar a produção e acumulação de capital, inserindo-se definitivamente no mercado mundial (PERPETUA, 2011).

Três Lagoas se tornou uma cidade intermediária, um centro sub-regional. Segundo o Índice de Regiões de Influência das Cidades (IBGE, 2018), bem como um polo de crescimento econômico no então Bolsão Sul-Mato-Grossense, agora denominado de Costa Leste de Mato Grosso do Sul, conhecida popularmente como a “Capital do Bolsão”, Três Lagoas é, agora, por conseguinte denominada como a “capital da Costa Leste e capital mundial da celulose” (PERPETUA, 2011).

Perante tão entusiasmantes transformações e esse “bom desafio”, a atual secretária de Produção e Turismo (SEPROTUR), Tereza Cristina Corrêa da Costa, propôs inclusive que fosse substituída a antiga denominação Região do Bolsão, consagrada historicamente para designar a porção leste de MS, pelo nome de “Costa Leste denominação para um novo momento, muito mais próspero, vivido pela região”, dizia a secretária (PERPETUA, 2011, p. 40).

A afirmação da senhora Tereza Cristina Corrêa da Costa, no Painel Florestal 2012, reflete a euforia e a expectativa da população em geral no município, por todos os lados em todos os lugares, o que se vê nos moradores de Três Lagoas é a esperança de que com a chegada das fábricas dias melhores virão.

Outro fator de destaque na atração de indústrias para o município foi a política de incentivos fiscais promovidos pelo governo do estado de Mato Grosso do Sul. E, também, pela Prefeitura Municipal, a chamada “guerra fiscal”, que surtiu bons efeitos no que diz respeito à atração de empresas para a região, em especial para Três Lagoas, como afirma Pereira e Gomes (2004)

O Estado, (Mato Grosso do Sul) por sua vez, concede às indústrias incentivo fiscal equivalente à isenção de 67% do ICMS, gerado pela comercialização dos seus produtos por um prazo de 7 (sete) anos, podendo prorrogar por até 10 (dez) anos. Além, disso em virtude da natureza do setor, há postergação por mais 7 (sete) anos, com abatimento de 50% do valor original e redução de 30% do índice de correção. No que tange aos benefícios municipais, em Três Lagoas funcionam da seguinte forma: a prefeitura faz a doação da área (terreno) para formação do Distrito Industrial (DI), com algumas infraestruturas necessárias para a instalação do empreendimento, oferecendo também isenções por 5 (cinco) anos dos impostos IPTU, ISS e demais taxas como alvará e certidões dependendo da necessidade da empresa, sendo a lei 1429/97 que regulamenta a concessão e incentivos para instalação de indústrias (PEREIRA e GOMES, 2004, p. 55, grifo do autor).

Uma vez criadas as condições econômicas para a migração do capital através dos vários fatores já citados, foi apenas uma questão de tempo para que os resultados aparecessem e na segunda metade da década de 1990 começaram a chegar as primeiras empresas.

Como afirma Francisco e Gomes (2013 *apud* NEVES, 2018, p. 261):

[...] podemos constatar que de 1994 a 2006 instalaram-se as mais variadas indústrias no município de Três Lagoas, particularmente dos ramos alimentícios (1994 e 1996), têxtil (1998), automobilístico (1999), combustível (2004), energia elétrica (2004) e vestuário (2006). Fundamentalmente as condições de localização, logística, força de trabalho, incentivos fiscais, etc., corroboraram para a recente dinamização do desenvolvimento industrial (FRANCISCO e GOMES *apud* NEVES, 2018, p. 261).

Lefebvre (2008), quando escreve sobre o início da industrialização das cidades europeias, nos apresenta algumas colocações que são incrivelmente semelhantes com os acontecimentos ocorridos também em Três Lagoas, como podemos ver a seguir.

No capítulo que trata sobre a Industrialização e urbanização, o autor nos mostra que há um século e meio esse fenômeno vem transformando a vida das cidades, ela tanto provoca o crescimento, como também o surgimento de uma série de problemas oriundos desse processo de transformação social que se impõe à cidade como um todo.

Para Lefebvre (2008) *apud* COLOSSO (2016, p. 80), “[...]a modernização é engendrada por um duplo processo, qual seja, o avanço das forças técnico-produtivas – a industrialização –, mas também a urbanização da sociedade”. A industrialização

é uma característica de nosso tempo, somos como afirma Lefebvre (2008, p. 11) “*uma sociedade industrial*”, é ela que define o modo de vida à nossa volta.

Em Três Lagoas, podemos observar esse processo de transformação pois estamos no início desse período histórico de crescimento de seu parque industrial, assim, podemos perceber a transição de uma cidade com predominância agrícola para um novo momento em sua vida econômica, em que seus valores culturais e sociais começaram a mudar. Conforme nos mostra Lefebvre (2008).

O valor de troca e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância de uma revalorização do uso (LEFEBVRE, 2008, P, 14).

Percebemos que essa mudança de valores de uso e de troca atinge até mesmo os status sociais, os conceitos de riqueza mudam, e agora passaram a ser impostos por essa nova dinâmica econômica.

Onde antes predominavam os pastos de pecuária de corte, agora prevalecem os desertos verdes das plantações de eucalipto (KUDLAVICZ, 2011, 2012). O baixo valor das terras, a abundância de recursos hídricos, a excelente topografia e a proximidade principalmente com o estado de São Paulo fizeram da região de Três Lagoas um atrativo para a indústria de florestas de eucalipto (CHAEBO et al, 2011, p. 44).

Dessa forma, Três Lagoas se transformou de um lugar onde se instalara um marasmo econômico para um local de dinamismo financeiro, principalmente durante os anos de 2006 a 2015, período de construção das fábricas de celulose. Nesses períodos os bancos e lojas estavam quase sempre superlotados, as ruas muito movimentadas.

Uma cidade passando por esse processo de transformação é o local onde se chocam, o velho modo de vida agrário com o novo modelo baseado no capitalismo monopolista, a divisão de classes se manifesta cada vez mais e a cidade se torna a arena dessas disputas (LEFEBVRE, 2001).

A industrialização invade a cidade e a conquista, passando a ditar as novas regras e práticas de convívio. E a população, como reage diante disso tudo? No caso

de Três Lagoas, ela recebe essa invasão de braços abertos, pois é a esperança de que dias melhores virão, é o progresso chegando, o emprego.

Quando analisamos esse processo de crescimento econômico de Três Lagoas, várias observações precisam ser feitas. Se pensarmos no conceito de desenvolvimento ligado ao processo de industrialização, conforme apresentado por Sposito (1988), constatamos automaticamente que a cidade se desenvolveu nos últimos anos, devido ao crescimento de seu parque industrial e seu envolvimento no mundo do grande capital globalizado.

Se trabalharmos essa questão analisando os princípios apresentados por Sachs (2008 *apud* Aranha-Silva, 2010), chegamos à duas considerações; a primeira é que sim, a cidade tem passado por um processo de desenvolvimento, mesmo que lento. Temos visto a ampliação da infraestrutura básica em alguns bairros carentes, a melhoria dos serviços de saúde, e o início da construção dos grandes projetos de drenagem de águas pluviais, um sério problema para grande parte da população.

Entretanto, não podemos nos deixar envolver apenas pelo discurso sensacionalista, precisamos analisar também o que ocorre em muitos bairros mais afastados e carentes, em que o desenvolvimento real ainda está longe de ser alcançado por grande parte dos moradores. Áreas mais empobrecidas ainda não receberam infraestrutura básica de esgoto, ao todo mais de mais de 47% das residências da cidade não dispõe desse serviço (SANTOS, 2017), a pavimentação asfáltica também não alcançou a maior parte dos bairros carentes, persiste a carência por postos de saúde, e centros educacionais e poliesportivos. Ainda temos áreas da cidade, como o Jardim das Primavera, que não têm água encanada.

A conclusão dessa questão é que há um processo de desenvolvimento, mas ele ainda está distante daquilo que realmente deveria acontecer para que a maioria da população fosse beneficiada por todo o processo de expansão do capital na cidade.

Para melhor elucidarmos essa questão da expansão do capital, apresentamos a seguir uma tabela com a relação das principais empresas instaladas em Três Lagoas por sua ordem cronológica. Estes dados foram coletados através de pesquisas bibliográficas nos seguintes trabalhos: Perpetua (2012), Pereira e Gomes (2004), dados fornecidos pela Secretaria Municipal De Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia de Três Lagoas, Jornais e revistas, pesquisas de campo junto as empresas locais.

Tabela 1 - Indústrias Instaladas em Três Lagoas no período de 2001 a 2019.

Empresa	Tipo de Produção	Investimento (em R\$)	Data de instalação
Água Mineral Aquarela	Envase de água mineral	**	2001
Curtume	Curtimento de peles bovinas	**	2002
Petrobrás	Geração de energia	500.000.000	2004
Central Plast	Produtos plásticos	530.000	2005/ desativada
Avanti Textil	Fiação de polyester	67.000.000	2006
Metalfrio	Equipamentos de refrigeração	50.000.000	2006
Abzil	Produtos Ortodônticos	2.742.000	2006
Escala	Blocos de concreto	120.000	2006
Cortex	Fabricação de artefatos têxteis para uso domésticos	**	2006
Adar	Fabricação de produtos têxteis	**	2006
Steell Wire	Metalúrgica Barras de vergalhões de aço	110.000.000	2007
Mercopack	Laminados para displays de comunicação visual e embalagens	11.500.000	2007
Conde Duck	Meias	4.000.000	2007
Corradi Mazzer	Produtos têxteis	3.112.000	2007
Resimax	Plásticos	11.650.000	2007
Irmãos D`agosto	Vergalhões e chapas de aço	**	2007
Emplal	Embalagens termoformadas, injetadas e selos de alumínio	36.340.000	2008
Rio Prata	Embalagens	31.000.000	2008
Fatex	Confecções e vestuário	14.700.000	2008
Fundição Três Lagoas	Siderurgia	11.500.000	2008
Cobrecom	Fabricação de vergalhões, fios, cabos e condutores elétricos de cobre nus e isolados	30.000.000	2009
International Paper	Papéis de imprimir e escrever c	700.000.000	2009
Homy indústria e comércio de produtos químicos Ltda	Produtos químicos	16.000.000	2009
Tecnocell Industrial	Transformação de EPS (isopor)	11.500.000	2009
Embalatec	Embalagens	1.980.343	2009
Omya	Fabricação de produtos químicos	22.000.000	2009
Fibria Celulose	Celulose de fibra curta branqueada	2.300.000.000 *7.500.000.000	2010, duplicada em 2017
Braga	Comércio e Indústria Adesivos	20.000.000	2011
Feral	Metalurgia	12.000.000	2011
Nit	Indústria têxtil e fiação de fibras de algodão	**	2011
Eka	Produtos químicos inorgânicos utilizados para branqueamento de celulose	200.000.000	2011
Andreza	Industria e comércio de bordados, confecções, armarinhos	6.000.000	2011
Sitrel	Produção de laminados de aço	250.000.000	2012
Klin	Industria e comércio de calçados infantis	**	2012
Eldorado Brasil	Produção de celulose	6.200.000.000 *8.000.000.000	2012
Worldcolor	Calçadista	7.000.000	2017

MSGÁS	Distribuição de gás natural através de tubulações	1.900.000	2019
RCG	Alarmes	20.500.000	**
Indama	Fecularia	20.000.000	**
IFC/Cobrecom	Fios e cabos elétricos	17.542.000	**
Acebrás	Ferro e aço	2.000.000	**
Translopes	Equipamentos de transporte	700.000	**
Kelli Cristina G. Souza ME	Produtos têxteis	120.000	**
Multi Brink	Confecção de bonés, bolsa e agasalhos	**	**
Citroplast Papéis	Bobinas e caixas de papel	**	**
Mk, Química do Brasil	Produtos químicos para curtume	**	**
Kidy	Fabricação de calçados infantis de material sintético	**	**
Sultan	Confecção cama, mesa e banho	**	**
Amcor	Embalagens plásticas	**	**
Coppersteel	Bimetálicos cabos e fios telefônicos	**	**
Pavesul	Engenharia e blocos fabricação de blocos	**	**
Total			Total parcial 26.280.616.345

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS LAGOAS, SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA, PERPETUA (2012) e PEREIRA e GOMES (2004). Organizado pelo autor. * duplicação da empresa. **Dados não fornecidos pela empresa.

Podemos observar pela Tabela 2 que durante o período de 2006 a 2009 ocorreu a instalação do maior número de grandes empresas no município, e também teve início a construção da unidade industrial da Fíbria Papel e Celulose, inaugurada em 2010. Esse fato confere com os dados apresentados no referencial teórico que nos mostram a expansão da industrialização no interior do país a partir do ano 2002, quando foram vencidas as dificuldades impostas pela crise mundial dos anos 1980 e a retomada do crescimento da indústria brasileira. Esse foi um dos momentos mais eufóricos da cidade e o provocador de uma série de transformações na vida da população e no espaço urbano de Três Lagoas.

3. A EXPANSÃO DO CAPITAL E AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO NA CIDADE DE TRÊS LAGOAS ENTRE OS ANOS DE 2000 A 2020

Com um investimento de mais de R\$26.280.616.345 nas duas primeiras décadas do século XXI, Três Lagoas passou a experimentar uma série de transformações em diversos setores como: o aumento do emprego e da renda da população, crescimento do PIB e da arrecadação do município.

Outro fenômeno que queremos destacar foi o crescimento demográfico que por sua vez acirrou ainda mais a especulação imobiliária, fazendo com que novas áreas nos arredores da malha urbana passassem a ser transformados em empreendimentos imobiliários tanto para moradias de caráter social, do Programa Minha Casa Minha Vida, quanto para loteamentos do setor privado destinados a atender a crescente busca de moradias na cidade.

3.1. A EXPANSÃO DO CAPITAL E A GERAÇÃO DE EMPREGOS, CRESCIMENTO DO PIB E DA ARRECADAÇÃO DO MUNICÍPIO

O primeiro, e talvez o mais esperado efeito da expansão do capital por meio da industrialização, foi a possibilidade de geração de empregos na indústria, pois assim como o restante do país, Três Lagoas também atravessava um período de grande marasmo nesse setor. Com a chegada das novas fábricas a oferta de emprego na cidade passou a crescer e a trazer esperança para grande parte da população que buscava uma vaga no mercado trabalho formal (BRISON et al, 2018).

Gráfico 4 - Município de Três Lagoas: saldo ajustado do emprego no período de 2002 -2019



Fonte: Mendonça et al (2020), reorganizado pelo autor.

Como podemos observar no Gráfico 4, o aumento dos números de empregos no município ocorreu a partir de 2002, período de retomada do crescimento da indústria nacional, da estabilidade econômica e da fase mais acirrada da guerra fiscal. Esse crescimento chegou ao auge entre os anos de 2009 a 2015, momento de instalação das fábricas de celulose, entrando novamente em queda entre 2014 e 2015, que se deu em virtude do final da etapa de construção das fábricas, o setor sofreu uma breve recuperação em 2016, período de início da duplicação da fábrica da Fíbria, voltando a cair novamente em 2017.

Quando se trata de números, eles realmente são impressionantes, com um investimento de mais de 26,4 bilhões de reais em 24 anos, como vimos na Tabela 2, o município passou por um crescimento econômico vertiginoso, apresentando nesse ano de 2020, o segundo maior PIB do estado, ficando atrás apenas da capital.

A partir de 2018, Três Lagoas passou a ser responsável por 26% do PIB do estado de Mato Grosso do Sul, superando inclusive a capital do estado. Em 2019, o PIB no município foi de R\$11.368.408,54, enquanto a arrecadação de impostos da ordem de R\$615 milhões de reais, também a maior do estado, segundo os dados coletados junto ao IBGE e Prefeitura Municipal, conforme a Tabela 3 e os Gráficos 4 e 5.

Tabela 2 - Crescimento econômico do município de Três Lagoas entre os anos 2000 a 2020.

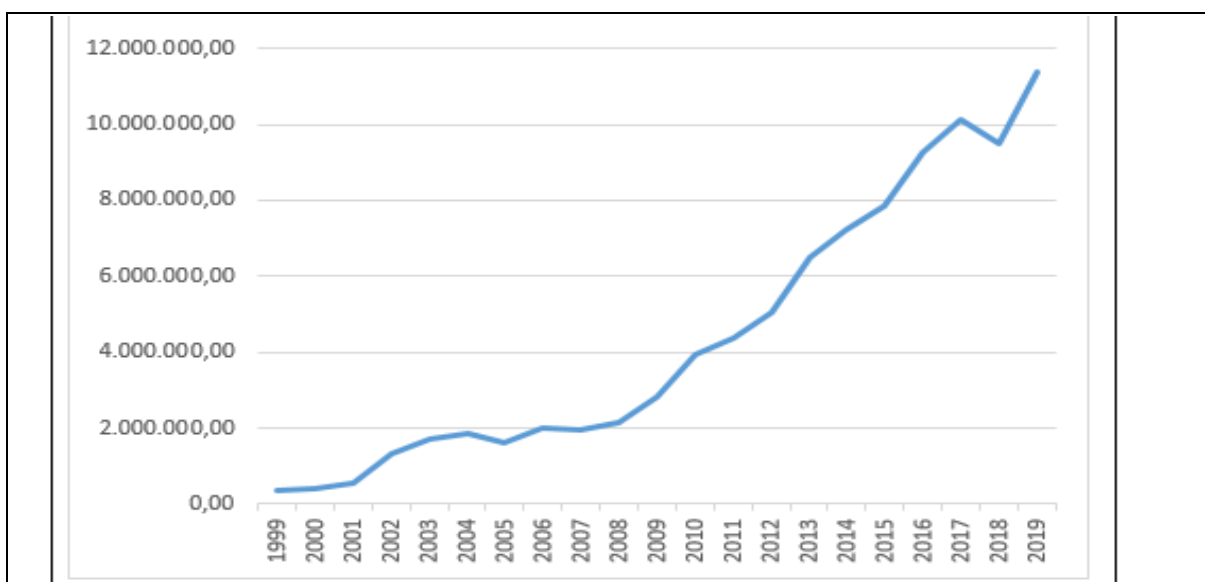
Ano	PIB (x 1000) R\$	Arrecadação / R\$	PIB Per capita	População	IDH
2000	407.345,000,00	**	5.575,45	78.900	0,630
2001	537.418, 000,00	**	6.802,75	80.802,75*	
2002	1.346.813, 000,00	**	13.468,13*	81.352*	
2003	1.724.786, 000,00	**	17.247,86	84.416*	
2004	1.848.095, 000,00	74,6 milhões	18.480,95	84.650*	
2005	1.594.538, 000,00	83,7 milhões	15.945,38	85.886*	
2006	1.984.587, 000,00	88,5 milhões	19.845,87	87.113*	
2007	1.970.447, 000,00	145,97milhões	19.704,47	85.914*	
2008	2.139.663, 000,00	156,3 milhões	21.396,63	88.592*	
2009	2.826.967, 000,00	178,9 milhões	28.269,67	89.493*	
2010	3.917.073, 000,00	**	38.507,63	101.791	0,744
2011	4.391.832, 000,00	235,9 milhões	42.418,40	103.536*	
2012	5.050.497, 00000	277,9 milhões	47.997,58	105.224*	
2013	6.494.386, 000,00	330 milhões	59.237,51	109.633*	
2014	7.241.440,820,00	247,9 milhões	64.857,24	111.652*	
2015	7.866.704,890,00	610,4 milhões	69.237,58	115.561*	
2016	9.233.556,730,00	515,7 milhões	79.902,01	115.561*	
2017	10.131.704,500,00	539,2 milhões	86.244,15	117.477*	
2018	9.500.000,000,00	619,4 milhões	79.521,86	119.464*	
2019	11.368.408,540,00	615 milhões	93.653,47	121.388*	
2020	11.545.054,140,00	939.265.218,48	93.648,00	123.281*	

Fonte: IBGE, Prefeitura Municipal de Três Lagoas. dados coletados e organizados pelo autor. (* estimativa populacional pelo IBGE, ** dados não localizados).

Como podemos perceber, há uma relação entre os números da Tabela 2 e as curvaturas dos Gráfico 4 e 5, a seguir. Percebemos através do análise dos dados da Tabela 2 e dos Gráficos 4, 5 e 6 que o crescimento do PIB e da arrecadação do município também experimentaram uma curva ascendente desde 2002, havendo um pequeno decréscimo em 2014. Nesse período, o PIB se manteve estável a cima de 7.241.440.820,00 R\$, mas a arrecadação sofreu uma queda de 330 milhões de reais em 2013, para 247,9 milhões em 2014, havendo uma rápida recuperação no ano seguinte e, caindo novamente em 2016 e 2017, porém, e voltando ao patamar anterior a partir de 2018.

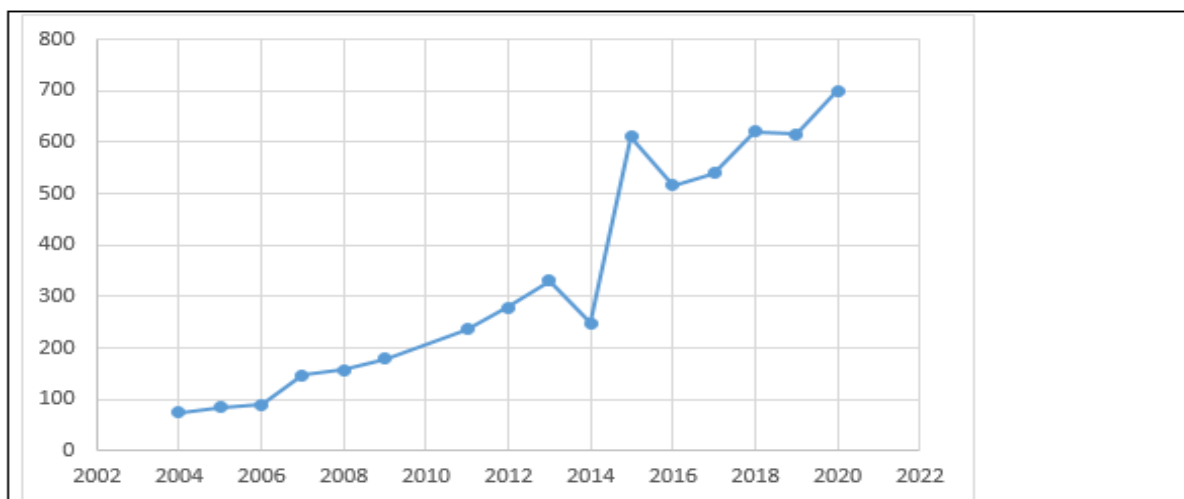
Já em 2020, o PIB chegou a 11,54 bilhões de reais, e a arrecadação do município suplantou as expectativas da administração municipal, chegando a 939.265.218,40 R\$, com um superávit de 239 milhões, em relação ao previsto para o ano que era de 700 milhões de reais, o que pode significar que a economia do município não foi muito abalada pela pandemia de Covid-19.

Gráfico 5 – Três Lagoas: PIB no período de 1999 a 2019.



Fonte: IBGE, Prefeitura Municipal. Elaborado pelo autor

Gráfico 6 - Arrecadação de impostos do município de Três Lagoas.



Fonte: IBGE.

Mais uma vez, a análise dos gráficos nos mostra o fenômeno de crescimento, tanto do PIB quanto da arrecadação do município, no mesmo período de início da retomada do crescimento da indústria.

3.2. A EXPANSÃO DO CAPITAL E O CRESCIMENTO POPULACIONAL

Todo esse crescimento econômico deixou grande parte da população de Três Lagoas em um clima de euforia, principalmente por parte de seus gestores, que passaram a apresentar a cidade como “a terra das oportunidades e do pleno emprego”.

Podemos ver esse discurso sensacionalista bem explícito na Foto 1 a seguir, que nos mostra o outdoor colocado pela Prefeitura Municipal em vários pontos da cidade. A Foto 1 foi tirada no cruzamento das ruas Egídio Thomé com a rua “D”, no Conjunto Habitacional Juscelino Kubitschek, também conhecido como bairro JK. Outras propagandas como esta foram colocadas nas avenidas Antônio Trajano, Eloy Chaves, Rosário Congro, Filinto Muller e Clodoaldo Garcia.

Foto 1 - Outdoor de celebração dos 104 anos de Três Lagoas.



Outdoor de celebração dos 104 anos de Três Lagoas em 2019, colocado em vários pontos estratégicos. Fonte: Trabalho de campo. Autor: João Luiz da Silva.

Já a Foto 2, a seguir, também tem o mesmo objetivo propagandista de divulgar a cidade como “oásis de prosperidade” no interior do país. A Prefeitura Municipal investiu grandes somas de dinheiro nesses anúncios com o intuito de divulgar essa imagem do município. Somente com uma matéria colocada na revista Veja foram declarados gastos de R\$ 333.500,00. A propaganda de uma página foi feita na edição de nº 46, ano 2016, de 11 de março de 2015, página 81, e apresenta a cidade como o “lugar perfeito para se viver e prosperar”.

Foto 2 - Propaganda paga colocada na revista Veja.



Fonte: Revista Veja.

Nós introduzimos aqui essa questão do propagandismo porque acreditamos que ele teve também uma influência sobre o grande fluxo de migrações que a cidade experimentou a partir do ano de 2006. A propaganda é uma ferramenta usada pelo capitalismo para atrair um dos principais elementos da produção e acumulação de mais capital através, da geração de mais valor, a força produtiva. A força de trabalho tem função determinante em todo o processo de transformação, tanto do capital quanto da sociedade (GERMER, 2013).

De nada adiantam as condições naturais, os incentivos fiscais, a estrutura de transporte e comunicações sem os operários que constroem as fábricas, que posteriormente irão também ser consumidores.

Dessa forma, vemos em Três Lagoas um fenômeno comum em todo processo de industrialização, desde a revolução industrial do século XVIII, até nossos dias, o capital se apresenta como força de atração da mão-de-obra, pois sem ela simplesmente não é possível o funcionamento das fábricas.

Apesar de todos os esforços realizados pelo Estado para a criação da infraestrutura necessária para a atração da indústria ao interior do país, isso somado a todas as vantagens naturais da região, os incentivos fiscais e todo o

desenvolvimento tecnológico de nosso tempo, ainda faltava um integrante fundamental para consolidar o processo de industrialização de Três Lagoas, para que o investimento do capital se tornasse realmente vantajoso, a Força Produtiva, como o próprio nome está dizendo, aqueles que realmente produzem os objetos fixos ou fluxos, o que vai gerar no final do ciclo o grande objetivo do capital, mais capital, como nos apresenta Harvey (2015).

Não é, portanto, a tecnologia em si a principal alavanca da acumulação, mas a massa de trabalhadores excedentes que ela faz surgir. “Ela fornece a suas necessidades variáveis de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado, independentemente dos limites do verdadeiro aumento populacional”. Normalmente, o exército industrial de reserva é colocado na produção e, em seguida, retirado em movimentos alternados, criando um movimento cíclico no mercado de trabalho. “Por sua vez, as oscilações do ciclo industrial conduzem ao recrutamento da superpopulação e, com isso, converte-se num dos mais enérgicos agentes de sua reprodução (HARVEY 2005, p. 191).

Não basta apenas ter trabalhadores, é preciso haver muitos trabalhadores, pois, o pleno emprego não interessa ao grande capital, sem o exército de reserva o operário tem a sua força de trabalho extremamente valorizada, o que deixa o capitalista em desvantagem e faz com que sua margem de lucro diminua. Para o capital, é preciso haver fila de desempregados na porta da fábrica, para que ele possa pressionar aqueles que estão dentro a darem o máximo de si (HARVEY, 2005).

Outro fator importante é que Três Lagoas não dispunha de mão-de-obra qualificada o suficiente para operar todas as etapas de implantação de seu complexo industrial, principalmente para a construção das papeleiras, no caso a Fíbria e Eldorado. Em virtude disso, essas empresas tiveram que recrutar uma grande quantidade de trabalhadores de várias regiões do país, principalmente das regiões Norte e Nordeste, daí a necessidade da propaganda.

A cidade passou a atrair cada vez mais pessoas. Muitos vieram trazidos pelas empresas em que trabalhavam, outros por conta própria em busca de emprego e de uma vida melhor. O grande número de trabalhadores que vinham por conta própria para a cidade fez surgir um problema social, pois muitos deles chegaram sem condições de se hospedar em hotéis e sem dinheiro para retornar. Soma-se ainda o fato de que nem todos conseguiram uma vaga no mercado de trabalho, ficando em uma situação complicada. Para mitigar esse problema, em 2009 a Prefeitura de Três Lagoas ampliou a capacidade de atendimento do Albergue Municipal e do CREAS

(Centro de Referência Especializado de Assistência Social), coordenados pela Secretaria de Assistência Social conforme nos mostra a citação a seguir retirada do site da referida secretaria.

Constatamos essa triste realidade no trabalho diário do que chamamos de 'busca ativa', feito pelas nossas equipes do Albergue Municipal e do CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social)", informou. Por meio das diárias e constantes abordagens na busca ativa, as equipes procuram, além de levantamento básico de dados de identificação, origem e causas, "sempre oferecem propostas de saída dessa situação de vulnerabilidade social, observou Mara Carrara. Dependendo de cada caso, oferecemos internação, encaminhamento para tratamento de saúde, pousada provisória no nosso Albergue Municipal e até passagem gratuita de ônibus para a cidade de origem e reencontro com a família", informou a diretora de Proteção Social. Somente nesta quarta-feira (14), a Secretaria Municipal de Assistência Social viabilizou a passagem gratuita de ônibus para quatro moradores de rua: dois para Aquidauana, um para Bauru (SP) e outro para Campo Grande. Os que se negam aceitar nossas ações de Assistência Social e insistem em viver como moradores de rua, pedimos que assinem termo de declaração que foram procurados pela Assistência Social (SMAS, SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTENCIA SOCIAL, 14, 08, 2014).

Tivemos a oportunidade de visitar as dependências do albergue em junho de 2012, por ocasião de uma assistência religiosa que prestamos a alguns de seus hóspedes que pediram apoio à nossa igreja. As instalações ficam na Rua Paranaíba número 1372, centro. O prédio conta com 34 acomodações para homens e mulheres separados em seis quartos. As instalações também dispunham de televisão, cozinha, pátio com mesas. São servidas 3 refeições diárias, também são fornecidas roupas, material de higiene pessoal, orientação técnica, ajuda para regularização de documentos e elaboração de currículos profissionais.

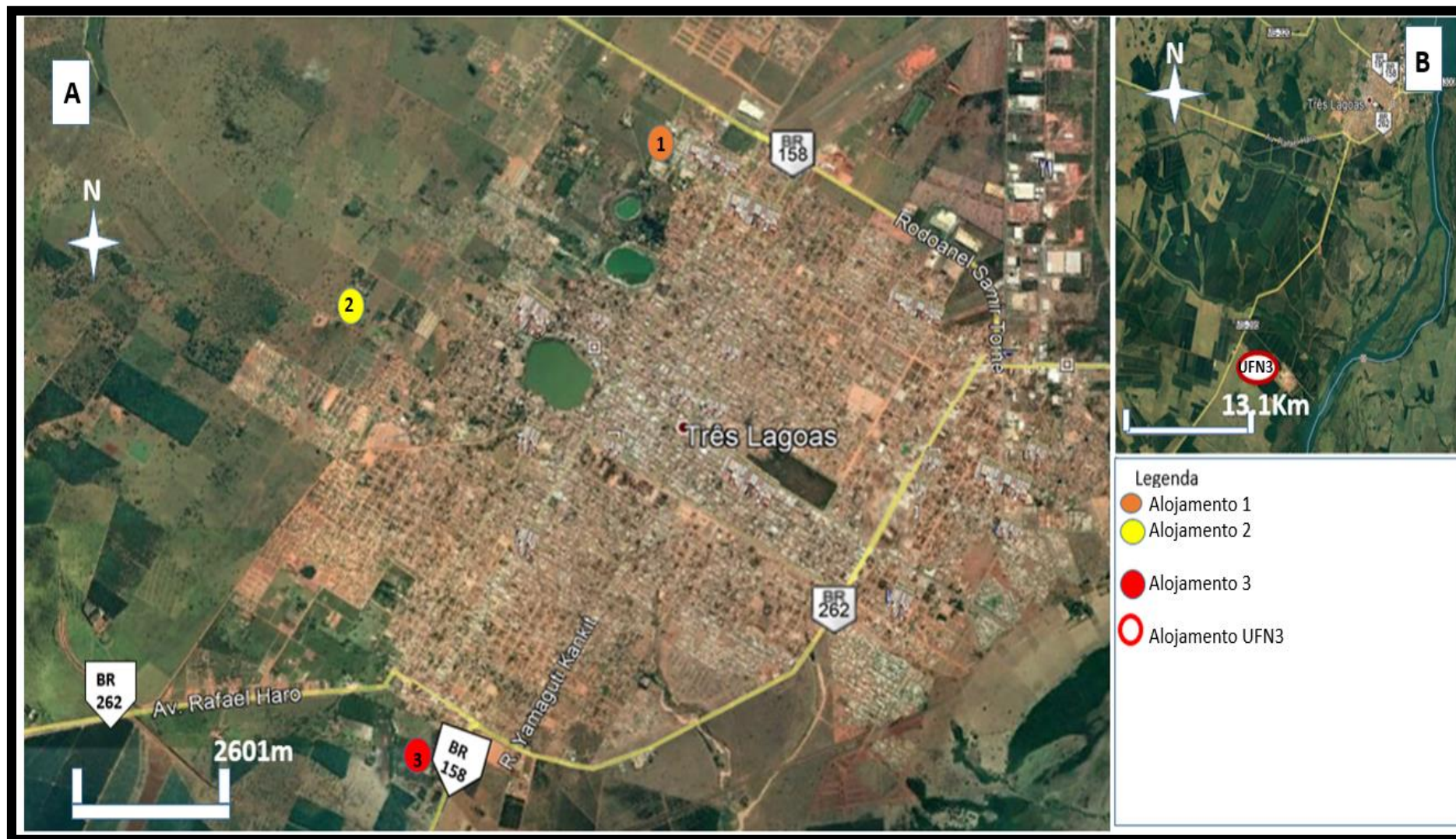
As regras do albergue são rígidas, os hóspedes devem estar nas instalações do prédio todos os dias antes das 18 horas, não podem levar bebidas alcoólicas nem se envolver em qualquer tipo de conflito dentro ou fora do local e o prazo de permanência é de 3 a 4 pernoites.

A rede de atendimento do município oferece os serviços: agência de emprego, atendimento hospitalar, documentação pessoal e passagem para que o albergado possa retornar para seu lugar de origem. Segundo o relatório da diretoria da instituição, durante os três primeiros anos de funcionamento, no pico da chegada de migrantes à cidade, foram atendidos 2.833 homens e 378 mulheres, sendo 18 oriundos de outros países (PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS LAGOAS, SMAS, 07.05.2012).

Os trabalhadores que vieram para Três Lagoas contratados pelas empresas responsáveis pela construção das fábricas de celulose desfrutavam de uma situação mais confortável, pois, já vinham devidamente registrados e com instalações devidamente preparadas para atendê-los, os “alojamentos de grande porte”.

Construídos para atender os funcionários das papelarias e do Consórcio UFN3, (Unidade de Fabricação de Fertilizantes Nitrogenados de Três Lagoas) responsável pela construção da fábrica de fertilizantes da Petrobrás. Esses alojamentos foram construídos em locais estratégicos no município, permitindo um fácil tráfego dos ônibus que levavam os operários para seu local de trabalho. A Figura 7 mostra a localização de cada uma desses alojamentos de grande porte.

Figura 7 - localização dos alojamentos de grande porte para operários.



Fonte: Google Earth Pro, organizado pelo autor.

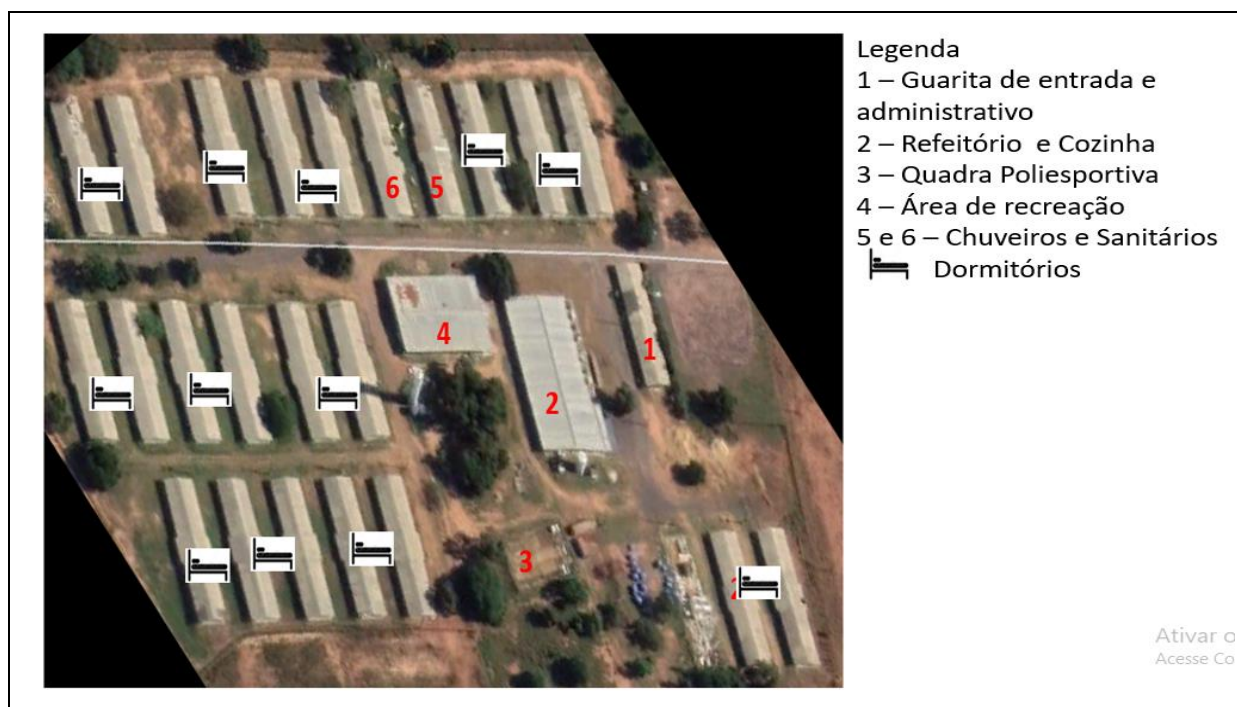
Eram quatro instalações, como nos mostra a Figura 7, a figura A, à esquerda, temos dois alojamentos localizados juntos à BR 158 em pontos diferentes, o primeiro, número 1 na Figura 7, na saída para Selvíria-MS, com capacidade para 1.930 hóspedes. O alojamento número 3, na saída para Brasilândia, com capacidade para 1.520.

O alojamento número 2, também conhecido como Fazendinha, com capacidade para 1500 leitos, foi construído na Rua Trajano dos Santos, SN, também conhecida popularmente como Estrada Para o Alto Sucuriú. Tem um acesso rápido para saída da cidade pela rua Urias Ribeiro, no bairro Ipacaráí. A quarta instalação de hospedagem de operários ficava nas dependências de própria UFN3, como nos mostra na Figura B, com capacidade para 1.650. Também foram montados outros inúmeros alojamentos de pequeno porte em vários locais da cidade, popularmente conhecidos como repúblicas de trabalhadores.

Como podemos ver nas figuras anteriores, os alojamentos ficam distantes do centro da cidade, sendo assim, as empresas disponibilizavam vários ônibus todas as horas do dia, inclusive finais de semana, para que os operários pudessem ter acesso aos bancos, mercados, farmácias, igrejas e também para seu lazer nos bares e restaurantes, principalmente no centro comercial.

Na Fotografia a seguir podemos ver melhor a distribuição das dependências desses alojamentos de grande porte, a estrutura dos mesmos era padrão em todos os locais.

Foto 3 - Imagem de satélite de alojamentos de grande porte em Três Lagoas.



Fonte: Google Earth Pro, organizado pelo autor.

Durante o período da construção da planta industrial da Fíbria tivemos a oportunidade de prestar assistência religiosa, como pastor evangélico, em dois desses alojamentos, localizados nas saídas da cidade e no pátio da UFN3. Eles seguiam um mesmo padrão arquitetônico, eram compostos de dormitórios para até 4 pessoas com camas, guarda-roupas e ventilador de teto. Todos os alojamentos eram cobertos com manta térmica para atenuar o calor três-lagoense.

Esses locais eram bem espaçosos e organizados. Para ter acesso às dependências, todos os operários possuíam um cartão eletrônico de identificação que utilizavam para passar pelo portão da guarita na portaria (item 1 da foto) e podiam entrar e sair a qualquer hora do dia ou da noite, não havia uma hora determinada para entrada. Essas instalações estavam sempre limpas e organizadas, os banheiros (itens 5 e 6) eram amplos e todos com chuveiros elétricos e vasos sanitários privativos, todos higienizados várias vezes ao dia.

Durante a noite, a maioria dos hóspedes se organizava em pequenos grupos para bate papo ou para jogos de baralho, esparramados pelo pátio do local. Equipes de segurança com motocicletas e automóveis faziam rondas constantes em todos os locais abertos das dependências do alojamento.

Havia quadra poliesportiva (espaço 3 da foto) e o alojamento 3, na saída para Brasilândia, também dispunha de um minicampo de futebol, ambos com iluminação. Um galpão grande cobria toda a área de lazer (espaço 4) que era composta de uma cantina, dez mesas de bilhar, 4 de tênis de mesa, uma capela para cultos religiosos, uma sala de cinema com Projetor multimídia, equipamento de som simples e outras 10 salas abertas com televisor e aparelhos de DVD conectados. Não era permitida a entrada mulheres nas visitas religiosas, nem a entrada de bebidas alcoólicas com os trabalhadores, como nos disse um dos trabalhadores, “nós podemos chegar bêbados e cair na portaria que eles colocam a gente pra dentro, mas não pode trazer bebida”, (informação verbal).

O refeitório (espaço 2) era amplo, com sistema de ar-condicionado, cozinha industrial e uma equipe de cozinheiras coordenada por nutricionista, constantemente inspecionadas pela vigilância sanitária de Três Lagoas.

No alojamento da UFN3, havia uma quadra de esportes coberta e iluminada, com arquibancadas de concreto, a capela desse alojamento era bem mais equipada que os demais, pois era mantida por casal de engenheiros evangélicos, funcionários da empresa, a capela estava a disposição de qualquer entidade religiosa que ali desejasse realizar qualquer trabalho com os operários.

Devido à influência desse casal, no alojamento da UFN3 eram realizadas atividades comemorativas como Dia dos Pais e Páscoa para aqueles que não podiam viajar nos feriados.

A Fotografia número 4, tirada durante um teatro de Páscoa organizado por este autor com o apoio do casal José e Fabiana Lisboa e da Primeira Igreja Batista em Três Lagoas. Foi realizado com o intuito de levar entretenimento aos operários que estavam longe de suas famílias. A apresentação ocorreu na quadra poliesportiva, aos fundos da foto é possível ver os dormitórios dos operários, não nos foi permitido tirar fotos dos quartos nem do refeitório.

Foto 4 - Alojamento da UFN3



Fonte: fotografia tirada em 2013. Autor: João Luiz da Silva.

Durante esse evento, fomos muito bem recebidos pelos hóspedes do local, que apesar do sol forte compareceram para nos prestigiar, ou sentados nas cadeiras dispostas na quadra ou nos arredores. A peça teatral contava a narrativa da crucificação de Cristo através da encenação com danças e coreografias executadas pelas crianças da igreja.

A repórter Tatiana Marin do portal Midiamax entrevistou um dos hóspedes do alojamento da Fíbria que relatou o seguinte:

“Não tenho o que reclamar, o alojamento é bom”, afirma Paulo Sérgio Damasceno da Silva, de 37 anos, que trabalhou por cerca de 8 meses como soldador na Fíbria. Ele mora em São José dos Campos, no estado de São Paulo e diz que já está acostumado a trabalhar longe de casa. “Já trabalhei 1 ano na UFN3 aqui em Três Lagoas”, conta. Minas Gerais e Paraná foram outros destinos de Paulo (MARIN, 2017).

Durante as visitas religiosas que realizamos no alojamento 3 na Figura 7, na saída para Brasilândia, também constatamos o mesmo ponto de vista por parte dos hóspedes com quem conversávamos, tanto no local, quanto quando eles visitavam a igreja para participar dos cultos, sempre os questionamos sobre as instalações, o tratamento que recebiam e alimentação, e as respostas foram de que eram bem

atendidos e de que a comida era muito boa, alguns mais entusiasmados com nossa presença faziam questão de nos levar até os seus quartos para mostrar as instalações. Cada quarto dispunha de camas beliche com colchão de densidade 33, roupa de cama para verão e inverno, e um guarda-roupas para cada hóspede, os materiais e moveis utilizados nesses alojamentos eram de boa qualidade.

Quanto aos direitos recebidos por esses operários eles eram previstos nos contratos firmados entre a Fíbria e os sindicatos, são eles: Sintricon (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Três Lagoas), o Sintiespav (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil Pesada) e as construtoras da planta da fábrica (Enesa, Irmãos Passaura e Estel), neles estão inclusas as questões de alimentação, moradia, transporte para o trabalho e transporte do alojamento para a cidade.

Conforme a cláusula nona do acordo, trabalhadores de outros municípios “[deverão] receber da empregadora alimentação, moradia e transporte, enquanto estiver fora de seu domicílio”. Em relação à moradia, o acordo descreve que “será conjunta com outros trabalhadores, em instalações tipo alojamento, pensões ou residências, e será concedida em caráter indenizatório para viabilizar o trabalho, não caracterizando para nenhum fim alteração de domicílio”. Ainda conforme o acordo, destacam-se três refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar) que devem ser fornecidas “durante o horário de trabalho, em refeitórios dentro do canteiro de obras, e, fora do horário de trabalho, em local adequado no alojamento ou em estabelecimentos conveniados pelo empregador” e que “ocorrerá em caráter indenizatório, exclusivamente para viabilizar o trabalho”, entretanto tal benefício é custeado em 0,5% do custo individual de cada refeição pelo trabalhador. Finalmente, os funcionários também recebem deslocamento entre o alojamento e o local da obra. “Independentemente da linha de transporte público municipal servindo o canteiro de obras, as empresas estão obrigadas a disponibilizar a todos os trabalhadores (...) transporte próprio ou locado, através de ônibus ou vans (MARIN, 2017).

Os trabalhadores que moram em outras cidades também recebiam folgas de 3 a 5 dias, dependendo da distância de suas cidades de origem, para que pudessem visitar suas famílias, segundo o relato dos entrevistados:

“Como é o caso de B.M.S., de 51 anos, que veio há 9 meses de São Luís, no Maranhão, para trabalhar como soldador também na Fíbria. Com tanto tempo longe da esposa e dos 3 filhos, B. conta que neste período, foi visitá-los 3 vezes. Segundo ele, cada funcionário tem folga de 3 a 5 dias – dependendo da distância, mas não desiste da vida de trabalhar longe. “Depende onde tem serviço. Já fui para Fortaleza, Rio de Janeiro, Pará” ... F. N., de 36 anos, de Boqueirão, no Piauí, também há 9 meses como soldador na Fíbria, ficou sabendo da oportunidade por colegas que já estavam em Três Lagoas. “Trabalho no trecho, no mundo afora”. Conterrâneo de F., J. A. M., de 35

anos, trabalhou como encanador por 7 meses. “O que recebi consegui pagar minhas dívidas. Agora vou pegar minha rescisão e fundo de garantia e vou voltar pra casa e esperar outra oportunidade”, relata J. (MARIN, 2017).

Esses são alguns exemplos de muitas histórias semelhantes daqueles que vieram de todos os cantos do país para buscar em Três Lagoas uma oportunidade de melhorar a situação de suas famílias, mesmo que seja temporariamente.

A maioria dos hóspedes dos alojamentos era de migrantes vindos da região Nordeste do país, pessoas acostumadas a enfrentar uma vida difícil, que precisam deixar suas famílias para poder tentar ganhar o sustento dos mesmos em outras regiões do Brasil. Um desses trabalhadores vindos do interior do sertão nordestino nos compartilhou, em uma de nossas visitas religiosas, que seu salário de um mês em Três Lagoas equivalia ao que ele ganhava por ano em sua cidade natal.

Outro tipo de alojamento muito utilizado na cidade foi o modelo de hospedagem em casas, as chamadas repúblicas de trabalhadores, essas eram geridas por coordenadores contratados por hotéis para prestar serviço terceirizado, um desses “gerentes” compartilhou suas experiências conosco em uma conversa casual que tivemos em sua lanchonete localizada em um bairro carente da cidade no dia 19 de setembro de 2020, durante uma observação participativa que realizamos no local.

Ele cuidou de três casas com quarenta trabalhadores em cada uma. No mês de janeiro de 2010, tive a oportunidade de visitar uma de suas repúblicas e pude ver como elas funcionavam, o serviço era terceirizado por um hotel que havia sido contratado por uma das construtoras terceirizadas da fábrica da Fíbria, entre ele e o hotel havia apenas um acordo verbal. Isso era feito porque os alojamentos e hotéis da cidade não comportavam a quantidade necessária de trabalhadores exigida pelas empresas.

Diante da empreiteira ele atuava como funcionário do hotel, mas não pôde me informar para qual hotel prestava serviços. “[...] se tivesse começado desde o início das obras teria ficado rico” (informação verbal), nos disse esse gerente, lamentando o fato de ter trabalhado nesse sistema apenas por oito meses entre o final de 2009 e meados de 2010.

A hospedagem funcionava da seguinte forma: eram três residências que ele alugava por conta própria, e preparava para receber os trabalhadores. Havia quarenta hóspedes em cada uma, as casas tinham que ser grandes, de oito cômodos em

média, alugadas por cerca de R\$1.500,00 (um mil e quinhentos reais), toda a mobília da casa era por conta do gerente, bem como a manutenção do imóvel, e tudo devia ser dentro de um padrão exigido pela empresa contratante, sendo fiscalizado pelo Ministério Público e Ministério do Trabalho.

O imóvel tinha quatro a cinco quartos, mais sala de estar com TV e DVD, cozinha, refeitório e quintal, as camas eram beliches reforçadas para evitar acidentes, colchões de solteiro com densidade superior a 33, roupa de cama com lençol, edredom, travesseiros e toalhas de banho, todos de boa qualidade. Uma casa tinha quatro banheiro e as outras dois banheiros cada. As despesas com limpeza da casa, água, luz e os eventuais reparos no imóvel eram por conta do gerente, bem como o cuidado dos hóspedes com três refeições diárias, acompanhamento em casos de enfermidades e, às vezes, transportes para bancos e outros serviços na cidade.

As hospedagens nas repúblicas só eram liberadas para os operários depois de completamente montadas e inspecionadas por uma comissão trazida pela empresa contratante do serviço. Essa comissão era formada por membros do Ministério Público, Ministério do Trabalho, vigilância sanitária e um representante da prefeitura.

Esse gerente chegou a ter 120 hóspedes a R\$ 25,00 (vinte cinco reais) a diária por pessoa, fora a alimentação. Como era ele e sua esposa quem preparavam as refeições, servidas em marmitas e demais atendimentos, conseguiram aumentar o lucro com o próprio trabalho, não tendo que terceirizar esses serviços. Ele também nos disse que os funcionários preferiam ficar nas casas do que em hotéis, pois tinham mais regalias como, ficar sem camisa, jogar baralho e andar à vontade, não era permitido bebidas alcoólicas ou mulheres no local.

A fiscalização dessas proibições era feita pelo próprio responsável pela república, mas ele afirmou que não tinha condições de estar no local o tempo todo, entretanto, os hóspedes preferiam obedecer às normas para não serem transferidos para um hotel ou perderem o emprego.

Os trabalhadores geralmente vinham em grupos de amigos, que por sua vez escolhiam o quarto onde iam ficar, isso evitava problemas de convivência já que todos se conheciam. Em uma de suas repúblicas, foi hospedado um grupo de quarenta trabalhadores de uma mesma cidade do Maranhão, “[...] esses caras não gostavam da comida daqui e só queriam comer peixe” (informação verbal).

Se um operário desse problema nas casas, ele comunicava a empresa e o hóspede era transferido para o hotel. Se o problema permanecesse, era então demitido e a empresa lhe dava a passagem de volta para sua cidade de origem, mas o funcionário só deixava o hotel, ou a república, quando todo o processo de demissão e os devidos pagamentos de direitos eram finalizados.

Certa ocasião, um morador de Três Lagoas esfaqueou um de seus hóspedes e ele teve que acompanhar o ferido ao pronto socorro e posteriormente levá-lo até a delegacia para registrar boletim de ocorrência, “[...] a briga foi por causa de mulher” (informação verbal). Não eram permitidas festas no local, apenas uma vez os trabalhadores do Maranhão puderam fazer um churrasco por ocasião da festa de ano novo.

Infelizmente nem todas as experiências foram tranquilas como as descritas anteriormente, muitos foram os protestos e acidentes que aconteceram nos alojamentos em Três Lagoas. O mais trágico deles ocorreu em agosto de 2008, quando um incêndio destruiu uma casa de madeira que servia como república no centro da cidade matando dois operários: os senhores José Luiz Tomás Júnior e João Indalécio Olímpio. O alojamento era da empresa Marza Engenharia Elétrica de Jaguariaiva (PR), que prestava serviços para VCP (Votorantim Celulose e Papel).

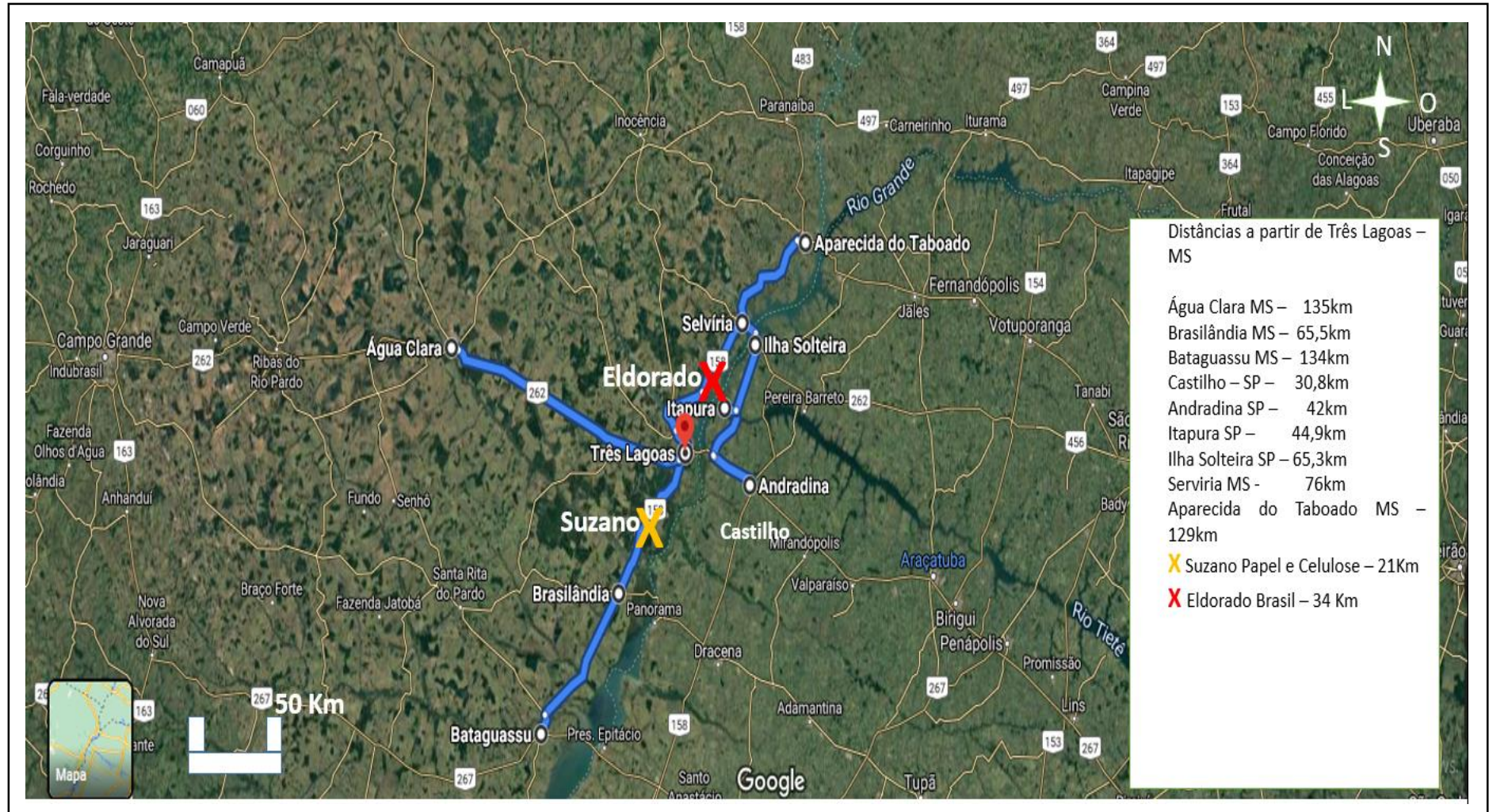
Em 15/11/2011, os funcionários da Montcalm Industrial, que estavam hospedados de uma república na rua Urias Ribeiro, promoveram um protesto contra as péssimas condições de higiene do local. No mês seguinte em 09/12/2011, os trabalhadores do alojamento “1”, Figura 7, na BR158, saída para Selvíria, incendiaram parte dos dormitórios em um protesto devido à falta de água há três dias no local.

Em 1/07/2012, outro incêndio destruiu alojamentos, dessa vez de uma empresa de siderurgia. Em 03/07/2015, equipes do Corpo de Bombeiros de Três Lagoas foram acionadas para apagar outro incêndio nas dependências do alojamento “1” Figura 7, na BR-158, saída para Selvíria-MS. Um incidente desse tipo também ocorreu no dia 23/12/2016, em uma república localizado na Rua David Alexandria, 2880 (CRUZ, 2016)

Embora tivessem ocorridos vários outros incidentes como esses, ainda assim, a cidade conquistou a simpatia de um grande número de trabalhadores que decidiram ficar por aqui e usaram o dinheiro que guardaram para trazer suas famílias, somando-se a outros milhares de migrantes que ajudaram a transformar a realidade da cidade. A começar pelo crescimento exponencial de sua população, muitos desses novos

moradores vieram das cidades circunvizinhas a Três Lagoas, tanto de Mato Grosso do Sul, quanto São Paulo, como nos mostra a figura a seguir.

Figura 8 - Localização das cidades circunvizinhas a Três Lagoas em Mato Grosso do Sul e São Paulo.

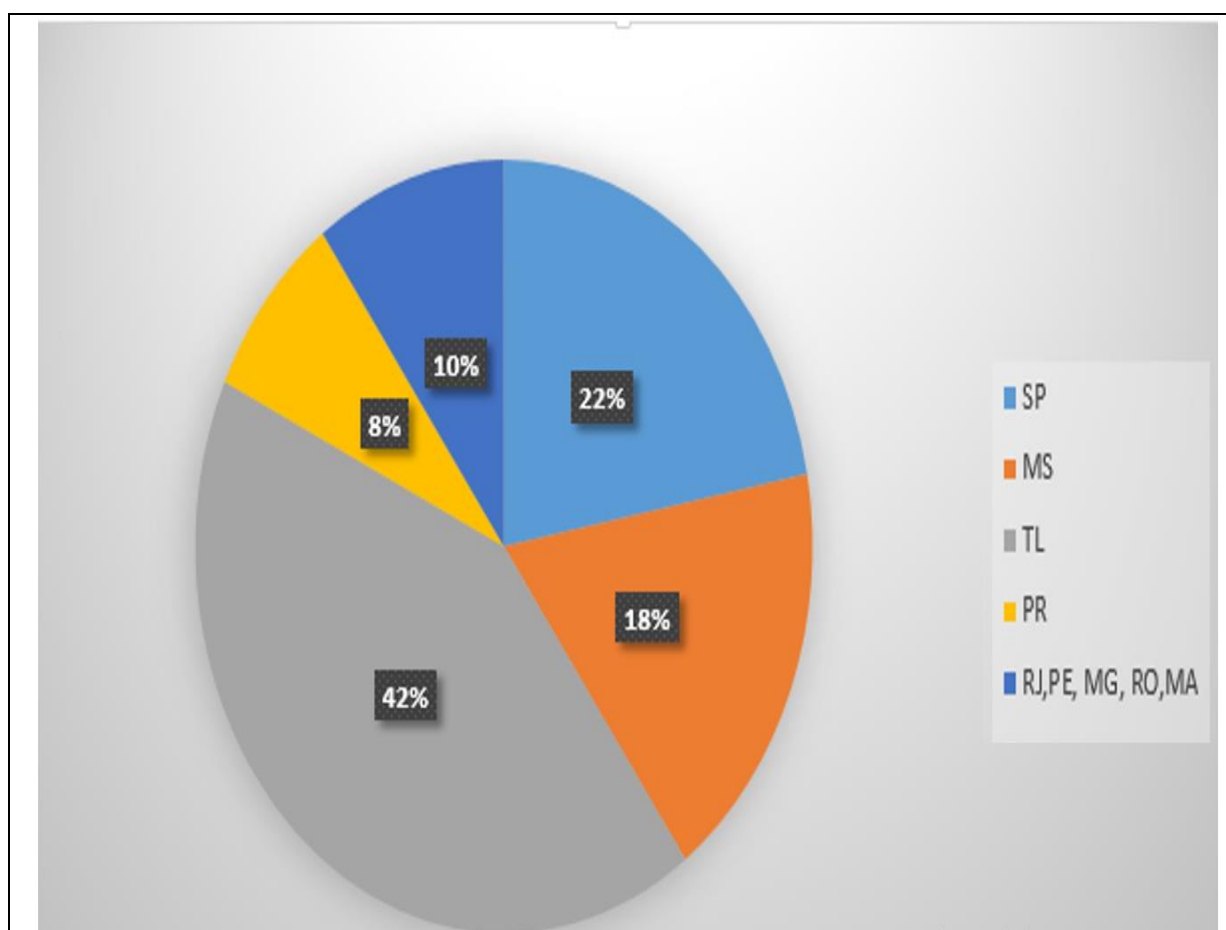


Fonte: Google Earth Pro, elaborado pelo autor.

As características dessa região apresentada na Figura 8, tendo as cidades relativamente próximas e a posição geográfica central de Três Lagoas, contribuíram para atrair os trabalhadores das cidades vizinhas. Muitos se mudaram para a cidade e outros trabalham aqui e retornam no final do dia, ou nos fins de semanas e feriados.

Outros dados sobre a vinda de novos moradores para Três Lagoas em busca de trabalho foram apresentados por Costa (2007), embora seu período de estudo seja até o ano de 2007, ela nos mostra bem os locais de origem desses trabalhadores que atuaram no início do processo de industrialização e influenciaram no crescimento populacional de Três Lagoas, conforme o Gráfico 7.

Gráfico 7 - Local de origem dos trabalhadores da indústria no município de Três Lagoas, entre os anos de 2000 a 2007.



Fonte: Costa (2007), organizado pelo autor.

Como podemos perceber no Gráfico 7, já nos primeiros anos do século XXI, o Município de Três Lagoas não conseguia suprir a demanda de mão-de-obra exigida pela indústria que se instalava no local, sendo que 58% dos trabalhadores vieram de

outros locais do país. Nesse primeiro momento, percebe-se um percentual maior de migrantes oriundos dos municípios mais próximas do interior do estado de São Paulo, como Castilho, Andradina, Itapura, Ilha Solteira e Pereira Barreto (Figura 8) (COSTA, 2017), 18% de outras cidades de Mato Grosso do Sul e o restante de outros estados do país.

O município chegou a ter cerca 15 mil habitantes classificados como população flutuante, aqueles que ficam na cidade apenas durante o período do trabalho, vindos também de outras regiões do país, principalmente do nordeste, trabalhadores que “vivem no trecho” e moram em alojamentos pelo período em que estão empregados nas vagas temporárias. Esse número foi fornecido pelo então secretário de Desenvolvimento Econômico de Três Lagoas, Antônio Luiz Teixeira Empke Júnior em 2016, com dados do SUAS (Sistema Único de Assistência Social), do (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil Pesada) e SUS (Sistema Único de Saúde).

Tabela 3 - Crescimento populacional do município de Três Lagoas 2000 a 2020

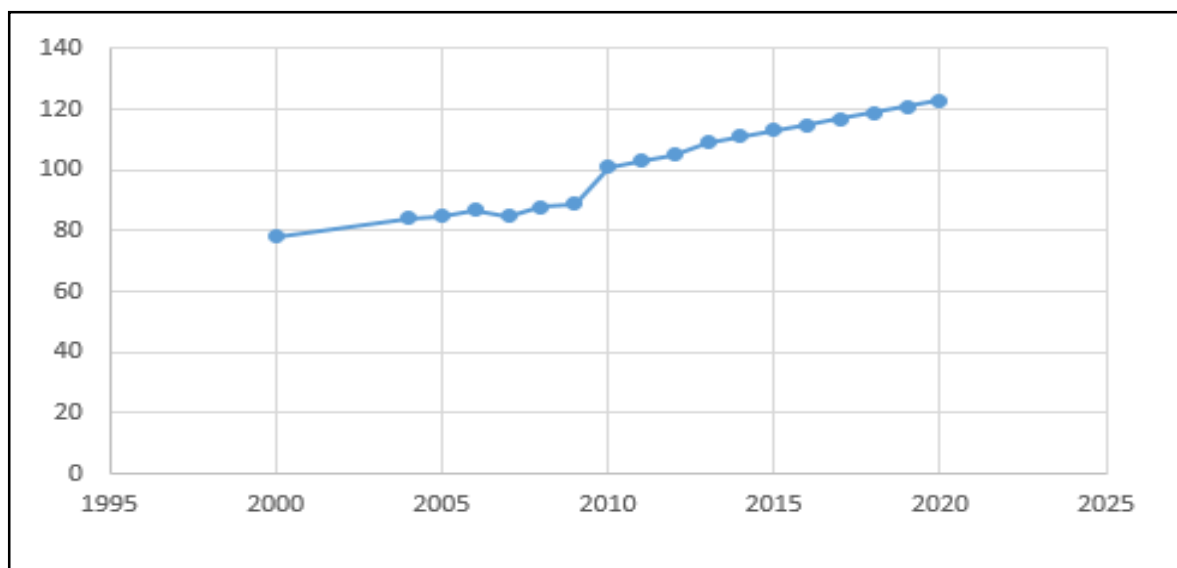
Ano	Número de habitantes	Natalidade	Mortalidade	Crescimento vegetativo
2000	78.900			
2004	84.650**	1455	553	897
2005	85.886**	1683	651	1032
2006	87.113**	1439	591	848
2007	85.914**	1384	578	770
2008	88.592**	1593	592	947
2009	89.493**	1633	575	1058
2010	101.791	1591	625	966
2011	103.536*	1744	629	1115
2012	105.224**	1802	667	1135
2013	109.633**	1908	659	1249
2014	111.652**	1997	676	1321
2015	113.619**	1900	651	1249
2016	115.561**	1856	704	1152
2017	117.477**	2081	668	1413
2018	119.464**	1971	729	1242
2019	121.388**	1969	689	1280
2020	123.281**	2095	724	1371
Total		30.101	10.961	19.144
Diferença entre novos habitantes e crescimento vegetativo	25.681			

Fonte IBGE³ (** dados estimados pelo IBGE). Dados coletados pelo autor.

Percebemos com a análise dos números da Tabela 5, a ocorrência do crescimento populacional do município entre 2009 a 2020, sendo que a curvatura ascendente no Gráfico 8, a seguir, ocorreu entre os anos de 2009 e 2010, período de montagem as fábricas de celulose.

Dos 44.825 novos moradores que o município recebeu entre os anos de 2000 e 2020, 19.144 são referentes ao crescimento vegetativo, sendo portanto, 25.681 migrantes. Entretanto, é preciso observar que a taxa de natalidade teve um salto de 1455 em 2004, para 2.095 em 2020, um aumento de aproximadamente 43%, o que também é um reflexo do crescimento demográfico. No total entre os anos 2000 a 2020, segundo a estimativa do IBGE, são 44.825 novos habitantes, um crescimento de aproximadamente 53%, um número relativamente próximo da taxa de natalidade.

Gráfico 8 - Crescimento populacional de Três Lagoas, entre os anos de 2000 a 2020.



Fonte: IBGE, dados coletados e organizados pelo autor.

Quando observamos os números a partir do Gráfico 8, podemos perceber a curva ascendente a partir de 2009, período se refere ao momento de maior intensidade na instalação de diversas empresas no município, entre elas as plantas da Fíbria e da Eldorado. A partir de 2014, o crescimento populacional sofreu uma desaceleração, mas se manteve na média de dois mil novos habitantes por ano. Já em 2020 a população total do município, estimada pelo IBGE, é de 123.281 moradores (IBGE, estimativa 2020).

Segundo as informações da Dra. Edima Aranha Silva, UFMS/CPTL, em sua entrevista ao programa RCN Notícias, que foi ao ar em 30/08/2019, a população flutuante fica em torno de oito a dez mil pessoas, entre estudantes, trabalhadores e prestadores de serviços que passam por aqui diariamente. Isso faz com que a

estimativa suba para 133.000 habitantes na cidade, fazendo com que Três Lagoas seja o terceiro município mais populoso do estado de Mato Grosso do Sul.

Nessas duas décadas do século XXI, o município de Três Lagoas passou por grandes mudanças causadas, principalmente, pelo crescimento demográfico e econômico, já descrito anteriormente. A cidade ainda está sendo reestruturada. Seu espaço urbano vem sendo transformado simultaneamente ao processo de industrialização, o que tem aumentado a demanda pelos serviços públicos e por moradias (ARANHA-SILVA, 2010).

O crescimento da população, sem as devidas ações e medidas necessárias por parte da administração municipal para oferecer infraestrutura para atender essa nova demanda por moradias e pelos serviços públicos, fez crescer ainda mais o déficit habitacional já existente.

3.3. A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE TRÊS LAGOAS.

O crescimento industrial e populacional de Três Lagoas fez aumentar a circulação de grandes somas de capital, fazendo com que o modo de produção capitalista abrangesse uma nova área do mercado, o espaço físico, a terra.

De olho no crescimento da demanda por moradias, acirrado pelo crescimento populacional, o capital tratou de estender seus domínios sobre o espaço da cidade, e a terra passou a ser um objeto de grande lucro para aqueles são seus detentores.

A população cresceu, a cidade também cresceu, e seu espaço urbano foi sendo transformado nos últimos anos. Foram criados loteamentos destinados à construção de empreendimentos habitacionais para todas as classes econômicas, e os complexos populares construídos pelo Estado, destinados aos menos favorecidos. O capital também se beneficiou com essa fatia do mercado imobiliário por meio da venda de terras para o Estado e dos contratos com as empreiteiras e financiadoras, bem como com a criação de novos loteamentos abertos ou fechados e, também, com a construção de prédios de apartamentos e dos dois conjuntos habitacionais para população carente passou a ser uma novidade para o contexto de Três Lagoas.

O principal agente da produção do espaço urbano é o capital, ele exerce um poder extraordinário sobre a formação da cidade, é capaz de criar novas paisagens e

formas que caracterizam o espaço da *urbes*, ele determina até o comportamento de seus moradores (SOUZA, 2009).

Com o crescimento populacional em Três Lagoas, assim como em qualquer outra cidade do mundo capitalista, não há espaço no centro para que todos possam viver lá, dessa forma o mercado imobiliário transformou o que antes eram áreas vazias em espaços de privilegiados, estamos falando das franjas da malha urbana.

O mercado imobiliário tem o poder de transformar o valor das coisas e assim um local que parecia inapropriado para se viver, de repente passa a ser o melhor lugar da cidade. Surgem assim os loteamentos periféricos destinados às várias classes sociais, temos loteamentos fechados de luxo, loteamentos abertos e com excelente infraestrutura básica, como ruas largas e pavimentadas, boa iluminação pública, belas praças, arborizados com lindas árvores ornamentais e muitos outros benefícios.

Porém, para os que não podem pagar por esses lotes mais caros, o mercado imobiliário cria as “zonas de exclusão”, de segregação socioespacial, loteamentos e conjuntos habitacionais tão distantes quanto os mais valiosos, mas com condições bem inferiores e menos infraestruturas desenvolvidas, destinados àqueles que não conseguem custear os privilégios que o capital oferece.

O crescimento populacional acelerado entre 2000 e 2020 elevou exponencialmente a demanda por moradia, acentuando mais ainda o déficit de moradias existente na cidade, isso afetou diretamente o mercado imobiliário, o preço dos aluguéis dispararam, o valor da terra urbana também sofreu alta vertiginosa, agravando ainda mais a situação das famílias mais carentes.

A especulação imobiliária foi sentida por grande parte da população e o custo de vida disparou, engolindo cada vez mais os ganhos do trabalhador. O alto preço dos aluguéis obrigou a população mais empobrecida a viver cada vez mais distante, em áreas periféricas, sem estruturas mínimas como transporte, escolas, creches, postos de saúde, esgoto, coleta de lixo ou segurança.

Outro problema que essa população tem de enfrentar são más condições dos imóveis, são casas minúsculas ou velhas, que foram divididas ao meio, sem saneamento básico, instalações elétricas seguras, sem forro ou laje, o que não garante muita proteção contra temporais ou frio, casas onde chove mais dentro que fora. Alguns desses imóveis são de madeira, verdadeiros barracos insalubres. Esse mercado é alimentado também pelo *déficit* de moradias, que em Três Lagoas se tornou um grave problema social (SEHAC, 2014).

Coletamos alguns dados junto às imobiliárias e corretores da cidade e constatamos que o maior período de crescimento do valor da terra ocorreu entre os anos de 2010 a 2015, isso não quer dizer que nos anos anteriores não havia especulação, ela sempre existiu, mas entre esses anos foi mais intensa. Segundo as informações coletadas, um terreno que custava em média R\$10.000,00 no ano 2000, em 2020 passou para R\$120.000,00. Essa variação de preço depende da localização do imóvel e se foram realizadas benfeitorias nas suas proximidades, por exemplo no bairro Bela Vista, um terreno custava R\$10.000,00 em 2010, mas com a construção do loteamento fechado Quarta Lagoa na região, ele passou a valer R\$60.000,00 em 2015. Os aluguéis também acompanharam essa tendência de aumentos, em 2013 período de maior procura por moradias na cidade o aluguel de um quarto de cerca de 9m² com banheiro de 1m² chegava a custar R\$600,00 por mês.

Muitos proprietários de imóveis residenciais dividiram suas casas ao meio, e onde havia uma moradia passava a ter duas ou até três, geralmente cobrando com o valor de R\$700,00 a R\$900,00 por cada subdivisão. Outra situação muito comum corria quando o proprietário havia alugado o imóvel por um preço mais baixo e depois passava a exigir do inquilino reajustes acima do permitido por lei, ou pedia a desocupação do imóvel para que fosse alugado para outras pessoas ou empresas por um valor bem mais alto.

A partir de 2015, o fluxo de migrantes diminuiu e o mercado imobiliário desacelerou, mas os preços não voltaram ao patamar dos anos anteriores a 2010, ocorreu uma queda no valor das propriedades e aluguéis de aproximadamente 10% a 20%, dependendo da área da cidade e infraestrutura do local.

Em 2019 começou a ocorrer um novo aquecimento do mercado que se confirmou em 2020, em plena pandemia da COVID-19, os corretores se mostram entusiasmados, suas expectativas são que em 2021 será maior ainda o crescimento dos ganhos, pois, aguardam com euforia o início da duplicação da papelreira Eldorado e o reinícios das obras da UFN3 (Unidade de Fertilizantes Nitrogenados de Três Lagoas), que está em processo de venda pela PETROBRAS.

Observamos também ao longo desse período que a população mais carente sofre com os altos preços dos aluguéis, já percebemos que algumas famílias têm mudado constantemente de lugar pelo fato de não conseguirem pagar, assim alugam outra casa, não conseguem pagar, são despejados e partem para outro imóvel, e assim vão lutando para sobreviver.

Muitos não têm condições de comprar seu terreno para construir, por não terem renda suficiente, ou por não atenderem aos requisitos legais para sua aquisição junto aos programas governamentais como “Minha Casa Minha Vida”, pois sem registro em carteira de trabalho, ou com dívidas, não se pode fazer parte desse tipo de financiamento (OBAL et al, 2013).

Assim, a falta de moradias de interesse social, a especulação no mercado de terra, a migração urbana e a pobreza, agravam ainda mais a situação de grande parte da população da cidade que não usufruem deste alto dinamismo econômico que o município vem passando nas duas últimas décadas.

3.4. AS NOVAS FORMAS DE MORAR EM TRÊS LAGOAS, A VERTICALIZAÇÃO DAS MORADIAS.

Muitos habitantes de Três Lagoas passaram a optar por duas novas formas de morar a partir desse processo de expansão do capital: os prédios de apartamentos e os loteamentos fechados. O crescimento exponencial desses dois novos modelos a partir de 2002, influenciaram na transformação do espaço urbano da cidade.

Primeiramente queremos tratar desse novo modelo de moradia em edifícios de apartamentos. Não era comum para a população local morar dessa forma, e para uma grande parte, ainda não é. Em meados dos anos de 1980, foi construído o primeiro grande edifício da cidade, na esquina das ruas Paranaíba com Oscar Guimaraes, no Centro Comercial. Todo o processo virou praticamente um ponto turístico, dezenas de pessoas passavam por ali para ver as etapas de construção do maior e único prédio da cidade.

O mercado de moradias verticais demorou para se aquecer na cidade, o que só foi ocorrer a partir do novo século. Desde então, surgiu um variado número de prédios em vários locais. Isso ainda é uma novidade para alguns moradores, que preferem suas casas com quintais onde podem criar seus animais de estimação, árvores frutíferas e seus jardins.

Para o mercado de imóveis a verticalização de moradias se apresentou com uma fonte rentável pois com especulação o preço da terra disparou, o que dificulta cada vez mais a venda de casas térreas. Dessa forma, em um espaço que antes era construída cerca de 15 a 20 residências passa a propiciar a construção de até 100

novas moradias, isso aumentou o lucro das incorporadores e se apresentou como uma opção para a população, principalmente para a classe média baixa.

Durante trabalho de campo, pude visitar as agências imobiliárias da cidade que atuam nessa área do mercado. Nas conversas casuais que tive com os corretores e nas observações participativas, pude perceber que esse modelo de imóvel tem despertado uma procura cada vez maior entre os moradores de Três Lagoas.

A maioria dos interessados nesse tipo de moradia são jovens recém casados com até um filho, jovens ou adultos solteiros, estudantes, divorciados, idosos com poder aquisitivo para adquirir imóvel em prédios com elevadores, migrantes de cidades grandes, onde essa prática já é mais comum e trabalhadores que moram em outras cidades e retornam para suas casas nos finais de semana.

Em nossas observações junto aos agentes imobiliários percebemos que a lógica usada por esses migrantes é que o preço das parcelas é muitas vezes menor que um aluguel em casa térrea. Assim quando terminam os estudos ou o trabalho, retornam para suas cidades e podem vender os referidos apartamentos e receber de volta, se não tudo, pelo menos uma parte daquilo que pagaram, o que não acontece com o aluguel. Com o crescimento do valor dos imóveis muitos cidadãos têm optado por esse modelo de moradia devido ao menor custo para financiamentos.

Percebemos, também nessa pesquisa de campo que a maioria dos jovens casados pretende morar nos apartamentos até o momento em que chegarem os filhos. A partir daí, negociam o imóvel por uma casa térrea, com mais espaço. Segundo informações dos corretores, os apartamentos têm sido uma boa opção para aqueles que tem uma renda menor, principalmente porque as parcelas são fixas e mais acessíveis, em muitos casos até menor que o aluguel de uma casa nas mesmas condições de tamanho e localização.

Os financiamentos dos imóveis seguem os mesmos princípios tanto para terrenos, casas ou apartamentos e pode ser feito através do SBPE (Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo), uma linha de financiamento destinada majoritariamente para a compra de imóveis. O sistema é composto por bancos e instituições financeiras que captam e direcionam os recursos da caderneta de poupança para o crédito imobiliário com taxa de juros de 0,75% ao mês (REIS, 2018).

Outro modelo de financiamento, é o programa federal “Minha Casa Minha Vida”, agora chamado de “Minha Casa Verde e Amarela”, com taxas de juros a partir de 4,5% ao ano, menor portanto, que a taxa anterior e a taxa do SBPE, de 9% ao ano.

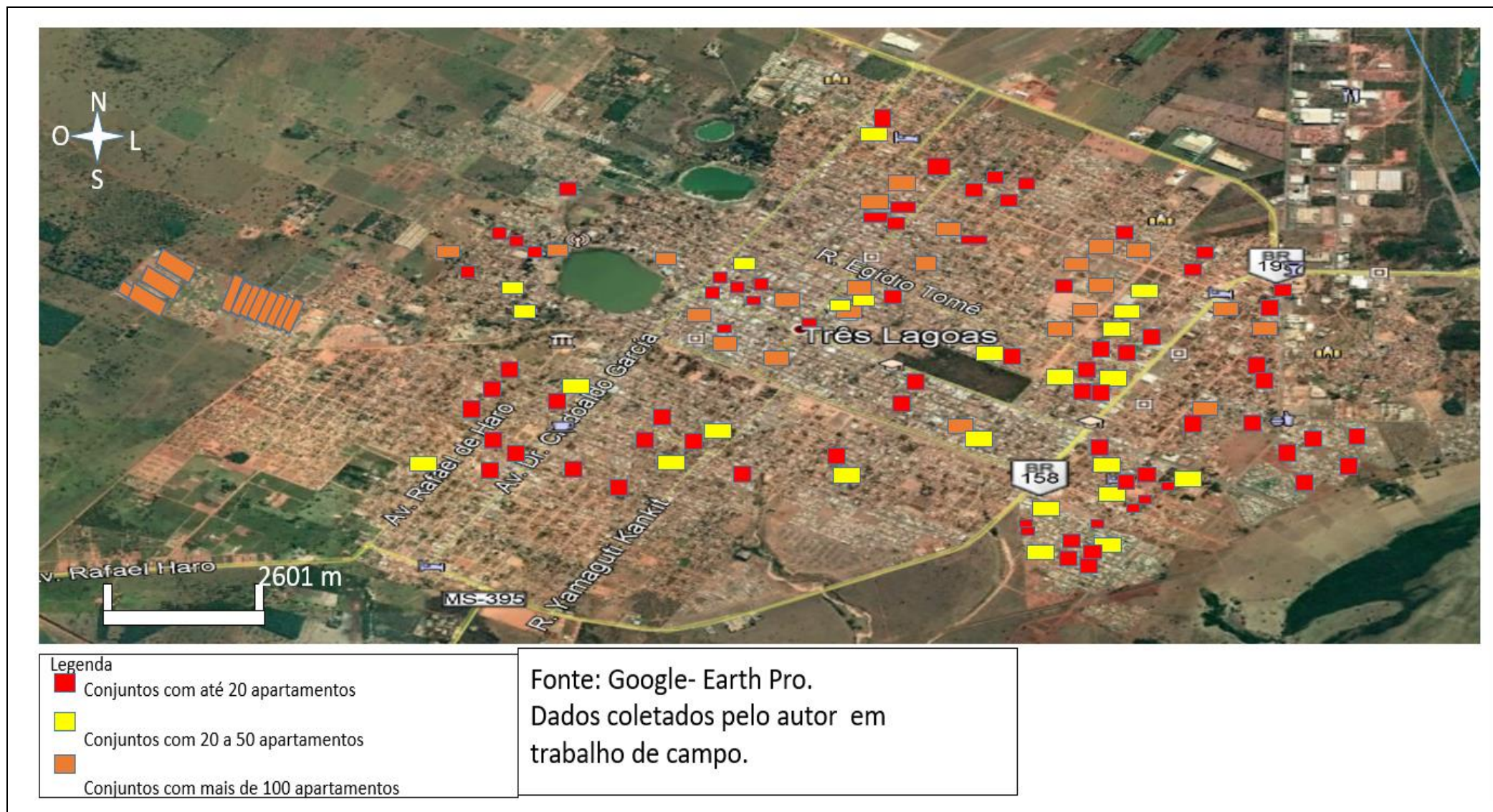
Em todos os modelos de financiamentos os interessados podem usar o seu FGTS para quitar parte do valor do imóvel.

Outra questão identificada nas pesquisas de campo é que há uma diferença muito importante entre os financiamentos de residências, sejam elas casas ou apartamentos e o financiamento de terrenos, isto é, no primeiro caso as parcelas mensais são sempre fixas, enquanto no financiamento de um terreno há um reajuste de acordo com o IGPM (Índice Geral de Preços do Mercado), que pode ser mensal ou anual. Esse reajuste tem se mostrado um problema para muitos compradores, principalmente em virtude da crise econômica causada pela COVID-19, que tem elevado mensalmente as taxas desse índice.

Infelizmente essas linhas de financiamentos não conseguem resolver a questão do *déficit* de moradias, principalmente para os de baixa renda, de zero a três salários-mínimos, que representam cerca de 90% daqueles que não tem casa própria. Esses programas governamentais, como Minha Casa Minha Vida, foram criados principalmente visando a geração de emprego e renda, e movimentam a economia através do setor da construção civil a fim de recuperar as finanças do país, pois estas foram abaladas pela crise econômica mundial iniciada nos EUA. Seu objetivo principal não era resolver o problema do *déficit* habitacional (ROLNINK, 2018).

Sejam eles uma novidade querida por alguns e rejeitada por outros, seja temporário ou para moradia definitiva, a realidade é que os conjuntos de apartamentos têm alcançado seu espaço dentro do tecido urbano da cidade e no mercado imobiliário conforme nos mostra a Figura 9.

Figura 9 - Conjuntos de moradias verticais no município de Três Lagoas



Durante o mapeamento dos conjuntos de apartamentos, foram catalogados ao todo 135 prédios, que variam de tamanho e número de moradias. Assim temos 75 prédios pequenos com até 20 unidades, em sua maioria construídos por pequenos proprietários que viram no crescimento populacional uma oportunidade para aumentar sua renda. A maior parte desse modelo está destinada à locação, mas também temos os blocos construídos por pequenos empreendedores que destinam as unidades à venda através de financiamentos.

Identificamos também 23 conjuntos que classificamos como sendo de tamanho médio, tendo entre 20 a 50 apartamentos. Esses já têm uma estrutura muito mais organizada, funcionando no modelo de condomínio, com taxas de manutenção, sistemas de segurança, muros altos, cerca elétrica, concertina e vigilantes 24 horas.

Os conjuntos pequenos são encontrados em todos os bairros da cidade, mas os médios e grandes já têm localização mais privilegiada, com asfalto, iluminação pública em todas as vias e rede de esgoto.

Os blocos grandes somam 37 unidades, contam com mais de 100 apartamentos. Dentro desse modelo temos os conjuntos destinados às populações de baixa renda, classe média e classe média alta. Para os menos favorecidos, temos os prédios do condomínio Novo Oeste e Orestinho, na zona Oeste da cidade, com área total de 44m² por moradia, preço avaliado em cerca de R\$40.000,00 e parcelas que variam de R\$40,00 a R\$100,00, de acordo com a renda do morador que foi contemplado com o apartamento, de acordo com as informações coletadas na pesquisa de campo.

Também constatamos que os conjuntos destinados à classe média baixa, com área aproximada de 60m² por moradia, custam entre R\$120.000,00 a R\$150.000,00, com parcelas em torno de R\$750,00. Para a classe mais abastadas, existem apartamentos de até um milhão de reais com área de até 120m², como é o caso dos edifícios Iguatemi, construídos na circular da Lagoa Maior, com parcelas a partir de R\$1.714,00. No caso dos apartamentos de alto custo, o preço das parcelas varia de acordo com o modelo de financiamento utilizado pelo comprador.

Nesse setor do mercado imobiliário, o proprietário pode correr mais riscos de desvalorização de seu capital do que o proprietário de um terreno ou casa térrea, segundo informações coletadas junto às imobiliárias locais. Isso se deve a vários fatores, entre eles estão, própria fluidez do mercado, que sofreu uma queda entre os

anos de 2015 e 2019. Pode haver também o aumento da concorrência, com a construção de novos conjuntos nas proximidades de um determinado condomínio vendendo imóveis nos mesmos padrões com preço menor.

Um terceiro fator identificamos é cultural, isso ocorre se os moradores de um determinado conjunto não são propícios a respeitarem as normas de convivência do local como, volume de som, cuidados com o lixo, vagas de estacionamento, manutenção ou execuções de melhorias em seu apartamento, pagamento da taxa de condomínio e outros.

Não podemos esquecer o que Poder Público também contribui para essa desvalorização das áreas carentes, quando não dá o devido cuidado às áreas públicas e vias de trânsito, quando deixa de construir os equipamentos coletivos necessários para a melhoria da qualidade de vida como, postos de saúde, escolas, creches, estruturas de segurança, áreas de esporte, lazer e cultura, manutenção adequada da coleta de lixo, por exemplo.

Os conjuntos de apartamentos destinados à moradia de interesse social da região oeste da cidade são os mais desvalorizados, isso tem ocorrido em virtude da desorganização e marginalização da área, tanto por aqueles que moram no local quanto por pessoas que vivem em outras localidades (ALMEIDA e MILANI, 2019).

As unidades localizadas nos conjuntos Novo Oeste e Orestinho podem ser adquiridas por até R\$10.000,00, os apartamentos também estão sendo ofertados através das redes sociais. Entretanto cabe lembrar que esses imóveis não podem ser vendidos legalmente, o procedimento é feito através do chamado “contrato de gaveta”, que também foi muito usado nos anos iniciais da Vila Piloto, o comprador assume as parcelas e quando for permitida a transferência será então lavrada a escritura.

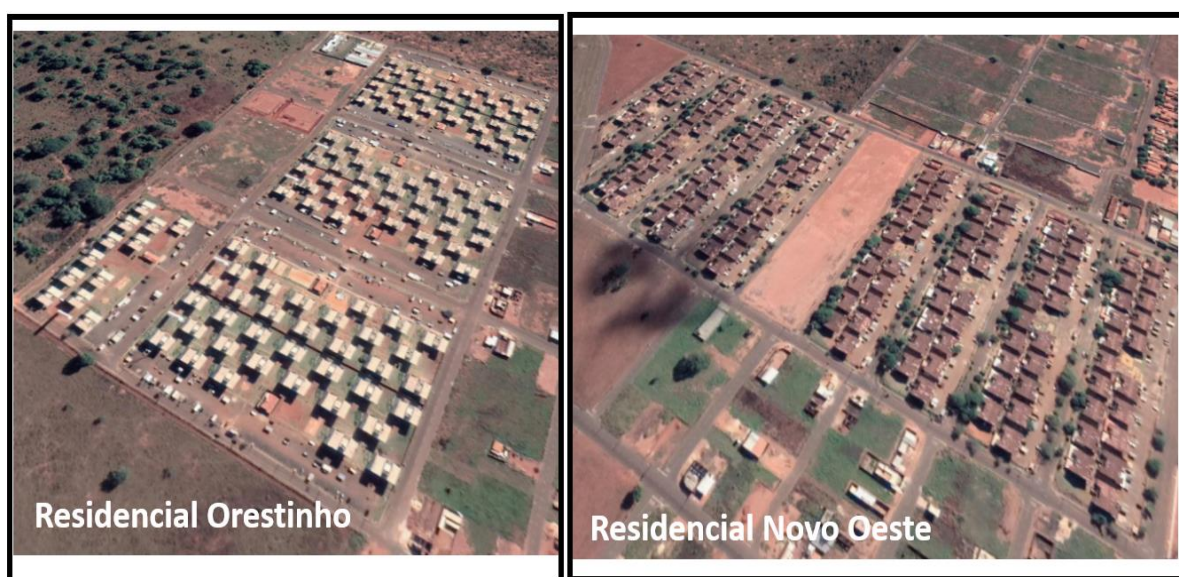
No conjunto Novo Oeste são 1.224 apartamentos divididos em 08 blocos sendo 7 com 160 apartamentos e um com 104, com 44m² de área por moradia (FERREIRA, 2016). Já o conjunto Orestinho possui 1.432 unidades habitacionais divididos 36 edifícios e um com 12 unidades cada (ALMEIDA e MILANI, 2019).

Um fenômeno que vem sendo estudado por pesquisadores da UFMS/CPTL é que muitos dos contemplados com os apartamentos daquela região estão abandonando suas moradias ou vendendo seus direitos a terceiros através dos contratos de gaveta, isso se deve principalmente à diversos problemas sociais existentes no local como, falta serviços de segurança, lazer e educação adequados.

Outro fator é a elevada densidade demográfica, sendo uma média de 4 pessoas por apartamento temos 10.624 moradores, isto é, um habitante por 0,88m², essa situação parece ter criado um ambiente tumultuado e sem privacidade para as famílias que residem no local (ALMEIDA e MILANI, 2019).

Na imagem a seguir podemos ver a área dos referidos conjuntos habitacionais e a forma como foram construídos fora da malha urbana constituída.

Foto 5 – Residenciais Novo Oeste e Orestinho.



Fonte: Google Earth Pro, organizado pelo autor.

Na Foto 5 é possível ver a proximidade dos blocos de apartamentos, principalmente no conjunto Novo Oeste, quando visitamos o local percebemos a falta de privacidade entre os moradores e, também, a aglomeração do local.

Alguns dos moradores desse conjunto têm buscado meios particulares para resolver o problema da privacidade e ampliar o espaço de seus apartamentos, construindo varandas e até estruturas paralelas aos prédios. Segundo informações fornecidas por uma moradora que foi síndica do bloco Pardal, durante as observações participativas nos trabalhos de campo, foi permitido aos moradores que fizessem adaptações nas escadas dos prédios para resolver o problema da falta de privacidade dos apartamentos térreos, mas alguns proprietários extrapolaram essa permissão como podemos ver nas imagens a seguir.

Foto 6 – “Adaptações” feitas pelos moradores do conjunto Novo Oeste



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Autor João Luiz da Silva. Fotos produzidas pelo autor em trabalho de campo.

Na imagem 1, podemos ver a construção de uma varanda e de uma nova saída do condomínio em frente da residência desse morador. Na imagem 2 temos o processo ainda em construção de uma nova frente para o apartamento térreo com laje de piso para que o morador do primeiro andar também possa construir, nesses casos há uma parceria entre os dois proprietários. Tudo isso é resultado da implantação de um modelo de moradia sem relação com o local onde foi instalado.

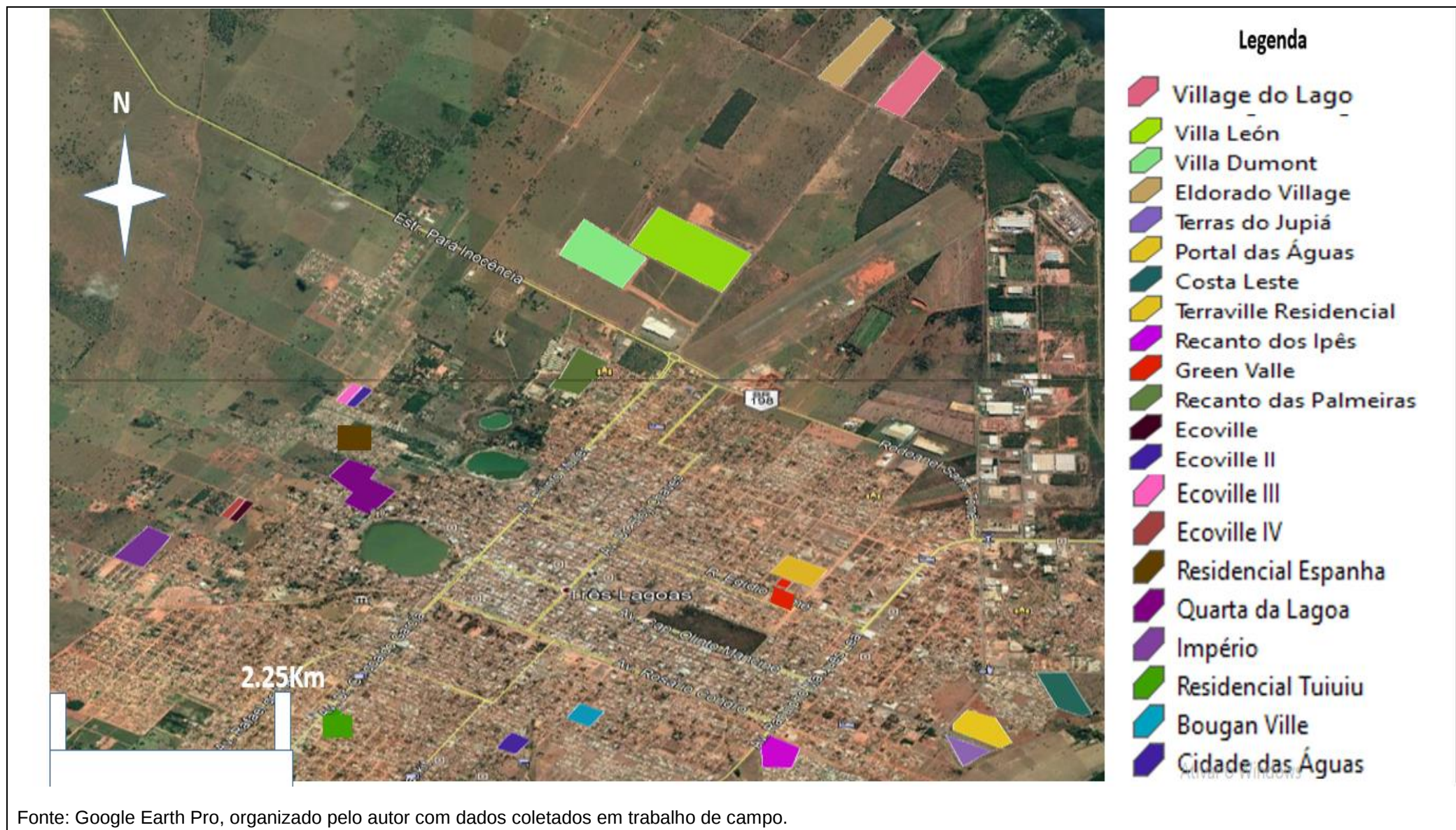
Na imagem 3, temos a parte interior entre os prédios em que podemos ver que as construções tornaram o corredor de acesso extremamente estreito, durante a noite o local fica muito escuro, o que dificulta a passagem. Esse tipo de estrutura pode causar sérios riscos para a segurança dos moradores, pois é visível que haverá dificuldades de evacuação em casos de incêndio, bem como o acesso do corpo de bombeiros caso isso ocorra. Na imagem 4 há a construção de um novo bloco com dois andares paralelo ao prédio original.

Essa nova opção para aquisição de moradia, tanto para os moradores de Três Lagoas, quanto para aqueles que estão chegando para viver aqui, não tem sido suficiente para resolver o problema do *déficit* habitacional. Em 2014, a cidade tinha 111.652 habitantes, segundo estimativas do IBGE e um déficit de 3.545 habitações segundo dados da Secretaria de Estado de Habitação e Cidades - SEHAC e da Agência de Habitação Popular do Estado de Mato Grosso do Sul – AGEHAB. Já em 2020 a estimativa do IBGE é de 123.281 habitantes. Nesse período de seis anos,

tivemos um aumento de 11.629 novos moradores, mas não foi empreendido nenhum novo conjunto de grande porte para atender as populações mais carentes. Os mais pobres e mais atingidos pela especulação imobiliária ainda enfrentam uma situação muito crítica.

Outro novo modelo de empreendimento que também tem contribuído para a transformação do espaço urbano da cidade e para a expansão da malha urbana são os loteamentos fechados, áreas de auto segregação, destinadas ao consumo das classes com melhor poder aquisitivo. Esses conjuntos murados transformam a paisagem onde são implantados e oferecem aos seus moradores um mundo particular e reservado, em relação ao restante da cidade construído à sua volta.

Figura 10 - Localização dos espaços residenciais fechados (2020)



Através da análise dos dados coletados em pesquisa de campo, adicionados ao trabalho de Milani e Aranha-Silva (2020) apresentados na Figura 10, podemos perceber um grande crescimento desse novo tipo de empreendimento imobiliário em Três Lagoas. Também constatamos junto com as corretoras de imóveis que no princípio esse tipo de moradia em espaços residenciais fechados era procurado principalmente pelos migrantes de classe média alta, oriundos das grandes cidades, mas que logo os moradores da cidade também passaram a se interessar por essa nova forma de morar.

As questões relativa à segurança têm sido a principal justificativa para a procura dos espaços residenciais fechados, mas percebe-se também que passou a ser uma questão de *status* viver em um desses condomínios. Isso fez com que o número deles crescesse por toda a cidade saindo de 3 em 2011 para 22 em 2020. Os preços dos terrenos também variam de acordo com a estrutura física e o *status* do local, com valores de lotes de R\$80,000,00, em média no residencial Costa Leste, e entre R\$150,000,00 a R\$250,000,00, no Villa Dumont, segundo dados coletados junto às imobiliárias.

Aqui vemos que a terra se tornou símbolo de status social, as classes mais abastadas procuram sempre os melhores locais para suas habitações, preferem estar entre os da mesma classe social, banindo para regiões mais distantes aqueles que não desfrutam das mesmas condições financeiras (ARANHA-SILVA, 2011).

A dinâmica da produção e do uso do solo urbano, de acordo com a valorização ou não de uma área, promove a auto-segregação espacial, ou seja, os moradores com alto poder aquisitivo se deslocam do centro da cidade para setores privilegiados bastante afastados, formando os bairros nobres e os condomínios fechados. Os condomínios são espaços onde as construções se tornam sinônimos de status. Desta forma, tornando-se símbolos materiais de uma nova forma urbana, fazendo com que “os signos da natureza e da cidade se convertem em signos de satisfação e alegria (individual), onde as necessidades individuais são motivadas pelo consumo (ARANHA-SILVA, 2011, p. 420).

Esse momento de crescimento econômico e demográfico da cidade é extremamente propício para o capital, que passa a atuar transformando a cidade em um grande mercado de imóveis. Sabendo da existência de uma grande demanda no setor imobiliário, o capital tratou de providenciar a oferta e o espaço da urbes passou a ser loteado, principalmente em suas periferias, provocando a expansão da malha urbana da cidade.

3.5. A EXPANSÃO DA MALHA URBANA DE TRÊS LAGOAS ENTRE OS ANOS 2000 A 2020

O fenômeno do crescimento geográfico da malha urbana de Três Lagoas é um dos efeitos mais impressionantes da expansão do capital, “a cidade se difundiu”, avançando para áreas que ainda praticavam a vida rural. Seu sítio urbano é propício para o crescimento, não há montanhas ou terrenos alagadiços nos arredores da cidade, sendo que as áreas com maior dificuldade seriam onde se localizam as suas três lagoas. Mas essas já estão envolvidas pela malha urbana, embora haja a barreira natural imposta pelos rios Paraná a Leste e o rio Sucuriú a Nordeste, todas as demais regiões são favoráveis à expansão geográfica, conforme nos mostra a Figura 11.

Figura 11 - Limites fluviais de Três Lagoas a Leste e ao Norte.



Fonte: Google Earth Pro, elaborado pelo autor.

Como podemos ver na Figura 11, os limites da malha urbana a Leste e a Norte e Nordeste, respectivamente Rio Paraná e Rio Sucuriú que limitam sua expansão, o que não é uma grande dificuldade para o crescimento geográfico da cidade, pois as outras regiões são extremamente favoráveis para a criação de loteamentos e/ou conjuntos habitacionais. Isso tem sido visto principalmente na porção Oeste da cidade. A área posterior à rua Urias Ribeiro, tem sido uma das maiores frentes de expansão, ali se encontram os loteamentos Mais Parque, Jardim Europa, Ecoville I, II e III, Bela Vista da Lagoa e Montanini. Não há até o presente momento, 2020, a previsão de loteamentos para a região Sul, o último deles foi o Ipê 4 em 2007 Gomes (2020).

O crescimento da malha urbana de Três Lagoas é um dos principais efeitos dessa nova fase de expansão do capital. Isso acabou atingindo outros agentes que fazem e refazem a cidade. São eles, os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado, e os grupos sociais excluídos (CORREA,1989). A essa lista, queremos acrescentar o comércio como elemento de importante influência na construção e reconstrução do tecido urbano. A combinação desses agentes faz com que o espaço da cidade esteja em constante transformação.

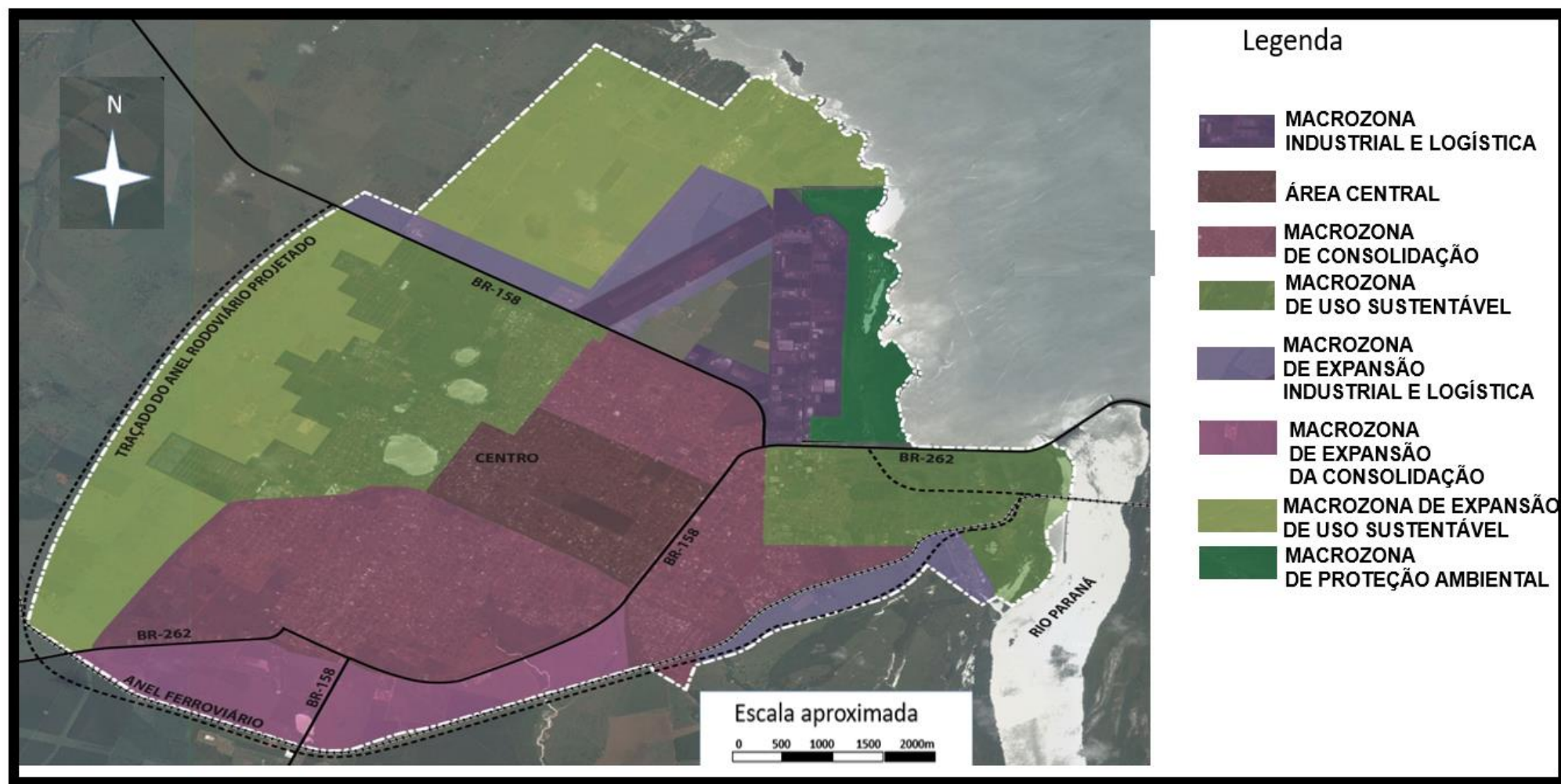
Diante dos desafios apresentados em virtude do crescimento populacional e da possibilidade de uma expansão descontrolada da malha urbana da cidade a Prefeitura Municipal organizou em 2016 a revisão do Plano Diretor do Município que estava em vigor desde 2006, com vistas a estabelecer metas e estratégias de planejamento para uso do solo urbano diante dos novos desafios apresentados nos últimos anos.

O Plano Diretor do Município de Três Lagoas tem o desafio que normatizar o uso do solo urbano para minimizar os impactos causados pelo rápido crescimento populacional e geográfico, buscando estabelecer diretrizes para a organização e o uso adequado da terra, dentro do espaço da cidade.

Ao analisarmos dos dados apresentados pelo grupo de estudos do novo Plano Diretor percebemos que a cidade vive uma grande tendência de espraiamento da malha urbana o que pode causar grandes dificuldades futuras, exigindo um grande número de medidas por parte do Poder Público para atender às novas áreas de expansão, como os serviços necessários de transporte coletivo, redes de esgoto e pavimentação, iluminação, coleta de lixo, bem como de saúde, educação e segurança.

Para entendermos melhor o planejamento do território urbano organizamos a Figura 12, a seguir, conforme dados coletados junto à Prefeitura Municipal de Três Lagoas, onde estão apresentadas as “Macrozonas de Expansão” conforme o projeto do novo Plano Diretor.

Figura 12 - Diferenciação do Território Urbano em Macrozonas de Expansão.



Fonte: Prefeitura Municipal de Três Lagoas (2006) reorganizado pelo autor

Passaremos agora a uma breve descrição das macrozonas dentro do espaço urbano de Três Lagoas, começando pela Macrozona Industrial e Logística, onde se localiza grande parte do parque industrial da cidade. É caracterizada por lotes grandes de cerca de um hectare ou mais, com baixa densidade demográfica e em sua maior parte com construções horizontais.

A área central está definida como Macrozona de Qualificação, é onde estão localizados os principais edifícios do patrimônio histórico da cidade, como a Estação Ferroviária e o antigo prédio do Paço Municipal, bem como a infraestrutura e serviços, essa região apresenta a mais alta densidade construtiva do município e está destinada a usos mistos (Três Lagoas (MS), 2006).

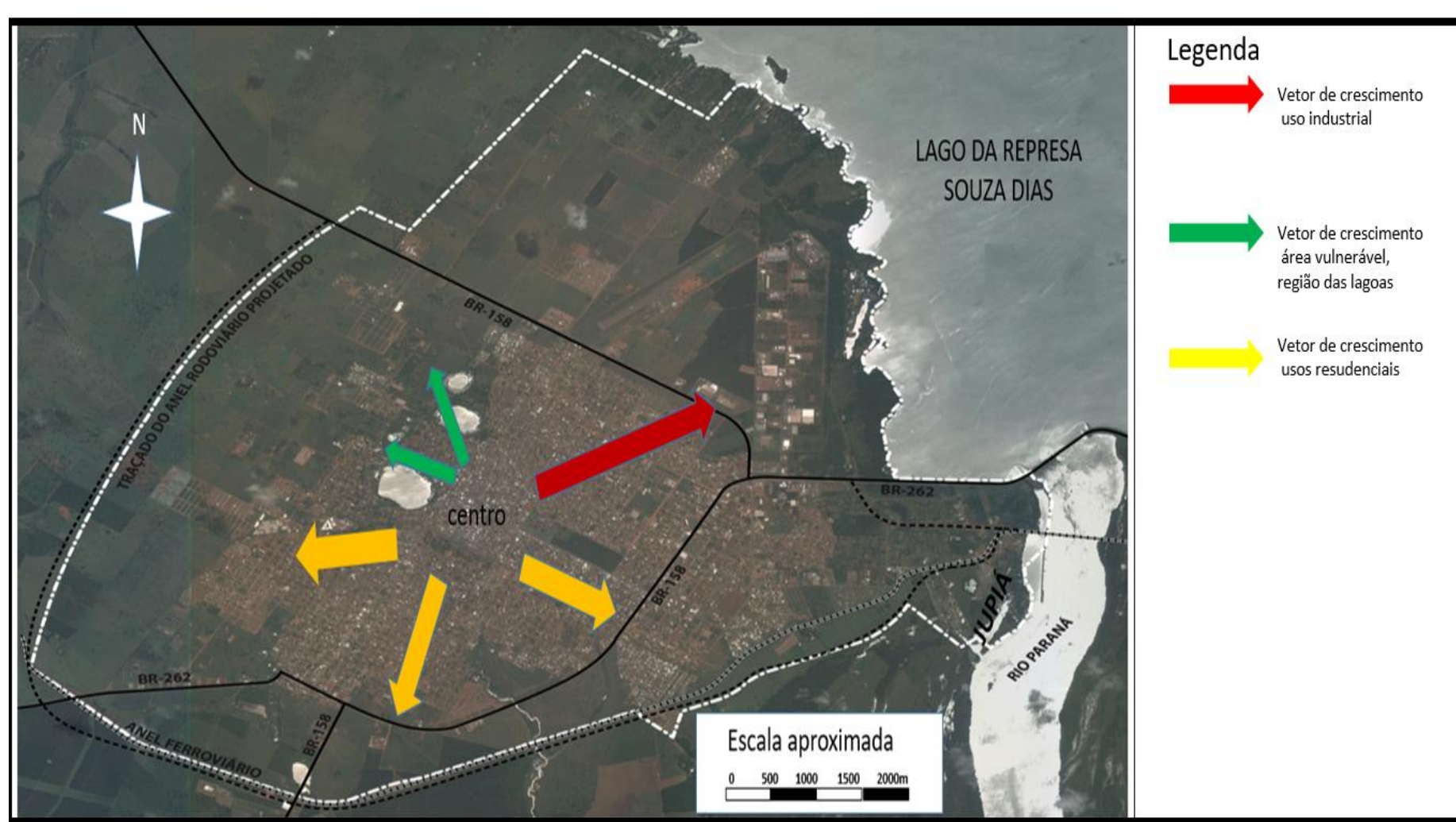
A Macrozona de Consolidação, engloba os bairros mais antigos da cidade, também detém infraestrutura e serviços parcial, é uma área com média densidade construtiva predominando o uso residencial, ali se localizam bairros como Santa Luzia, Ipacaraí, Santos Dumont, Colinos, Vila Nova, Lapa e Vila Alegre (Três Lagoas (MS), 2006)

Um dos grandes desafios para a Gestão Pública e para os moradores de três-lagoense está na Macrozona de Uso Sustentável, e na Macrozona de Proteção Ambiental, principalmente as áreas localizadas no entornos das três lagoas da cidade e de uma nascente entre as ruas Egídio Thomé e Eurídice Chagas Cruz, no bairro Alto da Boa Vista. Também fazem parte dessa macrozona a região do cinturão verde e do distrito de Jupia, às margens do Rio Paraná. Essa é uma área de grande fragilidade ambiental e que nos últimos anos vem sofrendo um grande aumento na sua densidade construtiva (Três Lagoas (MS), 2006).

A partir de 2010 essa Macrozona localizada nos arredores das lagoas passou a ser o foco do mercado imobiliário, devido a fatores como a sua topografia plana e a presença de vastas áreas de pastagens já desmatadas, essa porção da cidade recebeu 12 novos loteamentos nos últimos 10 anos, conforme o Quadro 1, sendo os maiores deles, Mais Park, Quarta Lagoa, Europa, Ecoville I, II e III e Bela Vista da Lagoa.

Essas Macrozonas têm grande parte de suas águas fluviais lançadas nas duas maiores lagoas da cidade, respectivamente a Lagoa Maior e a Segunda Lagoa, e o crescimento da pavimentação nessa região tem aumentado a quantidade de detritos despejados nesse frágil ecossistema da cidade

Figura 13 – Vetores de Expansão das Áreas Urbanas



Fonte; Prefeitura municipal de Três Lagoas-MS (2006), reorganizado pelo auto

A partir da análise da Figura 13, podemos ver claramente o crescimento centrífugo da cidade (ARANHA-SILVA, 2009), bem como as novas frentes de crescimento da malha urbana principalmente nas direções Sul e Oeste, com maiores possibilidades de criação de novos loteamentos devido a inexistência de obstáculos naturais que possam dificultar esses empreendimentos.

Embora tenha havido uma desaceleração do mercado imobiliário entre os anos de 2015 e 2017 devido à diminuição do fluxo migratório, há uma grande expectativa por parte dos empreendedores desse setor para a criação de novos empreendimentos nessas regiões nos próximos anos, conforme informações coletadas em trabalho de campo. A Figura 14, a seguir, nos mostra uma comparação da expansão da malha urbana de Três Lagoas nos últimos 11 anos, para que possamos ter uma melhor visão desse momento de crescimento geográfico da cidade.

Figura 14 - Três Lagoas: expansão da malha urbana entre os anos de 2009 e 2020



Fonte: Google Earth Pro, (MILANI, 2012), demais dados coletados pelo autor em trabalho de campo.

Em 2020 ainda estamos dentro desse processo de crescimento do parque industrial e, portanto, podemos testemunhar mudanças constantes na produção do espaço urbano de Três Lagoas conforme vemos na figura anterior.

Entre os anos de 2009 e 2020, percebemos um crescimento significativo da malha urbana da cidade, passando de 40 km² (MILANI, 2012), para 61km² em 2020, segundo o cálculo do polígono no Google Earth Pro e conforme mapeamento realizado em trabalho de campo. Isso fez com que cada vez mais as áreas de pastagens que estavam ao seu redor se transformassem em áreas habitacionais.

Esse crescimento geográfico era esperado pois a cidade praticamente dobrou o número de habitantes nos últimos trinta anos e, também, teve um aumento considerável da renda per capita, logo, o crescimento geográfico é uma consequência direta desses fatores.

Corrêa (1989) afirma que nossas cidades são constituídas pelo conjunto de ações que fazem diferentes usos do espaço existente, é esse uso do solo urbano que define as características de cada cidade, seu centro comercial, seus locais de trabalho e produção, os serviços, os bairros residenciais, os locais de encontro e lazer, é dessa forma que seu território é organizado.

Esses espaços urbanos estão ao mesmo tempo segmentados, relacionados e hierarquizados entre si. Os limites entre essas relações no espaço são definidos pelo capital, é ele quem determina os lugares de cada grupo. Dessa forma o solo da cidade se apresenta fragmentado e diferenciado pelo poder aquisitivo de cada grupo, e por suas atividades econômicas (CORRÊA, 1989), (MILANI E ARANHA-SILVA, 2020).

A sociedade urbana industrial é concebida por um processo em que se explodem as antigas formas urbanas, a concentração da população acompanha a dos meios de produção e o tecido urbano prolifera. A dinâmica territorial se torna complexa e contraditória e seu conteúdo social se expressa concretamente na periferia expandida, na proliferação de conjuntos habitacionais, na formação de suntuosos condomínios fechados, dentre outras possibilidades (ARANHA-SILVA, 2011, P. 4).

Dessa forma, o tecido urbano das cidades é formado, e em Três Lagoas isso não é diferente,

[...]o espaço urbano de Três Lagoas vivencia mudanças econômicas, sociais, ambientais e culturais significativas. Dentre os impactos negativos desse processo, vale destacar a expansão acelerada do tecido urbano, o que

aumenta as áreas periféricas, por meio da construção dos conjuntos habitacionais, ampliando as desigualdades sociais e territoriais, vistas por meio da segregação socioespacial (MILANI e ARANHA-SILVA, 2020, p. 357).

Nos últimos anos, com o expressivo crescimento econômico, provavelmente o maior de sua história, a cidade estendeu grandemente sua malha, avançando sobre as áreas rurais à sua volta. Vale dizer que muitas dessas áreas de pastagens não passavam de “estoques de terra” para comércio futuro, mais um elemento da especulação imobiliária. Ainda existem pequenas “ilhas” de vida rural principalmente na região Norte e Nordeste da cidade, pequenas chácaras de um hectare que não estão ligadas à produção agrícola, mas sim à resistência de seus moradores que têm o desejo de viver em um ambiente rural nas proximidades da cidade.

Muitos desses proprietários já foram seduzidos pelos altos custos da terra e decidiram abandonar seu estilo de vida. Em visita a um amigo que era dono de uma dessas chácaras nas proximidades da rua Urias Ribeiro, ele me disse que a chácara era seu sonho para a aposentadoria, mas quando lhe ofereceram R\$1.500.000,00 pela propriedade seu amor por ela acabou.

O capital precisa de espaço, pois, seu objetivo é crescer e gerar mais capital, nesse sentido tudo à sua volta passa a ser qualificado de acordo com seu valor de troca, e com as leis de mercado, a moradia passa a ser uma mercadoria (ROLNIK, 2015 apud MASSON, 2017), quem pode pagar mais, mora melhor, quem pode pagar menos, mora pior.

Figura 15 – Três Lagoas: Pequenas centralidades comerciais nos bairros da cidade.



Fonte: Google Earth-Pró, Milani (2012), dados coletados pelo autor em trabalho de campo

Para atender às comunidades mais afastadas e de olho nesse filão do mercado alguns moradores dessas regiões transformaram suas propriedades em espaços comerciais, para locação ou para a abertura de um empreendimento próprio, isso fez surgir uma série de pequenas centralidades nos bairros mais afastados, aglomerados nas vias principais de seus respectivos bairros.

Em alguns casos essas centralidades representam um alívio para os moradores mais carentes das áreas mais afastadas, pois eles sofrem com a distância dos supermercados localizados mais próximo do centro. Outros serviços também são prestados nesses pequenos redutos comerciais como, casas lotéricas e farmácias, onde se podem pagar contas de água, luz e telefone.

O crescimento da cidade é centrífugo, do centro para as periferias (MILANI, 2010), isso é inevitável, pois no centro não há espaço para todos, mas isso também ocorre devido aos altos custos da terra nesses lugares, como verificamos junto às imobiliárias o metro quadrado nas áreas próximas ao centro custa em média R\$1,400,00 a R\$1.600,00. Dessa forma, há uma necessidade de se expandir para os lados, para as áreas não ocupadas. Isso não quer dizer que esses lugares sejam baratos, na verdade são “menos caros” que as áreas centrais. Outra saída ao preço elevado da terra é a verticalização das construções, com o surgimento dos edifícios de apartamentos.

As mudanças existentes no território da cidade não são apenas geográficas, pois o que há 20 anos era periferia já não é mais. Com o avanço do tecido urbano bairros como Santa Luzia, Interlagos, Bela Vista, na região Oeste do município que no ano 2000 eram o limite da malha urbana, agora já se encontram envolvidos pelos novos loteamentos criados nos últimos anos.

A expansão da mancha urbana provoca o aumento do fluxo de pessoas, produtos e de veículos, e isso por sua vez vai exigir o crescimento de uma malha viária de boa qualidade, e das demais infraestruturas, serviços públicos e equipamentos que venham garantir a qualidade de vida de seus habitantes. Mas a realidade tem nos mostrado que o Estado é incapaz de atender a essas necessidades básicas de seus cidadãos.

Entre os anos de 2000 a 2020 foram criados 48 novos loteamentos e/ou conjuntos habitacionais em Três Lagoas, o que provocou um aumento de sua mancha urbana de 40km² para mais de 61km², conforme nos mostra o Quadro 1.

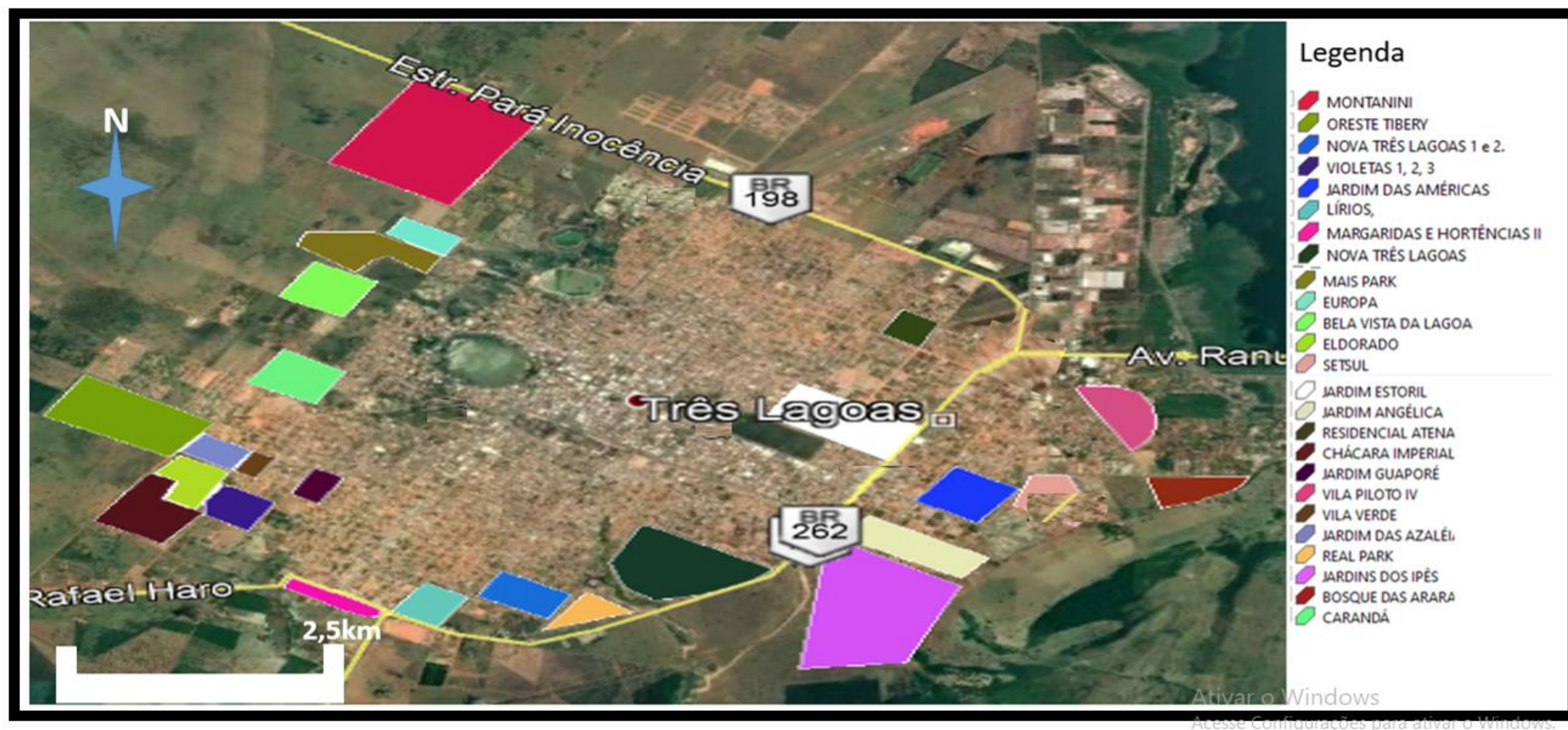
Quadro 1 – Três Lagoas: Relação de loteamentos entre os anos 2000 a 2020.

LOTEAMENTO	ANO	LOTEAMENTO	Ano
JARDIM ESTORIL	2000	JARDIM DAS ORQUÍDEAS II	2008
JARDIM ANGÉLICA	2001	JARDIM DAS VIOLETAS	2008
RESIDENCIAL ATENAS	2001	JARDIM DAS VIOLETAS II	2008
CHÁCARA IMPERIAL	2002	JARDIM IMPERIAL	2008
JARDIM GUAPORÉ 2	2002	JARDIM DAS MARGARIDAS	2008
VILA PILOTO IV	2002	JARDIM DAS HORTÊNCIAS I	2008
JARDIM DAS AMÉRICAS	2003	VILLAGE DO LAGO (L. FECHADO)	2008
VILA PILOTO V	2004	VILA VERDE	2009
VILA PILOTO VI	2005	NOVA TRES LAGOAS	2009
JARDIM GUAPORÉ 3	2006	NOVA TRÊS LAGOAS 2	2010
VILA VERDE	2006	PORTAL DAS ÁGUAS	2010
JARDIM AZALÉIA	2006	NOVO OESTE	2011
JARDIM DAS ORQUÍDEAS	2006	VILLA DUMONT (COND. FECHADO)	2013
REAL PARK	2006	QUARTA LAGOA RESIDENCE L FECHADO	2013
JARDIM DOS IPES 3 e 4	2007	COSTA LESTE (COND. FECHADO)	2014
RES. IMPÉRIO L FECHADO	2007	NOVO OESTE 2	2014
ALTO DOS IPÊS L FECHADO	2007	MONTANINI	2014
JARDIM NOVA AMERICANA	2007	RESIDENCIAL ORESTES PRATA TIBERY JR.	2014
JARDIM DOS LÍRIOS	2007	PORTINARI (LOTEAMENTO FECHADO)	2014
JARDIM DOS GIRASSÓIS	2007	SANTA MONICA	2015
ELDORADO	2007	EUROPA	2015
SETSUL	2007	MAIS PARK	2015
JARDIM DAS HORTÊNCIAS	2007	BOSQUE DAS ARARAS	2017
JARDIM DAS ORQUÍDEAS I	2007	JARDIM CARANDÁ	2018
		BELA VISTA DA LAGOA	2020

Fonte: (GOMES, 2020) (MILANI e ARANHA-SILVA, 2020), demais dados coletados e Organizado pelo autor.

No Figura 14 podemos ver os loteamentos abertos do Quadro 2, localizados principalmente na periferia da cidade. Nota-se uma maior concentração deles na região Oeste da cidade com 12 empreendimentos. Logo em seguida tem-se a região Leste com 6, lembrando que essa região tem um obstáculo natural intransponível que é o Rio Paraná. A região Sul da cidade tem um grande potencial de expansão que ainda não está sendo explorado pelo mercado imobiliário.

Figura 16 - loteamentos abertos.



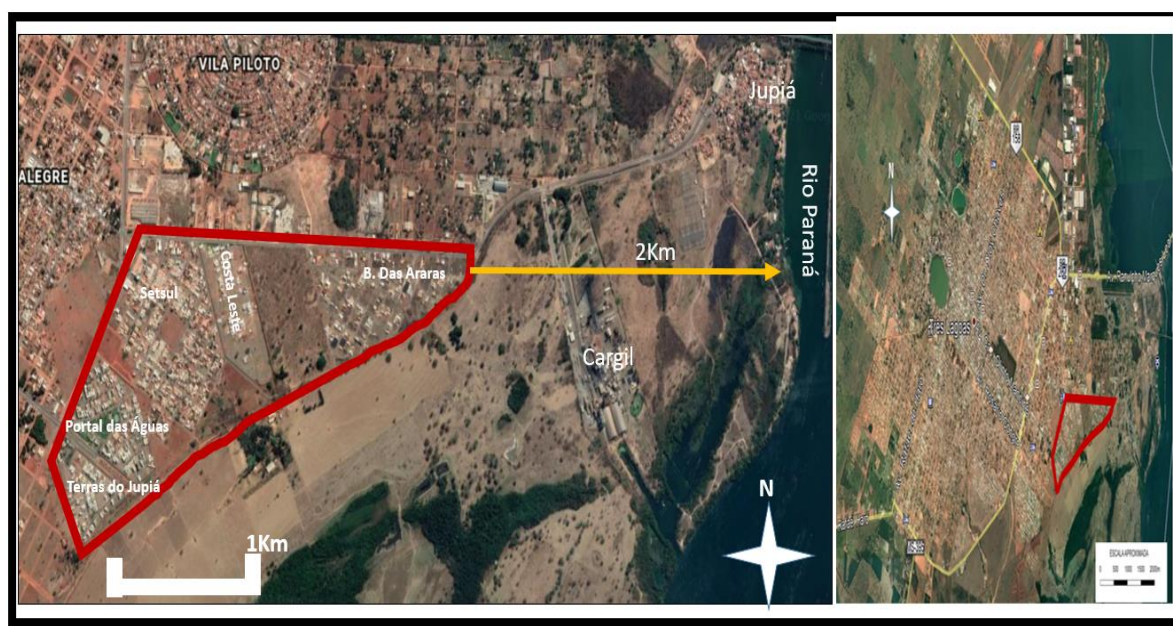
Fonte: Gomes (2020), Google Earth Pro, demais dados coletados pelo autor em trabalho de campo.

3.5.1. PRINCIPAIS ÁREAS DE EXPANSÃO DA MALHA URBANA DA CIDADE.

Para melhor esclarecermos ao leitor esse processo de crescimento da malha urbana de Três Lagoas, apresentamos mais detalhadamente as quatro áreas da cidade onde esse fenômeno mais tem transformado o espaço urbano, aqui denominadas de área de expansão, Área Leste, Sul, Oeste e Norte.

Primeiramente, queremos apresentar a Área de Expansão Leste, é a porção da cidade que mais se aproxima do Rio Paraná, divisa com o estado de São Paulo, conforme a Figura 15 e Foto 8. Nesse local podemos perceber também a diminuição das áreas não utilizadas existentes entre a cidade e o bairro de Jupia, situado às margens do referido rio.

Figura 17 – Três Lagoas: área de Expansão Leste.



Fonte: Google Earth Pro, elaborado pelo autor

Na Figura 17 podemos ver o distanciamento de 2km entre o loteamento aberto Bosque das Araras e o Rio Paraná, bem como também a vila de pescadores do Jupia, a 1.300m. Esse loteamento praticamente eliminou um grande “vazio urbano” existente há décadas entre a cidade e Jupia. Essa área de expansão está limitada por dois obstáculos, o primeiro é empresa de prensagem de soja Cargil, o segundo obstáculo é que as terras entre essa empresa e o rio são brejos, várzeas, que em época de grandes cheias correm o risco de serem alagadas.

O loteamento Bosque das Araras está a cerca de seis mil e quinhentos quilômetros do centro da cidade, e a vila de Jupia que já existia anteriormente ao

processo de expansão do capital, está localizada a 7,6km do centro urbano. Nas proximidades dessa área surgiu também uma pequena centralidade comercial no cruzamento das ruas Egídio Thomé e Alba Cândida, como podemos perceber no Figura 15. Para uma melhor ilustração seguem algumas fotografias tiradas da paisagem do local.

Fotos 8 - Proximidade da malha urbana de Três Lagoas e Rio Paraná.

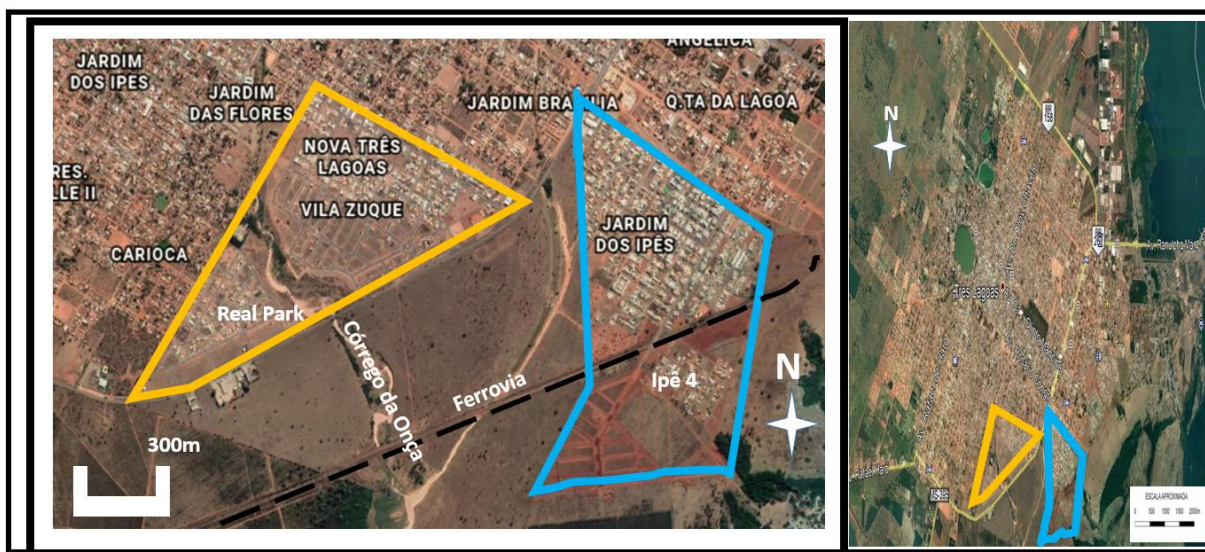


Fonte: Trabalho de campo, 2021. Autor João Luiz da Silva. Fotos produzidas pelo autor em trabalho de campo.

Nessas imagens apresentadas, podemos perceber a paisagem de duas áreas no limite leste da cidade. As imagens 1 e 2 são do loteamento Ipê 4, e está a cerca de 4 quilômetros de distância do Rio paraná e 4, quilômetros do centro da cidade. Na foto 2, podemos ver o monocultura de eucaliptos mais próximas da cidade a 800m do referido loteamento. Na imagem 3, tirada ao lado do Loteamento fechado Terras do Jupia, também é possível vermos as águas do Rio Paraná, a 4 quilômetros do local.

Na área de Expansão Sul podemos verificar com o trabalho de campo que a cidade passou novamente sobre os trilhos da ferrovia, com o loteamento Parque dos Ipês 4 e já alcançou as margens da rodovia 262/158, com os loteamentos Nova Três Lagoas e Real Park, alcançando o anel viário construído nos anos de 1990, como podemos averiguar na Figura 18 a seguir.

Figura 18 - Três Lagoas: área de Expansão Sul



Fonte: Google Earth Pro, elaborado pelo autor.

O Loteamento Ipê 4, apresentado na figura anterior, está a 5,4 quilômetros do centro da cidade e tem um obstáculo, a passagem da Estrada de Ferro Novo Oeste, que pode criar transtorno para os moradores. Em visita ao local, percebemos que a área é de declive e o trecho que atravessa a linha férrea não dispõe de iluminação nas vias públicas, como podemos ver nas fotos a seguir.

Foto 9 - Três Lagoas: Loteamento Ipê 4.



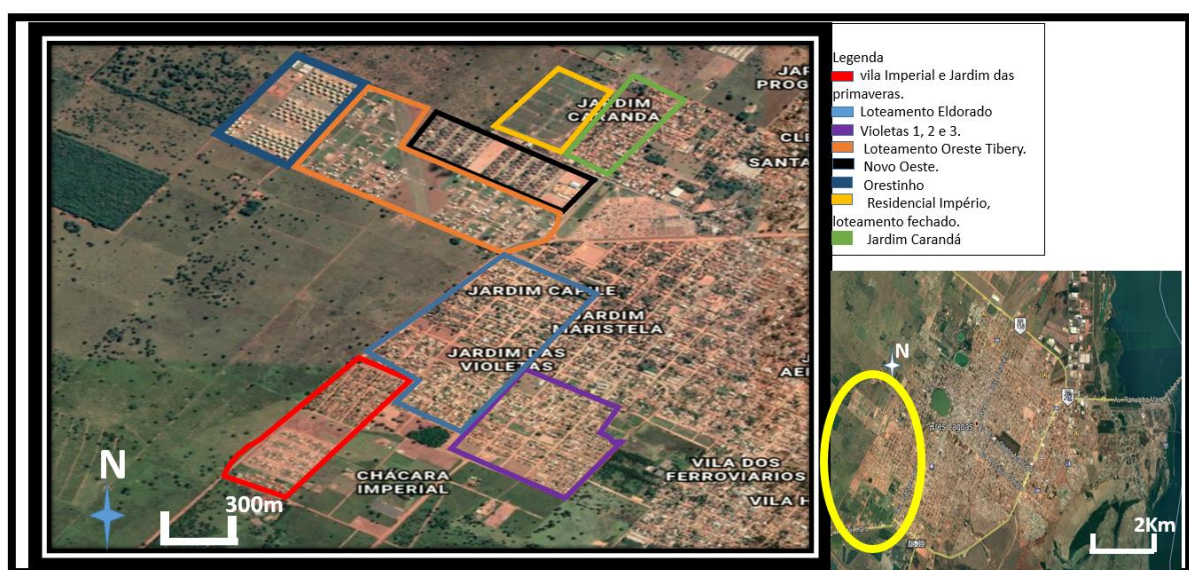
Fonte: Trabalho de campo, 2021. Autor João Luiz da Silva. Fotos produzidas pelo autor em trabalho de campo.

Na Foto 9, podemos constatar no trecho de travessia da estrada de ferro e a inexistência de postes de iluminação, o que deixa o local completamente escuro durante à noite. Na imagem 2, à direita, temos uma visão panorâmica do loteamento

além da dos trilhos da ferrovia. Ainda na Área de Expansão Sul da cidade, ao longo de BR262, encontramos o bairro Vila Zuque, com os loteamentos Nova Três Lagoas, e Real Park, ambos já encostados na BR, separados pelo Córrego da Onça, como nos mostra a Figura 17.

A área de Expansão Oeste foi a porção da cidade que mais se expandiu nos últimos anos, principalmente a partir de 2009. São aproximadamente 2,65Km². Nesse local o Estado exerceu grande influência no processo de transformação do espaço urbano, criando uma espécie de área de segregação, isso aconteceu através da concentração de conjuntos habitacionais ali instalados, são eles: Violetas 1, 2 e 3, Vila Imperial e o Jardim das Primaveras, ainda em fase final de construção. Os conjuntos de moradia vertical Novo Oeste e Orestinho foram os primeiros empreendimentos do setor de moradias verticais de interesse social da cidade.

Figura 19 – Três Lagoas: primeira Área de Expansão na região Oeste da cidade.



Fonte: Google Earth Pro, organizado pelo autor.

Essa é uma das áreas mais carentes e tem a parte mais densamente povoada da cidade. Os condomínios Novo Oeste e Orestinho chegam a ter um habitante por 88cm². Esses dois conjuntos e o loteamento Oreste Tibery, dispõem de rede de esgoto e pavimentação asfáltica. Já os conjuntos Violetas 1, 2 e 3, Vila Imperial, Jardim das Primaveras, o Loteamento Eldorado e o bairro Carandá ainda não receberam esses equipamentos públicos essenciais.

Foto 10 – Três Lagoas: bairros carentes da área Oeste da cidade.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Autor: João Luiz da Silva. Fotos produzidas pelo autor em trabalho de campo.

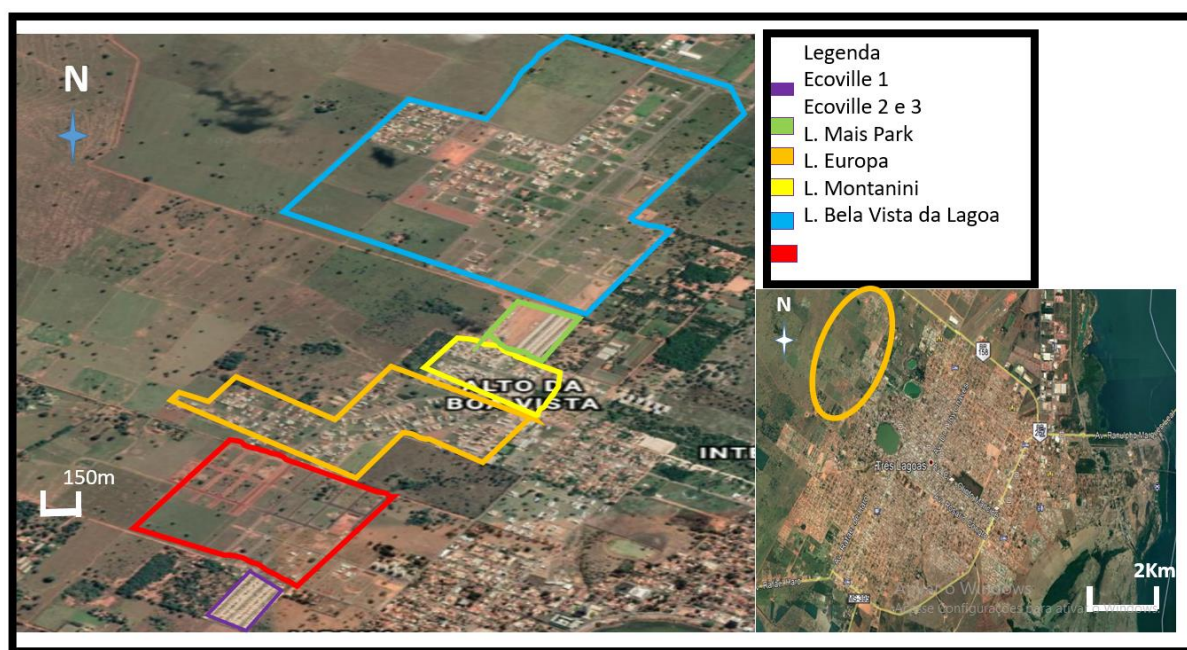
Além da falta de pavimentação asfáltica, os conjuntos Violetas, Eldorado, Imperial e Primaveras também não possuem rede de esgoto, áreas de lazer e postos de saúde. A liberação desses loteamentos pela Prefeitura de Três Lagoas no período de seu lançamento e da entrega das casas dos conjuntos habitacionais é também uma clara violação da Lei 6766, de 1979, onde se determina que a entrega de loteamentos com infraestrutura básica é obrigatória desde aquele ano (Brasil, 1979). Há apenas duas escolas municipais de ensino fundamental I, a escola Marlene Noronha e General Nelson Custódio. A escola de ensino fundamental II e ensino médio mais próxima é a Escola Estadual Joaquim Lopes Barbosa que fica no Jardim das Oliveiras, a 3 quilômetros do conjunto Primavera, e a Escola Estadual Dom Aquino Correa a 4 quilômetros.

Outra dificuldade vivida pelos habitantes dessa região é a falta de transporte coletivo, pois, o serviço é muito precário, o que faz com que os moradores optem pelo uso de bicicletas e motocicletas, quando possível. A má qualidade das vias públicas também é um problema sério para a população em dias de chuva forte, pois se formam enxurradas com grande volume de água que impedem a passagem de veículos. Essa é uma das principais áreas segregadas da cidade.

Ainda na Área de Expansão Oeste, temos os novos loteamentos posteriores aos bairros Vila Clementina, Santa Luzia e Alto da Boa Vista. Aqui já temos

empreendimentos mais bem organizados e alguns residenciais fechados com uma área total de 3,87km². Segundo as observações obtidas em trabalho de campo junto às imobiliárias essa área é a que tem criado mais expectativa para a implementação de novos projetos no futuro, pois sua geografia é propícia para a realização de loteamentos, e os proprietários rurais, detentores de grandes porções de terras na região estão interessados nesse tipo de negociação.

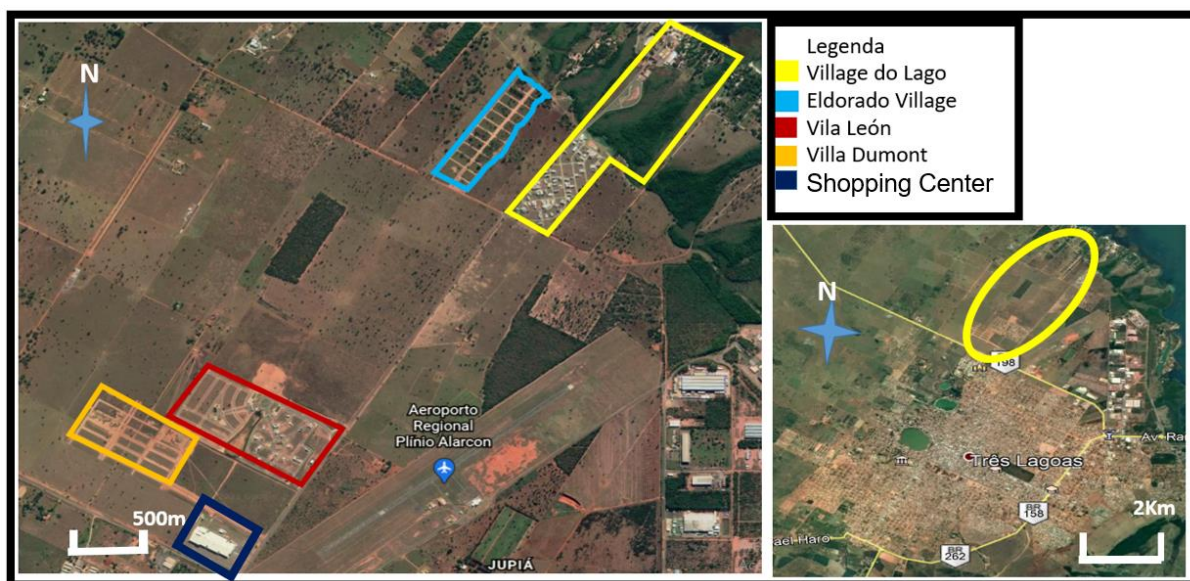
Figura 20 - Três Lagoas: Área de Expansão na região Oeste de Três Lagoas.



Fonte: Google Earth Pro, organizado pelo autor.

Com exceção do loteamento Montanini, Figura 17, que perdeu um pouco e sua valorização inicial devido à distância da cidade e o atraso na entrega da infraestrutura básica, os demais empreendimentos, como Mais Park e Europa, estão muito valorizados, principalmente pela excelente qualidade da infraestrutura do local com ruas largas e devidamente sinalizadas e iluminadas, pavimentação asfáltica, pista de caminhada e as áreas verdes já estão construídas, equipadas e arborizadas.

Figura 21 - Três Lagoas: Zona de expansão ao Norte da cidade de Três Lagoas.



Fonte: Google Earth Pro, organizado pelo autor.

A zona de expansão identificada no Figura 18 apresenta até o momento uma característica diferenciada das demais. Nessa área predominam os loteamentos fechados de médio e alto padrão, localizada nas proximidades do Shopping Center e do aeroporto municipal. Essa Área de Expansão foi responsável por estender a malha urbana até as margens do Rio Sucuriú, no Norte da cidade, como podemos ver nas fotos da paisagem local.

Foto 11 - Paisagem limite da malha urbana a Norte da cidade de Três Lagoas.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Autor João Luiz da Silva. Fotos produzidas pelo autor em trabalho de campo.

Essa é uma das paisagens mais belas da cidade, à direita da foto temos o condomínio fechado Village do Lago, aos fundos da foto, temos o Rio Sucuriú. Por ser uma área de declive natural o loteamento permite que seus moradores desfrutem de todo o esplendor dessa paisagem, a beleza natural e a proximidade com o rio foram muito exploradas nas propagandas de divulgação do empreendimento, sendo um dos fatores determinantes para muitos dos compradores com quem pude conversar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente queremos deixar claro que esse trabalho não tem a pretensão de ser a palavra final sobre os temas aqui investigados. cremos que o que foi tratado aqui, soma-se a um grande número de outros estudos, produzidos por vários pesquisadores, destinados a entender esse momento histórico que Três Lagoas tem vivido.

Queremos destacar, que através das pesquisas bibliográficas podemos concluir que o Estado brasileiro foi um dos grandes protagonistas em todo o processo de tentativas da descentralização da indústria brasileira, das regiões metropolitanas do litoral para o interior do país, e em nosso caso específico, para a região de Três Lagoas.

Dentro desse contexto, o Estado atuou fomentando da construção da infraestrutura necessária para tornar regiões como a de Três Lagoas mais fluidas e atrativas para o grande capital. Foram executados projetos nas áreas de transportes ferroviários, hidroviários e principalmente rodoviários. Também foram feitos grandes investimentos com o objetivo de melhorar as comunicações, tudo isso para permitir uma melhor articulação entre os grandes centros do país e o interior.

O Estado também atuou como agente financeiro dessa expansão do capital, criando novas leis que flexibilizassem a arrecadação de tributos por parte dos estados federativos e dos municípios, para que os mesmos pudessem oferecer benefícios às empresas, com a finalidade de atraí-las para seus territórios, a denominada “guerra fiscal”. Economicamente o Estado também foi um dos principais agentes a serviço do grande capital, financiando grande parte dos custos de construção dessas empresas através do BNDES.

No caso específico de Três Lagoas, uma vez criada a infraestrutura que garantia a fluidez, os benefícios fiscais e os meios de financiamento, o capital passou a ver essa região como lugar de interesse, principalmente a partir dos primeiros anos do século XXI. Somadas às condições providenciadas pelo Estado, citadas anteriormente, temos também outros fatores favoráveis presentes no município, como mão-de-obra mais barata e as vastas áreas de pastagens já desmatadas e propícias para a implantação de novas culturas, em especial a celulose.

Dessa forma a cidade se tornou um polo de atração da indústria de produção dessa commodity, se tornando a maior produtora mundial.

Toda essa expansão do capital provocou uma série de transformações no espaço urbano da cidade, principalmente em virtude do rápido crescimento populacional, passando de 78.900 habitantes em 2000 para cerca de 123.281 em 2020.

Com um investimento de mais 26 bilhões de reais em 20 anos, a cidade se tornou também o polo de atração para trabalhadores de todo o país, chegando a ter aproximadamente 15 mil operários temporários atuando na construção das fábricas de celulose.

Percebemos através das pesquisas de campo que o crescimento populacional desencadeou uma intensa especulação imobiliária, que por sua vez despertou o interesse do capital que tratou de disponibilizar a oferta de lotes, casas e apartamentos. Assim os agentes do mercado imobiliário trataram de conquistar sua fatia de lucro nessa área do mercado. Dessa forma, as periferias da cidade se transformaram em um grande número de empreendimentos, que provocaram a expansão em mais de 50% da malha urbana da cidade.

Também surgiram em Três Lagoas novas formas de morar, através da verticalização de moradias, algo que não era o costume local, mas com os altos custos da terra e dos aluguéis, esse modelo de residência passou a ganhar a atenção dos moradores locais, fazendo surgir vários conjuntos de apartamentos por todo o espaço da urbes.

Os espaços residenciais fechados de médio e alto padrão destinados principalmente para as classes mais abastadas do município, também surgiram em vários lugares da cidade, espaços de auto-segregação para aqueles que podem pagar por esses espaços de moradias.

Entretanto, podemos perceber também, que o desenvolvimento tão divulgados pelos gestores, e esperado pela população ainda está longe de ser alcançado por grande parte dos moradores da cidade, pois a infraestrutura básica ainda falta para mais de 40% das residências da cidade.

Concluimos que entre os anos 2000 a 2020, Três Lagoas realmente cresceu, econômica e geograficamente, mas concluimos também, que crescimento econômico e populacional não são sinônimos de desenvolvimento, pois ainda existem muitas áreas carentes nas periferias da cidade que não foram beneficiadas por todo esse processo de industrialização que tem gerado grandes lucros para o capital, enquanto essas deficiências não forem sanadas a cidade não será o tão sonhado lugar de

prosperidade para grande parte de sua população. Todo esse processo de crescimento contribuiu para a intensificação da produção de uma cidade cada vez mais desigual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDAL, Alexandre. Desenvolvimento Regional No Brasil Contemporâneo. **Revista Novos Estudos**: CEBRAP, São Paulo, v. 36.02, p. 107 -126, julho 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25091/>. Acessado em: 12/07/2020.

ABREU, Silvana de. **Planejamento governamental: a SUDECO no “Espaço Mato-Grossense”**. 2002. Tese (doutorado em Geografia humana) - Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, USP, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.repositório.ufgd>, acessado em: 08.10.2020.

AFONSO, Guilherme; URIOS, Márcio. Introdução A região do Grande ABC ou ABC Paulista. **Revista Sobre o ABC**: Revista Eletrônica da Universidade Federal do ABC, Santo André, 08/2008. Disponível em: <http://www.ufabcsocial.wordpress.com>. Acessado em: 26/09/2020.

ALMEIDA, Rubenita Martins De; MILANI, Patrícia Helena. A Resistência Ao Estilo De Residências Verticais nos Conjuntos Habitacionais em Três Lagoas-MS. **Anais [...]**. São Paulo: XIII ENANPEGE, A geografia brasileira na ciência-mundo: produção circulação e apropriação do conhecimento de 2 a 7 de setembro de 2019. Disponível em: <http://www.enanpege.ggt.br>. Acessado em 28/09/2020.

ALVES, M. A. da S. **Guerra fiscal e finanças federativas no Brasil**: o caso do setor automotivo. 2001. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <http://www.repositório.unicamp.br>. Acessado em: 23/08/2020.

ARANHA-SILVA, Edima. Produção de moradias e expansão da periferia: nova dinâmica territorial urbana em TRÊS LAGOAS/MS. **Anais [...]**. Três Lagoas: Simpósio Internacional de História, X Encontro de História de Mato Grosso do Sul e XIII Semana de História de Três Lagoas, “As muitas (in)dependências das Américas: dois séculos de história”, 2011. Disponível em: <http://www.ndh.ufms.br>. Acessado em: 23/09/2019.

_____. **A dinâmica socioespacial urbana e as novas centralidades em Três Lagoas. Três Lagoas-MS**: UFMS-CNPq, 2009. (Relatório de Pesquisa). CD ROM.

_____. O sentido da segregação espacial além dos trilhos da ferrovia. **Jornal do Povo**, Três Lagoas, p.2, Caderno Opinião, 2008. Disponível em: <http://www.jpnews.com.br>. Acessado em: 06/11/2019.

_____, CHAVES, D. D.; CLEMENTE, R. H.; SANTOS, B. M.; MILANI, P. H. Três Lagoas em Mato Grosso do Sul (Brasil) e sua inserção na hierarquia urbana regional. **Anais** [...]. Montevideo: 12º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009. Disponível em: <http://www.umbral.nuvem.ufrgs.br>. Acessado em: 23/01/2020.

_____. A Industrialização em Mato Grosso do Sul e Suas Implicações nas Cidades. **Anais** [...]. Dourados: XXI ENSUL. V EREGEO. UFGD. 2010. Disponível em: <http://www.umbral.nuvem.ufrgs.br>. Acessado em: 23/01/2020.

_____. Industrialização, Dinâmica Territorial e Implicações Socioambientais em Mato Grosso do Sul/Br. **Anais** [...]. Costa Rica: Encontro De Geografia Da América Latina, Universidade De Costa Rica, 2013. Disponível em: <http://www.una.ac.cr>. Acessado em: 20/02/2020.

_____. Impactos Socioambientais Decorrentes da Industrialização em Cidades de Mato Grosso do Sul – Brasil. **Anais** [...]. Havana: XV Encontro de Geógrafos da América Latina “*Por Una América Latina Unida Y Sostenible*”, 2015. CD ROM.

_____. Edima Aranha fala sobre crescimento populacional de Três Lagoas. 2019, in: **RCN NOTÍCIAS**, 02/09/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-FvCGS7UOog>. Acessado em: 02/09/2020.

AQUINO, Rubim Santos Leão de et al. **História das Sociedades: Das Comunidades Primitivas às Sociedades Medievais**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. p 228 – 233.

ATLASBRASIL. **Atlas Do Desenvolvimento Humano No Brasil**. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2020. Acesso em: Três Lagoas, MS: Desenvolvimento Humano. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br> > perfil m > tres-lagoas.ms. Acessado em: 23/09/2020.

BARATELLI, Amanda Emiliana Santos; MILANI, Patrícia Helena. A Especulação Imobiliária Versus o Acesso a Habitação: Temos que Fazer a Luta Pela Terra, a Luta Pela Moradia. **Revista AGB**, Três Lagoas, n. 30, Ano 15, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufms.br>. Acessado em: 03/07/2020.

BARBOSA, Amanda de Souza Nogueira et al. Emprego, Desemprego e a Economia: Evolução dos indicadores econômicos do Brasil, Mato Grosso do Sul e Três Lagoas/MS. **Revista Conexão Eletrônica**, Três Lagoas-MS, v.14, n. 1, p. 1106, 2017. Disponível em: <http://www.revistaconexao.aems.edu.br> › includes. Acessado em: 23/09/2020.

BRASIL. Lei Nº 6.766, de 19 de Dezembro de 1979. LEI Nº 6.766, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1979. Brasília DF. 19/12/1979. Disponível em <http://www.planalto.gov.br> › ccivil. Acessado em 09/08/2021.

BOURDIEU, Pierre, **O Poder Simbólico**. São Paulo: Editora Bertrand Brasil S. A., 1989.

BRASIL, Ângela de Souza. Os Fluxos, a mobilidade e o planejamento urbano de Três Lagoas/MS. **Eumed.net**, Málaga, 2018. Disponível em: <http://www.eumet.net>. Acessado em: 19/11/2020.

BRISON, Aline de Siqueira et al. A Empregabilidade em Três Lagoas. **Conexão Eletrônica: Revista das Faculdades Integradas de Três Lagoas**, Três Lagoas, V. 15, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.revistaconexao.aems.edu.br>. Acessado em: 23/09/2020.

CANO, Wilson. Concentração e Desconcentração Econômica Regional no Brasil: 1970/95. **Revista Economia e Sociedade**, Curitiba, v. 8, p. 101-104, 1997. Disponível em: <http://www.periodicos.sdu.unicamp.br>. Acessado em: 13/02/2019.

CARVALHO, Mônica de. Cidade Global, anotações críticas sobre um conceito. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, vol.14, n.4, p.70-82, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acessado em: 25/09/2020.

CHAEBO, Gemaél et al. Silvicultura em Mato Grosso do Sul: Desafios e Perspectivas a Formação de um Arranjo Produtivo Local. **Revista de Administração da UEG**, Aparecida de Goiânia, v.2, n.2, p. 44, 2011. Disponível em: <http://www.researchgate.net>. Acessado em: 30/02/2020.

CLEMENTE, Evandro César. **O Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas no Contexto do Desenvolvimento Rural da Região de Jales-SP**. 2011 Disponível em, <https://repositorio.unesp.br>. Acessado em, 03/04/2021.

COLOSSO, Paolo. A Crítica De Henri Lefebvre Ao Urbanismo Moderno. **Anais [...]**. São Paulo: XIV SHCU, Seminário de História da Cidade e do Urbano, Cidade, Arquitetura e Urbano: Visões e Revisões do Século XX. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2016. Disponível em: <http://www.iau.uspo.br>. Acessado em: 21/04/2020.

CONCEIÇÃO, Renata C. Oliveira, A. Q. GOMES. O Recente Processo De Industrialização De Três Lagoas-MS. **Revista Economia e Pesquisa**, Araçatuba, v.6, n.6, p. 50 65. 2004. Disponível em: <http://www.feata.edu.br>. Acessado em: 23/05/2019.

CORREA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**, São Paulo: Editora Ática, 1989.

COSTA, Luceny Camila dos Santos. **Fluxos Migratórios e a Dinâmica Sócio-Espacial em Três Lagoas, MS. 2007**. Dissertação (mestrado em geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2007. Disponível em <http://www.ndh.ufms.br> >. Acessado em: 21/05/2020.

CRUZ, Rayani Santa. Alojamento Pega Fogo em Três Lagoas e Mobiliza Corpo de Bombeiros. 2016. **radiocacula.com**, Três Lagoas, 24/12/2016. Disponível em: <http://www.radiocacula.com.br>. Acessado em: 30/04/2020.

EBAC - Estudo de Base Adicional de Competitividade. Diagnóstico de Competitividade e Desenvolvimento Econômico de Três Lagoas. **dropbox**, Três Lagoas, 2016. Disponível em: <http://www.dropbox.com>. Acessado em: 19/11/2020.

FAVARETO, A. Paradigmas do desenvolvimento rural em questão. São Paulo: Iglu: FAPESP, 2007. 220 p.

FIEMS. Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul (FIEMS) (2016). FIEMS projeta crescimento de até 11,7% para o setor industrial do Estado em 2016. **Sistema FIEMS**, Campo Grande, 2016. Disponível em: <http://www.fiems.com.br/>. Acessado em: 22/07/2020.

FERREIRA, Danieli S et al. Evolução Econômica e a Industrialização: O caso de Três Lagoas/MS. **Revista Conexão Eletrônica**: Revista das Faculdades Integradas de Três Lagoas, Três Lagoas, v.14, n. 1, P.1126, 2017. Disponível em: <http://www.revistaconexao.aems.edu.br> › includes. Acessado em: 23/09/2020.

FERREIRA, L.A. **A Produção Do Território e as Políticas Públicas de Habitação na Cidade de Três Lagoas-MS**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas. 2016. Disponível em: <http://repositorio.cbc.ufms.br>. Acessado em: 10/12/2019.

FERREIRA, Bruna Maria Oliveira Benites et al. Considerações Sobre A Formação Industrial De Mato Grosso Do Sul. **Anais [...]**. Naviraí-MS: I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação, 12 a 14 de setembro de 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufms.br>, 2017. Acessado em: 08/10/2020.

_____. PIB Industrial Do Estado De Mato Grosso Do Sul, Uma Análise No Período De 2002-2012. **Anais [...]**. Naviraí-MS: I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação, 12 a 14 de setembro de 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufms.br>, 2017. Acessado em: 08/10/2020.

FONSECA, Silas Rafael da; JUNIOR, Antônio Thomaz. A Consolidação do Complexo de Celulose e Papel na Região Leste de Mato Grosso do Sul: Estudo De Caso Do Município De Selvíria. **Revista Eletrônica AGB**, Três Lagoas, n 19, ano 11, p. 78, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufms.br>. Acessado em: 09/01/2020.

FRANCISCO, A. L. **Ciclos econômicos aportados na cidade de Três Lagoas**: da pecuária às indústrias de transformação. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia)

- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufms.br>. Acessado em: 09/01/2020.

GERMER, Claus M. Marx e o papel determinante das forças produtivas na evolução social. **Revista Crítica Marxista**, n.29, p.75-95, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acessado em: 23/08/2019.

GOES, Eda Maria; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A Insegurança e as Novas Práticas Espaciais em Cidades Brasileiras. **Anais [...]**. Barcelona: XIII Colóquio Internacional de Geografia, *El Control del Espacio y Los Espacios de Control*,. Disponível em: <http://www.ub.edu>. Acessado em: 15/03/2020.

GOMES, Lennon. **Uso e Ocupação do Solo das Áreas Verdes Urbanas na Cidade de Três Lagoas – MS**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ufms.br>. Acessado em: 09/12/2020.

_____. Desconformidade Legal em Loteamentos Urbanos de Três Lagoas-MS: Uso e Ocupação de Áreas Verdes. **Geoatos: Revista Geografia em Atos**, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 17, v. 2, p. 100-116, 2020. Disponível em: <http://www.revista.fcr.unesp.br>. Acessado em: 05/07/2020.

HARVEY, David. ***Class structure in a capitalistic societ and te theory os residencial defferentiantion***. London: Editora PEEL,1975. Disponível em: <http://journals.sagepub.com>. Acessado em: 21/03/2020.

_____. A Justiça Social e a Cidade. **Revista Novos Cadernos NAEA**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 269-274, 1980. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br>. Acessado em: 04/07/2020.

_____. **A Produção Capitalista do Espaço**. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Para entender o capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **O Enigma Do Capital E As Crises Do Capitalismo**. Tradução João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2015.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. São Paulo: Zahar, 1981.

HOBBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**. São Paulo: Saraiva, 1962.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades/MS/Três/Lagoas/Panorama, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/tres-lagoas/panorama>. Acessado em: 30/09/2020.

JURADO, F. L. S. **O Processo de Industrialização na Cidade de Três Lagoas (MS): Discursos, desdobramentos e contradições**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. Aquidauana, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufms.br>. Acessado em: 13/09/2020.

KUDLAVICZ, Mieczslau. Os Impactos do Monocultivo de Eucalipto na Microrregião de Três Lagoas/MS, **Revista Eletrônica AGB**, Três Lagoas, nº 14, ano 8, 2012. Disponível em: <http://periodcos.ufms.br>. Acessado em: 23/01/2020.

_____. **Dinâmica Agrária e a Territorialização do Complexo Celulose/Papel na Microrregião de Três Lagoas/ MS**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2011. Disponível em: repositorio.ufms.br. Acessado em: 05/09/2019.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

_____. **A Cidade do Capital**. Tradução Maria Helena Rauta Ramos; Marilena Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LELIS, Leandro Reginaldo Maximino. O Circuito Espacial Produtivo de Celulose e o Uso do Território em Mato Grosso do Sul. **Repositório Institucional UFRN**:

Universidade Federal Do Rio Grande do Norte, 2020. Disponível em: <http://www.scholar.google.com>. Acessado em: 10/11/2020.

LIMA, Vinícius Misael Alves de; MAIA, Katy. Índice de desenvolvimento socioeconômico dos municípios sul-mato-grossenses para 2010. **Revista Brasileira de Economia e Empresas**, v. 15, n. 2, 2015, p. 96. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br>. Acessado em: 07/08/2019.

MARIN, Tatiana. Em Três Lagoas, trabalhadores do 'Brasil afora vivem em alojamentos. **Midiamax**, 12/10/2017. Disponível em: <http://www.Midiamax.com.br>. Acessado em: 21/07/2020.

MARTINS, J. S. **O cativo da Terra**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979. P. 28.

MARX, Karl. **Grundrisse**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.

MASSON, Michel. Resenha: Guerra dos Lugares: A colonização da terra e da moradia na era das finanças. **Revista Prumo**: Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br>. Acessado em: 05/06/2020.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). **Indicadores Habitacionais de Mato Grosso do Sul. Secretaria de Estado de Habitação**, SEHAB, Agência de Habitação Popular do Estado de Mato Grosso do Sul, AGEHAB. 2014. Disponível em: <http://www.agehab.ms.gov.br>. Acessado em: 12/11/2020.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). **Diagnóstico Socioeconômico de Mato Grosso do Sul/SEMADE/2015**, SEMADE, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico, 2015. Disponível em: <https://www.semagro.ms.gov.br>. Acessado em: 08/10/2020.

McKENZIE, R. D. **The Ecological Approach To The Study Of The Human Community**. Chicago: The University of Chicago Press, 1924. Disponível em: <http://www.researchgate.net>. Acessado em: 21/11/2020.

MELO, José Eduardo Soares de. **ICMS: teoria e prática**. São Paulo: Dialética, 2003.

MENDONÇA, Marcelo Ribeiro de et al. O Município De Três Lagoas/MS Como Maior Produtor/Exportador De Celulose Do Mundo: a ideologia do progresso e suas contradições, **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 42, v. 3, 2020. Disponível em: <http://www.revista.fct.unesp.br>. Acessado em: 13/09/2020.

MILANI, Patrícia Helena; ARANHA-SILVA, Edima. Centralidade Urbana Um Estudo Do Centro Principal De Três Lagoas- MS. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, n. 9, v.1. UNESP, 2009. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br>. Acessado em: 13/09/2020.

_____. Dinâmica Econômica e Organização Territorial da Mesorregião Leste De Mato Grosso do Sul. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v.1, nº1, p.64-78, 2011. Disponível em: <http://trilhasdahistoria.ufms.br>. Acessado em: 21/-3/2020.

_____. Reordenamento Territorial Intraurbano de Três Lagoas. **Revista AGB**, Três Lagoas, nº 16, Ano 9, 2012. Disponível em: <http://www.periodcos.ufms.br>. Acessado em: 23/01/2020.

_____. Patrícia Helena; ARANHA-SILVA, Edima. **Três Lagoas-MS: uma cidade em transição?** IN: CALIXTO, Maria José Martinelli Silva; MORENO, Bruno Bomfim; BERNADELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. (Orgs). O urbano em Mato Grosso do Sul: abordagens e leitura. UFGD, 2020. p. 339-366.

MORAES. Sílvia Ribeiro de. A desconcentração produtiva entre 2000 e 2015: uma nova dinâmica virtuosa? **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v.21 n. 2, 2019. Disponível: em <http://rbeur.anpur.org.br>. Acessado em: 21/03/2020.

NASCIMENTO, Sidnei Pereira do. Guerra Fiscal: uma avaliação comparativa entre alguns estados participantes. **Revista Economia aplicada**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 677-706, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br>. Acessado em: 14/03/2020.

NEVES, Joser Cleyton; SANTOS, Thiago Araújo. A Produção Capitalista Do Espaço Em Três Lagoas (MS): Ideologias E Representações. **Pegada, A Revista da**

Geografia do Trabalho, v. 19 n.3. 2018. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br>. Acessado em: 11/09/2020.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A Mundialização Da Agricultura Brasileira**. São Paulo: Landé, 2016.

_____. Agricultura e Indústria no Brasil. **revista de geografia agrária**, v.5, n.10, p. 5-64, 2010. Disponível em: <http://www.campoterritorio.ig.ufu.br>. Acessado em: 10/07/2020.

OBAL, Karoline Kolosinski et al. A Produção do Espaço Urbano e o Déficit Habitacional na Cidade de Três Lagoas-MS. **Anais [...]** II Simpósio de Estudos Urbanos, a dinâmica das cidades e a produção do espaço. 19 a 21 de agosto de 2013. Disponível em: www.fecilcam.br. Acessado em: 24/09/2020.

PARK, Robert E. The City: ***Suggestions For The Investigation Of Human Behavior In The City Environment, The American Journal of Sociology***, Chicago. 1915. p. 579. Disponível em: www.jstor.org › stable. Acessado em: 21/11/2020.

PEREIRA, Evelyn Andrea Arruda. **Território, Informação E Cultura: Algumas Considerações**. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericaltina.org.mx>. Acessado em: 21/07/2020.

PERPETUA, Guilherme Marini. **A Mobilidade Espacial do Capital e da Força de Trabalho na Produção de Celulose e Papel: Um Estudo A Partir De Três Lagoas (MS)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>. Acessado em: 21/05/2020.

_____, JÚNIOR, Antônio Thomaz. **A Mobilidade da Força de Trabalho na Territorialização do “Deserto Verde” – Reflexões Preliminares Sobre O Caso De Três Lagoas (MS)**. Três Lagoas, 2011. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org>. Acessado em: 21/07/2019.

PERIUS, K. C. G. **A concessão de incentivos fiscais estaduais e a nova lei de responsabilidade fiscal no federalismo brasileiro**. 2002. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Direito) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, São Leopoldo, 2002. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br>. Acessado em: 04/01/2020.

PIGOU, Arthur Cecil. **The Economics of Welfare**. Macmillan and CO. Limited, Londres. 1920

PIRENNE, Henri. **Medieval Cities: Their Origins and the Revival of Trade**. Princeton: Editora Princeton, 2014. Disponível em: <http://www.books.google.com>. Acessado em: 13/01/2019.

PRUDÊNCIO, Marcos Henrique. **Geografia dos Transportes e os Setores Produtivos de Mato Grosso do Sul**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2015. Disponível em: <http://www.repositório.ufms.br>. Acessado em: 11/02/2019.

REIS, Tiago. SBPE: o que é o Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo, Suno **artigos**, São Paulo 2018. Disponível em: <http://www.sunoresearch.com.br>. Acessado em: 08/11/2020.

ROLNIK, Raquel, As Armadilhas do Pacote Habitacional. **Researchgate**, São Paulo 2018. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication>. Acessado em: 08/11/2020.

_____. Muito Mais que um Simples Teto. **Revista Ipea**: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2009. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acessado em: 21/03/2020.

_____. Crescimento econômico e desenvolvimento urbano: Por que nossas cidades continuam tão precárias? **Revista Novos Estudos**, São Paulo, p. 89, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acessado em 04/11/2019.

_____. **Guerra dos lugares:** a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, Milton. **O Espaço E Sociedade No Brasil:** A Urbanização Recente, 1988. Disponível em: <http://periódicos.ufsc.br>. Acessado em: 21/11/2019.

_____. Milton. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Editora Humanismo, Ciência e Tecnologia, HUCITEC, 1993.

_____. Milton. **A Natureza do Espaço Técnica e Tempo.** Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil:** Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro e São Paulo: Record. 2006.

SANTOS, Ana Cristina. Três Lagoas tem 17 mil famílias em situação de pobreza. **Jpnews**, Três Lagoas, 2020. Disponível em: <http://www.jpnews.com.br>. Acessado em: 24/09/2020.

_____. **Comércio funcionará em horário especial devido ao [...].** Jpnews, Três Lagoas, 2020. Disponível em: www.jpnews.com.br 04/08/2020. Acessado em: 24/09/2020.

_____. Ana Cristina. Quase metade das casas não tem rede de coleta de esgoto em Três Lagoas. **Jpnews**, Três Lagoas, 2017. Disponível em: www.jpnews.com.br, 08/07/2017. Acessado em: 05/02/2021.

SILVA, Cristóvão Henrique Ribeiro da; ARANHA-SILVA, Edima. A Dinâmica Locacional Intra-urbana e o Circuito Territorial das Indústrias Têxteis em Três Lagoas – MS. **Anais [...].** I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira, UNIOESTE, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2011, p. 4. Disponível em: <http://www.geografia.ufrj.br>. Acessado em: 09/11/2020.

SILVA, Marcos Henrique Prudêncio da. **Geografia dos transportes e os setores produtivos de Mato Grosso do Sul.** 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) -

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2015. Disponível em: <http://ibict.br>. Acessado em: 13/05/2020.

SILVA, Magno Vamberto Batista da; NETO, Raul da Mota Silveira. Dinâmica da Concentração da Atividade Industrial no Brasil Entre 1994 e 2004: Uma Análise a Partir de Economias de Aglomeração e da Nova Geografia Econômica. **Economia Aplicada**, v. 13, n. 2, pp. 299-331, 2009. Disponível em: <http://www.revista.usp.br>. Acessado em: 17/09/2020.

SOUZA, Lorena dos Santos et al. **Processo Industrial e a Segregação Socioespacial na Cidade de Três Lagoas/MS**. Três Lagoas, 2009. Disponível em: <http://www.googleacademico.org.br>. Acessado em: 20.06.2020.

SOUZA , Josias de. A vingança da miséria. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 1994. Disponível em: <HTTP://www.folha.uol.com.br>. Acessado em: 20.06.2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão, Capitalismo e Urbanização, São Paulo: contexto, 1988.

_____. Novas redes urbanas: Cidade Média e Pequenas no Processo de Globalização. **Revista Geografia Rio Claro**, Rio Claro, V. 35, n. 1, p. 51-62, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br>. Acessado em: 11/02/2020.

SPOTORNO, Karla, Três Lagoas - Capital mundial da celulose. **Revista Época**, 2010. Disponível em: <http://www.epocanegocios.globo.com>. Acessado em: 12/05/2020.

SZAJNBOK , LUCIENNE Michelle TREGUER CWIKLER. Os Impactos Concorrenciais Da Guerra Fiscal. **Revista Tributária e de finanças públicas**, Ano 25, v. 135, 2017. Disponível em: <http://rtrib.abdt.org.br>. Acessado em: 16/08/2020.

TRÊS LAGOAS (Prefeitura Municipal) SMAS, **Albergue Municipal completa três anos com mais de 3 mil hospedes**. Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br> > albergue-municipal-compl. 2012. Acessado em: 21/05/2020.

_____. **Moradores de rua recebem todo tipo de ações da Assistência.** Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br>. Acessado em: 21/05/2020.

_____. Plano Diretor de Três Lagoas/MS. Prefeitura Municipal de Três Lagoas, 2006.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Ed. Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1986.